



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V  
PROGRAMA DE MESTRADO EM HISTÓRIA  
REGIONAL E LOCAL**

**LIELVA AZEVEDO AGUIAR**

**“AGORA UM POUCO DA POLÍTICA SERTANEJA”: A  
TRAJETÓRIA DA FAMÍLIA TEIXEIRA NO ALTO SERTÃO DA  
BAHIA (CAETITÉ, 1885-1924)**

**SANTO ANTÔNIO DE JESUS  
2011**

**LIELVA AZEVEDO AGUIAR**

**“AGORA UM POUCO DA POLÍTICA SERTANEJA”: A  
TRAJETÓRIA DA FAMÍLIA TEIXEIRA NO ALTO SERTÃO DA  
BAHIA (CAETITÉ, 1885-1924)**

Dissertação apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do título de mestre em História no Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local do Departamento de Ciências Humanas - Campus V, Santo Antônio de Jesus, da Universidade do Estado da Bahia, sob orientação do Prof. Dr. Raimundo Nonato Pereira Moreira.

**SANTO ANTÔNIO DE JESUS  
2011**

**LIELVA AZEVEDO AGUIAR**

**“AGORA UM POUCO DA POLÍTICA SERTANEJA”: A  
TRAJETÓRIA DA FAMÍLIA TEIXEIRA NO ALTO SERTÃO DA  
BAHIA (CAETITÉ, 1885-1924)**

Dissertação apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do título de mestre em História no Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local do Departamento de Ciências Humanas - Campus V, Santo Antônio de Jesus, da Universidade do Estado da Bahia, sob orientação do Prof. Dr. Raimundo Nonato Pereira Moreira.

Santo Antônio de Jesus, \_\_\_\_\_

---

Prof. Dr. Raimundo Nonato Pereira Moreira

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Maria de Fátima Novais Pires

---

Prof. Dr. Rinaldo Cesar Nascimento Leite

---

A282 Aguiar, Lielva Azevedo.

“Agora um pouco da política sertaneja”: a trajetória da família Teixeira no alto sertão da Bahia (Caetité – 1885–1924). / Lielva Azevedo Aguiar - 2011.

163 f.: II

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Pereira Moreira.

Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local, 2011.

1. Bahia – História – séc. XIX. 2. Bahia – História – séc. XX.  
3. Teixeira, Deocleciano Pires. I. Moreira, Raimundo Nonato Pereira.  
II. Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local.

CDD: 981.42

---

Elaboração: Biblioteca Campus V/ UNEB  
Bibliotecária: Juliana Braga – CRB-5/1396.

Aos meus queridos avós: Deoclides Pereira de Aguiar, “vovô Dió” (*in memoriam*), e Sofia Azevedo Ferreira, “Vó Sila”, pela sabedoria com que escreveram suas histórias de vida.

Às minhas sobrinhas: Júlia, Gabriela e Alícia pela singeleza com que preenchem minha vida de alegria.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de poder descrever com muita precisão a importância que tantas pessoas tiveram nesse momento particular da minha vida. Entretanto, as palavras nunca me pareceram tão inexpressivas como agora... Fico feliz em dizer que cada linha desta dissertação carrega um pedaço da minha GRATIDÃO, pois foi construída por meio de incentivos, de compreensão, de afeto, de amor, de cuidado, de cumplicidade, de amizade, mas tudo isso só eu saberei em essência o quanto significou nesse processo.

Na difícil (e por vezes injusta) tarefa de “nomear”, agradeço aos professores, colegas e funcionários do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local, que tanto auxiliaram naquele momento inicial em que tudo era estranho e temerário. De forma especial, aos professores Wellington Castellucci, Gilmário Brito e Ana Maria Carvalho, pelas aulas “cheias de vida” com as quais tanto aprendi sobre as sutilezas da prática historiográfica. Ao professor Raimundo Nonato pelo voto de confiança demonstrado desde o momento em que se propôs a me orientar, dando-me autonomia para encaminhar o trabalho ao sabor das minhas experiências com as fontes, embora “longe dos seus olhos”. Agradeço pela prontidão em ler os meus textos, pelos cuidados com os prazos, e pelos conselhos dados, lembrando-me sempre: “respire”, mesmo diante dos meus “emails chorosos”.

Aos colegas (Oscar, Wadson, Alex, Moisés, Melina, Marilva, Priscila, Antônio, Gilson, “Fatinha”, Mayra, Carol, Thethê, Margarete) agradeço pelos conhecimentos repartidos, pelas amizades feitas e pelos cuidados com a “*Fina Flor* do sertão”, como carinhosamente me apelidaram. Entre eles destaco, de forma muito especial, a colega e amiga Wilma Souza, que tantas vezes realizou minhas matrículas, protocolou documentos, resolveu questões diversas e, juntamente com seu esposo, Antônio, afetosamente me hospedou em sua casa, proporcionando-me momentos de aconchegante alegria, sem falar nas delícias de “D. Dina”. Também sou grata à colega e amiga Ednair Rocha, “Didi”, não só pela afeição que nos entrelaçou no Recôncavo, mas especialmente pelos momentos compartilhados já de volta ao sertão. Nossos encontros em Vitória da Conquista, telefonemas e emails foram alentos imprescindíveis para mim, bem como oportunidades ímpares [e muito divertidas] de repartirmos as ansiedades em comum. Em especial, agradeço por lembrar-se de mim em suas pesquisas, localizando documentos importantes para este trabalho.

Às amigas e companheiras desde os tempos da graduação (Rê, Gabi e Poli) agradeço por toda cumplicidade que nos une. A Maria Regina Xavier agradeço em especial pelo tempo singular em que dividimos as “bolachas” em Santo Antônio; a Gabriela Nogueira, pela força e carinho que sempre me transmitiu nos momentos diversos; e a Napoliana Santana, pelo sorriso aberto, pelos documentos compartilhados e pelos diálogos acerca dos aspectos que aproximam nossas pesquisas.

A Capes, que me tranquilizou com a concessão da bolsa durante parte do curso.

Aos professores da Banca de Qualificação e Defesa: Rinaldo César Leite e Maria de Fátima Novaes Pires, pela leitura cuidadosa do texto, pelas arguições, indicações de leitura e pelas inestimáveis contribuições que resultaram no importante redirecionamento do trabalho após a qualificação. De forma especial, destaco a professora Maria de Fátima, que acompanhou os primeiros e imaturos passos dessa pesquisa ainda na graduação, tornando-se desde aquela época uma pessoa fundamental na minha formação. Nos difíceis momentos da escrita deste trabalho pude contar com o seu apoio e solicitude, mesmo em meio aos seus compromissos diversos, e mais do que isso, pude contar com sua amizade traduzida em palavras de incentivo e encorajamento, em gestos de carinho e acolhimento: obrigada de coração!

Aos demais professores da graduação, cujos laços estreitados transformaram-nos em amigos, agradeço a dedicação continuada. Entre eles, Prof. Nivaldo Dutra, que, além dos livros emprestados, das indicações de textos e das leituras dos meus rascunhos, se tornou importante por todo seu carisma e cuidado nos momentos diversos; Prof. Jairo Carvalho, pelos textos sugeridos e cordialidade de sempre, e à querida Lúcia Porto, pelos ensinamentos transmitidos com tanta amabilidade.

Ainda “tateando” com as palavras, tento destacar a importância do professor e amigo Marcos Profeta Ribeiro, a quem tive a grata satisfação de conhecer no ano de 2002, em meio aos primeiros trabalhos de catalogação dos documentos da Casa do Barão, os “bolinhos fritos” da minha avó e as histórias sobre as “alminhas” da sua avó. Lembra? Desde então, a vida deu tantas voltas, levando-nos e trazendo-nos novamente para Caetité, num momento em que seu trabalho, seus conhecimentos sobre o acervo, sua praticidade com a escrita, seu compromisso com a pesquisa historiográfica, sua sensibilidade com as fontes e, especialmente, sua amizade foram essenciais para mim. Sem medir esforços, desprovido de qualquer obrigação, jamais se omitiu em me ajudar, mesmo nos finais de semana e nos seus períodos de férias. Sem dúvidas, eu não tenho como te agradecer!

Nas jornadas de pesquisa no Arquivo Público Municipal de Caetité, contei com o auxílio de amigos e funcionários sempre muito prestativos, cuja alegria contagiante atenuava todo cansaço. Estendo a todos eles os agradecimentos feitos à coordenadora e amiga Rosália Junqueira, com quem tanto aprendi no tempo que ali passei como estagiária e posteriormente como pesquisadora. Também por lá, tive prazer de conhecer Giane e Joseni, colegas de pesquisa com quem compartilhei importantes momentos de diálogo.

Agradeço ainda à estimada professora e amiga Anaíde Fernandes e à professora Belma Gumes que me agraciaram com a leitura do texto final, a Tainara Azevedo, pelos documentos digitados com tanto cuidado, e à professora e coordenadora da Casa Anísio Teixeira, Maria Auxiadora Lédo (Mara), pelas fotografias cedidas e solicitude de sempre. Aproveito também para agradecer aos alunos de História da UNEB - campus VI, que dividiram seus conhecimentos comigo durante o “tirocínio” docente, bem como aqueles que me alegraram com sua presença na defesa deste trabalho.

Os encontros [de história] da vida reservaram-me gratas surpresas, dando-me o privilégio de conhecer pessoas como Aruã Lima, a quem agradeço não só pelo “abstract”, mas, muito mais, pela amizade de todos esses anos e pelos ensinamentos que não se restringem aos assuntos acadêmicos; e à pesquisadora Silvia Sarmiento, a quem sou grata pelo acolhimento, pelas preciosas sugestões e por todo incentivo.

Aos amigos raros que coleciono em Caetité (Graciene Nunes, Raema Cotrim, Manoel Neto, Fernando Dias, Carlos Allan, Anderson Carvalho, Paulo Marcos, Jhonath Dias, entre outros), é mais fácil dizer que cada um de vocês sabe a importância que tiveram nesses dois últimos anos da minha vida.

Sonhei em dividir este trabalho com o meu querido avô, Deoclides Pereira de Aguiar (*vovô Dió*), de quem herdei o gosto pela história. Mas, a vida se apressou, deixando apenas suas palavras ecoando em mim... Foram elas que me aproximaram das “vivências sertanejas” descritas na documentação, tantas vezes lidas como ao som das suas “velhas histórias”... Assim como ele, minha avó Sofia Azevedo (*Dona Silinha*) guarda em sua história as marcas desse sertão do início do século XX. São trajetórias que me ajudaram a perceber os sujeitos de vida simples, como a deles, mesmo numa documentação predominantemente elitista. A minha avó, de quem ainda desfruto de “boas histórias”, agradeço por todo cuidado e amor e pela maneira singular com a qual enche minha vida de alegria.



Honro aos meus pais pelo amor impagável com o qual conduziram a minha vida e a dos meus irmãos, pelo apoio incondicional, pelos meses que me mantiveram longe de casa, pelo cuidado de todos os dias, pela paciência com os livros e papéis espalhados e por entenderem meus necessários momentos de “isolamento”. Devo dizer que esta dissertação não existiria sem a combinação de duas virtudes observadas cotidianamente: a perseverança da minha mãe e a paciência do meu pai. Obrigada por TUDO!

Aos meus irmãos eu agradeço por sermos um “cordão de três dobras”, fortalecido pelo amor que nos liga apesar da distância. Marcos e minha cunhada Andréa foram grandes entusiastas, incentivadores... a eles eu agradeço principalmente por compreenderem as minhas ausências nesse momento tão especial para nossa família que é a chegada de Alícia. A Tássio (meu Tatal) eu agradeço pela prontidão em me ajudar com as tabelas, fotografias e outros aspectos gráficos da dissertação, mas também pela alegria da sua companhia a cada esperado retorno seu.

Em dias tão cansativos, minhas sobrinhas Júlia e Gabriela coloriram minha vida. Através de um sorriso cativante, de uma companhia silenciosa (quando passavam horas ao meu lado fazendo suas tarefas escolares, lendo um livro ou simplesmente esperando que eu “terminasse de estudar”) ou de perguntas do tipo: “Tia, quem é esse tal de Deocleciano?” ou “que dia a senhora vai parar de estudar e vai brincar comigo?”, elas se fizeram presentes em vários momentos da escrita.

Embora sendo impossível ressaltar a importância de cada um, não há como esquecer os meus tios, tias, primos e primas, que são tão PRESENTES em minha vida. Agradeço desde as caronas, empréstimo de computador, leituras do texto, hospedagens em Salvador... até a torcida mais sincera!!

Por fim, resta-me o principal: Render-me diante da soberania do Autor de toda história, que fez as coisas acontecerem “fora do meu controle”... Seu amor e misericórdia são a razão de tudo em minha vida! *“Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nenhum dos seus benefícios.” (Salmos 103: 2)*

## RESUMO

AGUIAR, Lielva Azevedo. “Agora um pouco da política sertaneja”: A trajetória da família Teixeira no alto sertão da Bahia (Caetité, 1885-1924).

Esta dissertação discute a trajetória política da família Teixeira no alto sertão da Bahia, destacando a atuação de Deocleciano Pires Teixeira no contexto da Primeira República. As balizas temporais, um tanto flexíveis, são marcadas pelos anos de 1885, quando essa família chegou à cidade de Caetité, e 1924, ano em que alcançaram uma grande vitória política, com a posse de Francisco Marques de Góis Calmon no governo da Bahia. Nesse interstício, diversas estratégias de consolidação econômica e política foram engendradas por Deocleciano Pires Teixeira, com o fim de driblar os reveses da política baiana na Primeira República e, dessa forma, alcançar grande proeminência na região alto-sertaneja. Destacaram-se, nesse sentido, as diversas alianças estabelecidas por essa liderança, não só em âmbito local, mas também, estadual e federal. A correspondência pessoal, assim como uma gama de variados documentos produzidos pela família Teixeira foram as principais fontes utilizadas nesta dissertação e, confrontadas com outras fontes, revelaram importantes articulações políticas e socioeconômicas estabelecidas a partir do alto sertão baiano. O presente trabalho é composto por três capítulos. O primeiro trata do alto sertão da Bahia e das estratégias de consolidação econômica da família Teixeira naquela região. O segundo aborda as vicissitudes enfrentadas por Deocleciano Teixeira a fim de alcançar o “soerguimento” político em 1924. Por fim, o terceiro e último capítulo aprofunda “outras estratégias” políticas tecidas por essa família no alto sertão da Bahia.

Palavras- Chave: Deocleciano Teixeira. Redes de sociabilidades. Alianças políticas. Alto sertão da Bahia.

## ABSTRACT

AGUIAR, Lielva Azevedo. “Agora um pouco da política sertaneja”: The path of Teixeira family in the upper backland of Bahia (Caetité, 1885-1924).

This dissertation discusses the political path of the Teixeira family in the upper backland of Bahia, emphasizing the acting of Deocleciano Pires Teixeira in the context of the First Republic. The temporal barriers, relatively loose, are marked by the years of 1885, when this family arrived in the city of Caetité, and 1924, year when they reached an important political victory, as Francisco Marques de Góis Calmon took over as governor of Bahia. During this interim, many strategies were undertaken by Deocleciano Pires Teixeira, with the purpose to alleviate the defeats throughout the political processes in Bahia during the First Republic and, this way, becoming prominent in the region of the upper backland. To be highlighted, because of these factors, are the various alliances established by this leadership, not only locally, but, also, in state and federal spheres. The personal correspondence, as well as a wide spectrum of sources produced by the Teixeira family, were the main sources used in this dissertation and, confronted with other ones, revealed important political and social-economical articulations established from the upper backland of Bahia. This work is composed by three chapters. The first one is about the upper backland of Bahia and the strategies of economical consolidation managed by the Teixeira family in that region. The second deals with the vicissitudes which Deocleciano Teixeira fought in order to reach the political “revival” in 1924. At last, the third and last chapter deepens “other strategies” of power woven by this family in the upper backland of Bahia.

Keywords: Deocleciano Teixeira. Sociability nets. Redes de sociabilidades. Political alliances. Upper backland of Bahia.

**LISTA DE FIGURAS:**

Figura 01: Família Teixeira.....	17
Figura 02: Sobrado da família Teixeira.....	28
Figura 03: “Distribuição dos valores médios de monte-mor dos inventários, Caetité: 1860-1914.”.....	38
Figura 04: Sala de jantar do sobrado dos Teixeira.....	58
Figura 05: Sala de visitas do sobrado dos Teixeira.....	58
Figura 06: Anúncio Fidelgino Vieira.....	60
Figura 07: Diagrama dos Partidos Políticos da Bahia.....	78
Figura 08: Oscar Spínola Teixeira (EUA).....	116
Figura 09: Oscar Spínola Teixeira (Bauru/ S.P).....	118
Figura 10: Mapa da Diocese de Caetité.....	138

**LISTA DE TABELAS:**

Tabela 1. Empréstimos realizados por Deocleciano Teixeira ao longo da década de 1880.....	41
Tabela 2. Registro das Despesas Eleitorais de Deocleciano Teixeira (1923-1924).....	99

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2 ENTRE CIDADES E FAZENDAS: AS ESTRATÉGIAS DE CONSOLIDAÇÃO SOCIOECONÔMICA DA FAMÍLIA TEIXEIRA</b> .....	35
1 “Aqui pelo sertão:” Entre arranjos de sobrevivência e estratégias de manutenção e alargamento das riquezas.....	36
2 “Que tal vai a capital?”: Viagens, comércios, cartas e remessas entre o sertão e as capitais.....	56
<b>3 DO OSTRACISMO [IN]VOLUNTÁRIO AO SOERGUMENTO DA BAHIA: AS ESTRATÉGIAS DE CONSOLIDAÇÃO POLÍTICA DA FAMÍLIA TEIXEIRA</b> .....	71
1 “Nas rodas políticas”: Deocleciano Teixeira em meio às vicissitudes da Primeira República na Bahia.....	72
2 “De política vamos assim, assim”: entre sucessos e dissabores, a conquista da vitória de 1924.....	92
<b>4 “QUANDO TUDO ESTIVER EM SEUS EIXOS, RECOLHO-ME AO LAR PARA DESCANÇAR”: A FAMÍLIA TEIXEIRA E OUTRAS ESTRATÉGIAS POLÍTICAS</b> .....	108
1 Como flechas na mão do arqueiro: a projeção dos filhos de Deocleciano Teixeira e suas influências no alto sertão da Bahia.....	109
2 “Leia sempre A Penna”: A imprensa de João Gumes a serviço da família Teixeira.....	126
3 “No bulir dos pauzinhos”: As alianças entre Deocleciano Teixeira e o Padre Luiz Pinto Bastos.....	136
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	145
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	150
<b>ANEXO 1:</b> Tabela dos resultados da segunda seção eleitoral de Caetité (1915-1923).....	158
<b>ANEXO 2:</b> Árvore Genealógica da Família Teixeira.....	160
<b>ANEXO 3:</b> Árvore Genealógica da Família Spínola Teixeira.....	162

## 1. INTRODUÇÃO

*O tempo já não é, primariamente, um abismo a ser transposto porque separa e distancia, mas é, na verdade, o fundamento que sustenta o acontecer, onde a atualidade finca suas raízes.*

*Hans-Georg Gadamer*

A presente dissertação destina-se à análise da trajetória<sup>1</sup> política da família Teixeira no alto sertão da Bahia<sup>2</sup>, entre os anos de 1885, quando chega à cidade de Caetité, e 1924, data em que alcança uma grande vitória política, com a posse de Francisco Marques de Góis Calmon no governo do Estado da Bahia.

Como patriarca da família, a trajetória de Deocleciano Pires Teixeira sobressai neste trabalho não só pelo grande contingente de documentos do seu acervo, relativos à política partidária, como também pelo fato de ter sido o político mais atuante entre os seus familiares durante o período aqui delimitado.

Natural da Fazenda de Nossa Senhora do Alívio do Brejo Grande (atual Ituaçu/BA), ele nasceu no seio de uma família de origem portuguesa, escravocrata e bem sedimentada, no ano de 1844. Seu pai, Antônio José Teixeira, vivenciou o auge da extração diamantífera na região das Lavras Diamantinas, chegando a comercializar em praças brasileiras e estrangeiras, como Londres e Paris. Dos 11 filhos que teve com sua esposa, Maria Magdalena da Silva Teixeira, sobreviveram apenas três, e destes, Deocleciano era o mais velho<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Na perspectiva de FRAGOSO (2007, p. 29), entende-se por trajetória “a ação [dos] sujeitos no tempo, ou seja, as opções assumidas ao longo de suas vidas e, portanto, em meio a confrontos. Dessa forma pretende-se identificar aqueles valores e recursos, assim como as mudanças neles verificadas diante de limites impostos por outros atores e demais fatores. A partir desse procedimento procuramos entender os grupos e hierarquias sociais como resultado de relações sociais recorrentes no tempo, porém continuamente submetidas a mudanças.”

<sup>2</sup> Segundo NEVES (1998:22), a “Região do Alto Sertão da Bahia, é referenciada na posição relativa ao curso do Rio São Francisco na Bahia e ao relevo baiano, que ali projeta maiores altitudes.” Também é chamada de “Alto Sertão da Serra Geral, ou simplesmente Sudoeste Bahiano.”

<sup>3</sup> Essas informações podem ser confirmadas a partir de anotações deixadas pelo avô e pelo pai de Deocleciano Teixeira no final de um livro-caixa. Segundo tais relatos, Felix José Antunes Teixeira (o avô) nasceu em Lisboa em 1791, onde morou até 1813, quando então se mudou juntamente com a família para a Vila de Rio de Contas. O pai de Deocleciano, Antônio José Teixeira, nasceu em Rio de Contas em 1816 e trabalhou com o comércio de pedras preciosas. Em suas anotações, no final desse livro-caixa, há informações sobre o nascimento de alguns de seus filhos e também de 29 escravos, como “Cândido filho de m<sup>a</sup> escrava Anna no dia 9 de Ag<sup>to</sup> de 1846” e “Carolina filha de m<sup>a</sup> escrava Rufina no dia 9 de Abril de 1847.” APMC: Fundo: Acervo Casa de Anísio Teixeira. Série: Registros Contábeis. Grupo: Livro Caixa. Caixa: 03, Maço: 13.

Ainda jovem, foi para Salvador juntamente com sua família, onde conheceu e conviveu com outros filhos da elite baiana, muitos dos quais posteriormente se tornaram pessoas influentes, como Rui Barbosa, de quem foi colega. Além disso, formou-se em Medicina pela Faculdade da Bahia, serviu como médico voluntário na Guerra do Paraguai e após a formatura trabalhou alguns anos como médico da Marinha. Depois disso, mudou-se para a cidade mineira de Grão Mogol, onde clinicou por algum tempo, até retornar para a Chapada Diamantina.

Esses anos foram fundamentais em sua trajetória, especialmente pelas possibilidades que o ambiente da capital lhe proporcionou de construir amizades entre pessoas influentes. Além disso, como salientou SARMENTO (2009, p. 16), “era através do estabelecimento de uma rede de contatos com a elite tradicional da província que jovens [como Deocleciano Teixeira] tinham possibilidade de ingressar no restrito mundo da política profissional.”

De volta a Lençóis, formado em medicina, filho de um conhecido comerciante da região, Deocleciano certamente surgiu como um “bom partido” para as moças solteiras daquele lugar. Seguindo a trilha natural de homens em posições como a dele, buscou aliar-se, através do matrimônio, a uma família de posses que lhe preservasse a posição socioeconômica. Algo de “curioso”, mas certamente nada incomum para a época, rodeou seus matrimônios: em virtude de sucessivos momentos de viuvez, casou-se três vezes e suas três esposas eram irmãs. Filhas de Antônio de Souza Spínola<sup>4</sup>, irmãs de Aristides Spínola<sup>5</sup>, elas também compunham uma família rica, de posses e influências na região alto-sertaneja e graças a tais casamentos Deocleciano Teixeira tornou-se proprietário de largas extensões de terra, gados e escravos em fazendas localizadas à margem do rio São Francisco.

Deixando de lado a medicina, Deocleciano Teixeira envolveu-se em negócios diversos, entre eles, importantes transações comerciais que refletem o dinamismo da economia alto-sertaneja com a capital baiana e outras mais. De forma muito intensa, envolveu-se também com a política regional e estadual, especialmente após sua

---

<sup>4</sup> De acordo com a memorialista Helena Santos (1997, p. 148), Antônio de Souza Spínola “residiu em Caetité, transferindo-se para Lençóis, onde foi político destacado, sendo várias vezes Deputado Geral. Fez parte da Assembléia Constituinte de D. Pedro II. Pertencia ao Partido Liberal.” Além disso, “casou-se com Constança, filha do Capitão Anacleto Teixeira de Araújo, que foi Delegado de Polícia de Caetité em 1821.”

<sup>5</sup> Segundo a mesma autora, Aristides de Souza Spínola diplomou-se em Direito, mas seguiu a carreira política. “Foi Deputado Provincial em várias legislaturas, Deputado Federal no Império e na República e Presidente do Estado de Goiás. Não se casou; residia no Rio de Janeiro, onde faleceu em 1925.” (SANTOS, op. cit. p. 150)



mudança para a cidade de Caetité, onde estrategicamente construiu uma carreira exitosa, sobressaindo, em meio aos percalços da política baiana na Primeira República, como político influente.

Foi no início do terceiro casamento que Deocleciano mudou-se para aquela cidade, juntamente com sua esposa Anna Spínola Teixeira e três filhos dos casamentos anteriores... era o ano de 1885.

Após essa data, o nascimento de mais onze filhos completou a família enfocada no presente trabalho. Parcialmente retratada na fotografia seguinte (figura 1), ela configurava-se como uma tradicional família de elite dos fins do século XIX: extensa, afortunada, patriarcalista<sup>6</sup> e católica. Certamente, a frouxidão da expressão “patriarcal” já se observa no limiar do século XX, entretanto ela ainda é adequada para caracterizar



Figura 1: Família Teixeira. Fonte: APMC. Acervo Casa Anísio Teixeira. Autoria Desconhecida<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> Segundo Cid Horta, o patriarcalismo   uma antiga organiza o social que teve uma de suas versões impressa na forma o da sociedade brasileira. Nessa organiza o, o universo girava em torno da figura central do patriarca. A esposa, os filhos, netos, irmãos, primos e sobrinhos, cunhados, genros e noras, sogros e sogras, além dos dependentes, agregados e outros que se acolhem   sombra do poder de quem é não apenas chefe de cl  natural, mas também político, dono da economia - fazendeiro ou empresário -, subjugando direta ou indiretamente os chefes religiosos, que também se acolham sob o seu manto. (HORTA, 1986. p. 111).

<sup>7</sup>Sobre essa mesma fotografia, Marcos Ribeiro (2009, p. 63) apontou que: “segundo informa es fornecidas por Yeda Teixeira de Castro e Anésia Bastos, respectivamente sobrinha e afilhada de Celsina Teixeira [filha de Deocleciano e Ana Spínola], as pessoas que aparecem na fotografia foram assim

a família Teixeira, que, apesar de ser composta por mulheres atuantes na sociedade e nos arranjos familiares, ainda contava com a forte influência masculina do pai como “chefe de família”.

Sobre as mulheres, ainda é possível dizer que a maioria recebeu uma educação formal (escolar), foram casadas também com pessoas de ricas famílias e não se restringiram aos papéis domiciliares e religiosos. Os homens, assim como o pai, Deocleciano Teixeira, tiveram uma formação superior adquirida em faculdades de Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo. Viveram, por isso, grande tempo “longe” do sertão, porém jamais distantes dos acontecimentos, modos de vida, expectativas e valores que cercaram sua família no interior baiano. Da mesma forma, mesmo em regiões distintas, também não se desperceberam da política desempenhada pelo pai no alto sertão baiano e, sempre que possível, tornaram-se fortes aliados ou envolveram-se diretamente nessa atividade, especialmente nos anos que cercaram a vitória política de 1924.

Na cidade de Caetité, essa família encontrou um terreno fértil para a manutenção e alargamento das riquezas de outrora, repetindo as “estratégias de ascensão utilizadas pelas ‘nobrezas da terra’”, ou seja, por aqueles que se instalaram no Brasil desde o século XVI, conforme discute SAMPAIO (2007). De acordo com esse autor, tais estratégias não se estabeleciam apenas em virtude dos interesses materiais mais imediatos, mas também em função

[...] de alianças políticas mais sólidas, as quais freqüentemente se expressavam por meio de estratégias matrimoniais que visavam a unir certas famílias ou a agregar a elas os adventícios mais bem-sucedidos. Conhecer essas estratégias é, assim, de fundamental importância para compreendermos mais profundamente os mecanismos que geravam tais alianças. (SAMPAIO, 2007, p. 243)

Arranjos matrimoniais, apadrinhamentos, alianças políticas, inserção em redes sociais influentes, entre outras estratégias, também foram fundamentais para a família Teixeira. Ainda se observou o quanto os negócios relacionados às fazendas e criações de gado, bem como aqueles ligados ao comércio e aos empréstimos em dinheiro, foram importantes para sua consolidação econômica. Atrelado a eles, o envolvimento político reforçou a distinção conferida pelo *status* econômico, endossando a eminência dessa

---

identificadas: ao fundo e em pé (a partir da esquerda): Evangelina, Hersília e Celsina; Em segundo plano, da esquerda para a direita: Oscar, Deocleciano (sentado), Leontina (em pé, ao centro), Anna (sentada) e Celso; no colo de Deocleciano: Nelson, com Anísio próximo e segurando a mão de Jayme; e no colo de Anna: Angelina (Gigi). A última filha do casal, Carmem (Carmita), ainda não havia nascido. Este fato permite estimar a data da fotografia em 1906.

família na cidade de Caetité e nas demais localidades do seu entorno. Ressaltadas tais características, argumenta-se, conforme Lorena Monteiro (2009, p. 26):

[...] que uma *elite* social, intelectual e/ou política não é algo dado, é, antes de mais nada, um fenômeno social e histórico a ser explorado, e, enquanto tal, deve ser apreendido, tanto pelas suas bases e atributos sociais quanto pelas suas práticas sociais, tomadas de posição, em um dado contexto histórico.

Essa autora discute que os grupos dominantes não são “explicativos em si mesmos”, eles se forjam a partir de determinadas realidades sociais. Desta forma, os estudos sobre as elites também são reveladores dos processos históricos em curso, uma vez que não se desvinculam do contexto em que seus membros atuaram. Na mesma perspectiva, Flávio Heinz (2006) discute que a proposta de novos estudos sobre as elites não caminha na contramão daqueles que privilegiam as ações dos sujeitos que, durante muito tempo, foram desprestigiados pela historiografia tradicional; nem buscam dar maior visibilidade aos que desfrutaram de certa distinção. Trata-se, na verdade, “de compreender através de uma análise mais ‘fina’ dos atores situados no topo da hierarquia social, a complexidade de suas relações e de seus laços objetivos com o conjunto ou com setores da sociedade.” (HEINZ, 2006, p. 4).

De acordo com essa nova abordagem, abandona-se a ideia de que os grupos dominantes não precisam ser estudados em virtude de serem supostamente conhecidos através dos estereótipos sociais. Ao contrário, a história das elites, formulada a partir da retomada de interesse dos historiadores pelos grupos de indivíduos que ocupavam posições de destaque numa sociedade, desfrutando de influências e privilégios, difere da “história cega dos dominantes que era a história política clássica” quando os “historiadores começam a se engajar em definir as redes sociais que ligam as diversas elites”. (CHARLE, 2006, p. 30).

Deve-se lembrar que durante muito tempo as histórias de grupos dominantes, especialmente aquelas de viés político, foram descredenciadas em virtude de serem associadas à história política tradicional, marcada por fortes traços positivistas. Longe disso, a renovação dos estudos políticos, salientada por René Rémond (2003), reflete também as transformações da historiografia como um todo, marcadas pelo contato com outras disciplinas, pelo trabalho a partir de novas fontes e objetos e pelos olhares inovadores lançados sobre eles, buscando integrar a atuação de diversos sujeitos sociais. São transformações também ligadas aos movimentos históricos, que levam e trazem determinadas temáticas para o cerne das discussões acadêmicas.

De acordo com o mesmo autor, tal renovação possibilitou a compreensão de que análises políticas são inviáveis quando realizadas de forma reducionista, pois “o político tem relações com outros domínios: liga-se por mil vínculos, por toda espécie de laços, a todos os outros aspectos da vida coletiva [...] é uma modalidade da prática social.” (RÉMOND, 2003, p. 35).

Foram as luzes lançadas por esses novos estudos que cercaram a análise da trajetória política da família Teixeira, dando espaço às primeiras inquietações. Residindo em Caetité, no alto sertão baiano (uma região marcada por dificuldades diversas), “distante” dos grandes centros administrativos do país, em um período de notáveis transformações econômicas, políticas e sociais no Brasil, como alguns membros dessa família alcançaram amplo destaque político? Que vínculos facilitaram tal ascensão? O que sua trajetória é capaz de revelar sobre as condições econômicas e sobre a política do alto sertão baiano? Que outras experiências de vida se cruzam à desses sujeitos?

Além dos questionamentos diversos, buscou-se conhecer, através de uma documentação variada:

[...] os modelos e/ou estratégias empregados [...] para alicerçar uma carreira exitosa e socialmente ascendente ou, em outros casos, evitar – mediante mecanismos de reconversão social – um declínio ou uma reclassificação social muito abrupta. (HEINZ, 2006, p. 09).

Nesse sentido, as estratégias pensadas por Deocleciano Pires Teixeira (transações econômicas diversas, educação para os filhos, alianças com setores diversos da sociedade – dentro e fora do sertão – entre outras) evidenciaram as tentativas de se evitar uma reconversão social. Da mesma forma, aquelas estratégias pensadas nos anos de “ostracismo”<sup>8</sup>, se tornaram alicerces para o futuro êxito da sua carreira política. Além disso, elas demonstraram o processo que desencadeou uma maior ascensão da família Teixeira a partir de 1924.

É importante ressaltar que a trajetória política dessa família se confunde com a história política da Primeira República na Bahia, marcada por dissidências e reveses que por vezes roubaram a paz não só da capital, mas também do sertão baiano. Sobre esse

---

<sup>8</sup> Essa expressão faz parte da discussão presente no segundo capítulo. Adotada a partir de uma fala jornalística, ela simboliza o isolamento das atividades políticas. Entende-se, no entanto, que apesar das desavenças com lideranças baianas, capazes de impor a Deocleciano Teixeira a condição de “ostracismo”, ele não deixou de se articular politicamente, com vistas a um futuro “retorno” as atividades partidárias. Também se entende que seu aparente afastamento não foi uma atitude voluntária, mas uma situação provocada por momento político desfavorável.

aspecto, a historiadora Consuelo Sampaio salienta que os estudos sobre a Primeira República no Brasil (1889 – 1930) estiveram por algum tempo voltados apenas para os Estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul, que exerceram maior atração entre os historiadores, por terem sido centros de decisões políticas àquela época. Tal fato, entretanto, contribuiu para que “visões lacunosas – devido às generalizações feitas” – se firmassem sobre o sistema político partidário brasileiro. Para esta autora, “no *Outro Brasil*, norte e nordeste, foram Liberais ou Conservadores da Monarquia que continuaram a comandar a vida política local, até dela serem afastados pela inexorável limitação do ciclo vital humano.” (SAMPAIO, 1998, p. 22).

Nessa mesma perspectiva, observa-se que na Bahia os estudos sobre a Primeira República também se focaram, durante muito tempo, apenas na capital e regiões do seu entorno, desconsiderando o interior e sua importância nos destinos políticos de então<sup>9</sup>. Em vista disso, o primeiro contato com o acervo documental da família Teixeira apontou para a necessidade de se “recontar” um momento da história política baiana a partir de uma região ainda pouco estudada (sobretudo do ponto vista político). Notando a carência de tais estudos, Marisa Teruya (2000, p. 07) chamou atenção para a existência de uma história homogeneizante, que desconsiderou por muito tempo as diferenças regionais e temporais, esquecendo-se dos “outros lugares”, como o sertão nordestino, cujas peculiaridades históricas e regionais foram enquadradas numa “visão de mundo litorâneo-nordestino”.

Sobre esse aspecto, Maria de Fátima Pires (2009, p. 03) tem apontado para os novos estudos sobre o sertão baiano, que, outrora tido como “‘isolado e distante’, finalmente, passa a ocupar espaço no meio acadêmico”. Para essa autora, a importância de trabalhos recentes vai ao encontro da crítica de TERUYA (2000), uma vez que são marcados pelo “reconhecimento da diversidade regional [que] tem renovado a historiografia baiana.” Destaca-se, ainda, que tais pesquisas são reveladoras “de articulações sócio-econômicas e culturais entre os sertões e outras partes da província da Bahia, do Brasil e do exterior”. (PIRES, 2009, p.04).

---

<sup>9</sup> Exceto no que diz respeito à atuação de destacados coronéis da Chapada Diamantina, os quais são notados pela historiografia sobre a Primeira República em virtude dos intensos conflitos existentes entre eles e o governo baiano, ou mesmo pela eminência do seu poder frente ao governo federal. Nesse aspecto, destaca-se a figura do Coronel Horácio de Matos, conhecido como um dos mais poderosos coronéis da Bahia.

Entre os estudos mais recentes<sup>10</sup>, pautados nessa perspectiva, está o de Isnara Ivo (2008), em que se discute como:

Os sertões guardavam singularidades múltiplas, trânsitos e mobilidades e, assim como as cidades coloniais, abrigavam movimentos de pessoas e de produtos das mais diferentes partes do império ultramarino português, tal como se verificara nas áreas urbanas. (IVO, 2008, p. 01)

Na esteira desses estudos, o presente trabalho também se insere entre aqueles que buscam dar visibilidade a regiões distintas daquelas tradicionalmente enfocadas pela historiografia brasileira, buscando evidenciar um pouco das articulações políticas traçadas num “sertão distante”, porém extremamente interligado aos centros administrativos do Brasil, especialmente Salvador e Rio de Janeiro, destacando-se, conforme salientado, a atuação de Deocleciano Pires Teixeira.

Como um dos tipos políticos apontados por SAMPAIO (2008), ele iniciou sua carreira ainda no Império, mantendo-se atuante no alto sertão da Bahia durante toda a Primeira República, driblando as instabilidades políticas com uma argúcia peculiar, amenizando as possibilidades de ruptura entre um regime e outro, até se afastar dessa atividade pela “inexorável limitação do ciclo de vida humano”.

Embora não se desconsidere a importância de outros membros da família nas articulações políticas a ela relacionadas, inclusive das mulheres, ou mesmo a maior evidência desfrutada por Anísio Teixeira (que se tornou um educador nacionalmente reconhecido), as fontes pesquisadas, além de evidenciarem ricas particularidades sobre a carreira política de Deocleciano Teixeira, também apontaram a necessidade de estudos que revisitem temas clássicos da historiografia, como, por exemplo, o coronelismo.

Tradicionalmente, o coronelismo esteve relacionado ao meio rural, onde o distanciamento das autoridades oficialmente constituídas, bem como o poderio econômico ostentado por um proprietário de terras conferiam-lhe o *status* de “senhor absoluto”. Da mesma forma, as interpretações construídas pelos intelectuais do pós-trinta, que pretendiam dicotomizar o “velho” e o “novo” período republicano brasileiro, legaram àqueles anos iniciais títulos como “República Velha”, “Oligárquica”, “dos Coronéis”, etc., que ainda são constantemente utilizados sem maiores reflexões. Em virtude deles, tende-se a enxergar os primeiros anos republicanos como uma fotografia: os coronéis no poder, as oligarquias dominando e a grande população à mercê de

---

<sup>10</sup> Destaca-se a importância do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local (UNEB/Campus V), que tem viabilizado a realização de diversas novas pesquisas sobre regiões ainda pouco estudadas.

mandos e desmandos, visões que deságuam na ideia de um período cujas relações eram sem complexidade.

Entretanto, como salientou José Murilo de Carvalho (1997, p. 02):

Da imagem simplificada do coronel como grande latifundiário isolado em sua fazenda, senhor absoluto de gentes e coisas, emerge das novas pesquisas um quadro mais complexo em que coexistem vários tipos de coronéis, desde latifundiários a comerciantes, médicos e até mesmo padres. O suposto isolamento dos potentados em seus domínios também é revisto. Alguns estavam diretamente envolvidos no comércio de exportação, como os coronéis baianos da Chapada Diamantina, quase todos se envolviam na política estadual, alguns na política federal [...] Alguns autores encontraram mesmo um coronelismo urbano [...] ou um coronelismo sem coronéis [...] O conceito atinge, nesses casos, uma amplitude e uma frouxidão que lhe tiram o valor heurístico.

As características apontadas acima se apresentam de maneira pertinente para o presente trabalho, pois colocam em questão a figura tradicional do coronel, possibilitando reflexões sobre a prática de homens diversos, inseridos num “sistema político” característico da Primeira República no Brasil<sup>11</sup>. Tomando como referência a atuação de Deocleciano Pires Teixeira, pode-se afirmar que, apesar de proprietário de terras e residente no alto sertão baiano, uma região ainda com fortes tradições rurais, ele foi um homem de vivências urbanas. Era médico, residiu durante algum tempo na capital da Bahia, onde se graduou; era também comerciante, interligado a pessoas residentes em diferentes capitais, bem como em lugares distintos do interior baiano; preocupava-se em adquirir jornais de diferentes cidades e manter-se informado a respeito dos acontecimentos de maior amplitude. Mantinha uma rede de amigos influentes e atuantes na política estadual e federal e, apesar de exercer algumas práticas coronelistas, não foi um coronel de patente, aliás, dos homens da sua família foi o único que não ostentou nenhum título militar, uma vez que tanto seu pai, quanto seus dois irmãos aparecem nas fontes como “Major”.

Entre as práticas coronelistas, destacam-se aquelas baseadas em barganhas, especialmente entre o “coronel” e o “governo estadual”. Nesse sentido, José Murilo de Carvalho apontou que:

O governo estadual garante, para baixo, o poder do coronel sobre seus dependentes e seus rivais, sobretudo cedendo-lhe o controle dos cargos públicos, desde o delegado de polícia até a professora primária. O coronel hipoteca seu apoio ao governo, sobretudo na forma de votos. Para cima, os governadores dão seu apoio ao Presidente da

---

<sup>11</sup> Sobre o sistema coronelista, cf. CARVALHO, 1997.

República em troca do reconhecimento deste de seu domínio no estado. (CARVALHO, 1997, p. 02)

Como uma característica da política vigente na época, observou-se uma situação semelhante no alto sertão da Bahia, não apenas em relação a Deocleciano Pires Teixeira, cujo interesse pelo domínio dos cargos públicos na região se revelou diversas vezes, mas também em relação aos políticos de modo geral, tanto aliados quanto adversários nas disputas pelos poderes locais. Dessa forma, a discussão traçada ao longo do texto demonstra, ainda, a atuação de famílias e grupos políticos em busca de posições que lhes garantissem, prioritariamente, a consolidação de interesses particularistas.

Arelados às práticas coronelistas, evidenciou-se na documentação pesquisada o quanto a política alto-sertaneja foi marcada por “mandos” e “desmandos”. De acordo com José Murilo de Carvalho (1997, p.02), a noção de mandonismo distingue-se da de coronelismo, pois não era um sistema, mas um traço da política tradicional cuja existência não se observa apenas durante a Primeira República, “existe desde o início da colonização e sobrevive ainda hoje em regiões isoladas.” Vê-se que, através de imposições diversas, disputas armadas, fraudes eleitorais, etc., os chefes locais competiam suas próprias vontades sobre uma política que se pretendia democratizada. Nesse sentido, nota-se, através dos discursos presentes nas correspondências da família Teixeira, o quanto seus membros mais atuantes exprimiram as contradições de uma época em transformação, pensada a partir dos ideais republicanos, porém gerida pelos vícios de uma política supostamente sobrepujada.

Foi a partir do contato com o rico acervo documental produzido por essa família e doado ao Arquivo Público Municipal de Caetité<sup>12</sup>, que nasceu o desejo de perscrutar a sua trajetória política. O trabalho com essa documentação iniciou-se em 2008, nos semestres finais da graduação em História (UNEB/ Campus VI); contudo o projeto de pesquisa elaborado inicialmente, que versava sobre outro tema, foi modificando-se à medida que a documentação apontava diferentes caminhos, impulsionando, de forma quase inevitável, a discussão que ora se apresenta. Entretanto, aquilo que se pode

---

<sup>12</sup> Essa documentação foi doada pela fundação Anísio Teixeira, por meio de Ana Christina Teixeira (Babi – filha de Anísio Teixeira e diretora da Fundação). A doação foi feita em 2003, sob a legislação em vigor e autorizada à pesquisa, com base no documento de doação da Fundação e Termo do Arquivo. Segundo Marcos Ribeiro (2009, p.16): “A temporalidade dos documentos abrange a segunda metade do século XIX até a década de 1960 e é composto majoritariamente de correspondências pessoais. A metodologia de classificação seguiu as normas adotadas pelo Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB), ou seja, utilizando os critérios de fundo, grupo, série, etc.”



chamar de uma espécie de “sedução”, provocada pelo forte apelo do conteúdo político desse acervo, não nasceu sem muitas dúvidas, preocupações e receios. Tratar do assunto apresentou-se como um desafio, especialmente pelas fortes reminiscências que ainda se preservam sobre Caetité, uma espécie de “tradição” que nem sempre é compatível com a pesquisa histórica. Dessa forma, os cuidados no trabalho com a documentação, bem como o diálogo profícuo com a historiografia pertinente, permitiram um estudo que, ao abordar a atuação política da família Teixeira, evidencie práticas e comportamentos certamente desautorizados por “tradições” vigentes no âmbito local, mas que, por outro lado, revele outros olhares sobre um contexto específico da história política baiana.

Fazem parte do acervo em questão um montante de mais de cinco mil correspondências pessoais<sup>13</sup>, além das diversas fotografias, cartões postais, telegramas, jornais, livros contábeis, dentre outros documentos não catalogados. Juntos, eles são capazes de recontar fragmentos da história do alto sertão da Bahia, pois evidenciam, muitas vezes com riqueza de detalhes, não apenas as experiências de vida da família Teixeira, mas aspectos relacionados à conjuntura social, econômica e especialmente política daquela região a partir da segunda metade do século XIX. Deve-se pontuar ainda o ineditismo dessas fontes, tendo em vista a existência de apenas um trabalho realizado sobre parte das correspondências de Celsina Teixeira, uma das filhas do casal Deocleciano Teixeira e Anna Spínola.<sup>14</sup>

Tendo em vista as conexões mantidas por essa família com diferentes lugares do Brasil, especialmente Salvador e Rio de Janeiro, bem como as redes de sociabilidades nutridas entre Deocleciano Pires Teixeira e políticos influentes da sua época, através desses documentos observam-se, também, indícios de acontecimentos, modos de vida e relações políticas que se deram além das fronteiras do sertão baiano.

Juntamente com essa documentação, recorreu-se a atas da Câmara Municipal, atas eleitorais (1915-1923), relatos de viajantes, livros de memorialistas locais,

---

<sup>13</sup> O montante de correspondências está dividido da seguinte forma: Deocleciano Pires Teixeira: 2825 cartas; Rogaciano Pires Teixeira 1745 cartas; Celsina Teixeira Ladeia: 1443 cartas; Filhos de Deocleciano: 209 cartas; Ana Spinola Teixeira: 195 cartas; Mulheres Diversas: 127 cartas, dentre outras – aproximadamente 500 cartas – não identificadas e de outros familiares.

<sup>14</sup> Refiro-me à dissertação de Mestrado de Marcos Profeta Ribeiro: *Mulheres e Poder no Alto Sertão da Bahia: A escrita Epistolar de Celsina Teixeira Ladeia (1901 a 1927)*, que trata das múltiplas ações de Celsina Teixeira nas primeiras décadas do século XX, bem como estuda a trajetória e as redes de relações construídas por ela ao longo do período determinado. É um estudo pautado na escrita epistolar dessa personagem que relativiza poderes historicamente construídos dentro e fora do contexto familiar.

especificamente *Caetité e o Clã dos Neves* (1975)<sup>15</sup>, *Rescaldo de Saudades* (1986)<sup>16</sup> e *Caetité: Pequeninina e Ilustre* (1995)<sup>17</sup>; ao romance regional *Os Expatriados* (1920)<sup>18</sup>; à imprensa, especialmente ao jornal *A Penna*<sup>19</sup>; a inventários de bens referentes a membros dessa família, e também a algumas correspondências localizadas no acervo da “Casa do Barão” de Caetité<sup>20</sup>, com intuito de entremear informações de diferenciadas fontes.

Entretanto, deve-se lembrar que todas elas possuem mecanismos próprios de “falseamento”, para os quais é preciso estar sempre alerta, sobretudo, porque a maioria foi produzida para um público previamente destinado. Na perspectiva de Christophe Prochasson (1998, p. 117), “os arquivos privados não nos ensinam alguma coisa de “mais verdadeiro”, eles nos asseguram uma mudança de foco.” Nesse aspecto, a utilização de fontes diversas possibilita desconstruir noções apresentadas por apenas um

---

<sup>15</sup> O livro foi escrito por Marieta Gumes, que nasceu em Caetité por volta da primeira década do século XX. Através da “moldura evocativa de Caetité”, ela registrou suas memórias, utilizando-se de “informações de particulares”, dados encontrados na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – (IBGE – 1958) e exemplares do jornal *A Penna*.

<sup>16</sup> O livro foi escrito por Flávio Neves, que nasceu em Caetité em 1908. É uma publicação simples e difere dos demais livros utilizados por não apresentar fotografias, poesias, nem referências explícitas a consultas de outros materiais além de suas próprias lembranças. Assim como na obra de Marieta Lobão, observou-se uma escrita voltada para a preservação de memórias familiares, narrando fatos ocorridos na cidade de Caetité entre os finais do século XIX e início do século XX.

<sup>17</sup> O livro foi escrito por Helena Lima, que nasceu em Livramento do Brumado, cidade próxima a Caetité, em 1904. A primeira edição desta obra, mais reduzida, foi publicada na década de 70 e a segunda, ampliada e corrigida (utilizada neste trabalho), é de 1997. Nesta segunda edição, as ampliações e correções são realizadas a partir de informações adquiridas mediante relatos orais, colhidos pela própria autora, bem como da utilização das obras de Marieta Lobão e Flávio Neves e também através da consulta ao jornal *A Penna*.

<sup>18</sup> O “romance dos costumes sertanejos” foi escrito por Francisco Fagundes Lima, que nasceu em Caetité, no final do século XIX. A obra foi escrita entre 1919-1920, quando o autor não mais residia em Caetité; contudo seu enredo se passa naquela cidade, entre os anos finais do século XIX e início do século XX. De acordo com o memorialista Aníbal Viana (1982), de Vitória da Conquista, Francisco Lima foi professor, jornalista e pintor. Seu romance é uma obra rara, que supostamente não circulou em Caetité. Um exemplar desta obra foi doado ao Museu de Vitória da Conquista juntamente com a biblioteca de Mozar Tanajura. Nesta instituição, o original foi datilografado e somente localizou-se a cópia do romance.

<sup>19</sup> O jornal *A Penna* foi “editado no município de Caetité [e] circulou entre os anos de 1897 a 1943. De publicação quinzenal, se dizia o ‘*orgam dos interesses comerciais, agrícolas e civilizadores do alto sertão*’. Era impresso na Typografia d’A Penna, de propriedade de João Antonio dos Santos Gumes, jornalista, romancista e dramaturgo, tendo exercido os cargos de escrivão, coletor estadual e federal, secretário e tesoureiro da Intendência Municipal. Atuou em diversos governos municipais e seus artigos expressam o pensamento da elite dominante à época.” (SANTOS, 2001, p. 29 – grifo meu).

<sup>20</sup> A “Casa do Barão” é de propriedade particular e possui uma vasta, rica e diversificada documentação de suma importância, capaz de recontar a história do alto sertão da Bahia. Mas, infelizmente, essa documentação ainda não está acessível à pesquisa. Através de professores da UNEB e alguns monitores, fez-se a catalogação desses documentos. Como não foi possível ainda uma catalogação minuciosa, a descrição detalhada do lugar onde algumas fontes se encontram ainda é impossível, inclusive porque essa documentação será submetida a novas catalogações quando for disponibilizada ao público pesquisador. As fontes utilizadas nesta dissertação resultam, entretanto, de uma participação - como monitora da Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria de Fátima Novaes Pires - de uma equipe de pesquisa a esta documentação, em projeto sob coordenação da Uneb/Campus VI, no ano de 2008.

tipo de documentação, bem como questionar, contrastar ou confirmar determinadas informações.

Em relação às correspondências pessoais, que são fontes privilegiadas deste trabalho, PROCHASSON (1998, p. 111) apontou ainda que elas são carregadas de “armadilhas” e podem levar ao engano quando se pensa encontrar neste tipo de documentação uma “garantia de autenticidade, quando não de verdade” e alerta para o fato de que muitas cartas e documentos privados foram escritos com “o desejo, talvez inconsciente, de torná-los, o quanto antes, documentos públicos.” (PROCHASSON, 1998, 112).

As correspondências da família Teixeira apresentam ainda limitações compartilhadas por historiadores que utilizam acervos desse tipo e, por diversas vezes, o entremear das fontes apontou “saídas” para os desvios sugeridos por Rebeca Gontijo (2004, p.164):

[...] são muitas palavras perdidas, meias palavras, trechos cifrados, interrogações sem resposta, respostas sem perguntas [...] emoções apenas sugeridas, que tornam a leitura fragmentada, interrompida a todo instante por esses desvios sem saída.

Como documentos pautados na relação remetente/destinatário, a escrita epistolar é, segundo Gomes (2004, p. 19), um “jogo interativo”. Ao se debruçar sobre ela, o historiador passa então a compor a mesa do jogo, devendo estar atento às regras ali impostas, assim como fazia Deocleciano Teixeira nos finais de tarde, quando se dirigia à farmácia do Dr. Meirelles para jogar gamão com os amigos e (por que não?) “fazer política”. Levando-se em conta as diversas “jogadas” que podem envolver a escrita de uma carta, entende-se que “o documento não trata de dizer ‘o que houve’, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, em relação a um acontecimento”. Dessa forma, “a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa” (GOMES, 2004, p. 15) se tornam o foco de maior importância para o historiador.

Uma característica peculiar do acervo em questão, e que foi essencial para a análise das relações familiares no presente trabalho, foi a concentração de documentos referentes aos diversos membros da família em um mesmo local: “o sobrado dos Teixeira” (figura 2). Para esta casa, onde morou Deocleciano Pires Teixeira, sua esposa Anna Spínola Teixeira e seus respectivos filhos, retornou grande parte das

correspondências enviadas pela família em questão, como aquelas remetidas ao irmão e



Figura 02: Sobrado da família Teixeira. Autor: Fernando Dias, s.d.

aliado de Deocleciano, Rogociano Teixeira<sup>21</sup>, falecido no Rio de Janeiro no final da década de 1920. Observou-se, da mesma forma, que as correspondências enviadas aos filhos, ou trocadas entre eles foram devolvidas ao seu “local de origem”, possibilitando com isso o acesso à carta recebida e também à enviada. Em virtude disso, notou-se, por exemplo, a maneira como os mesmos assuntos foram tratados em cartas remetidas a diferentes destinatários. Assim, foi possível montar uma teia de relações construídas, dentro e fora do âmbito familiar, a partir do constante ir e vir de missivas e de pessoas, o que ocorreu apesar da ausência de modernos meios de transporte e das precárias estradas sertanejas. Nesse sentido, Ângela Gomes (2004, p. 52) apontou que, em relação a análises de correspondências:

O conceito de lugar de sociabilidade, entendido como espaço de constituição de uma rede organizacional [...] e como microcosmo de relações afetivas [...] tem se afirmado como de particular utilidade.

A necessidade de corresponder-se, para além das dificuldades existentes no limiar do século XX, imprime nas correspondências desse acervo a dinamicidade existente entre o sertão e outras regiões, salientando as diferentes redes de sociabilidades nutridas por aquela família, as trajetórias individuais de seus membros,

<sup>21</sup> De acordo com a memorialista Helena Santos (1997, p. 123), Rogociano Pires Teixeira, o irmão mais novo de Deocleciano Teixeira, “estudava na Inglaterra quando houve a baixa dos diamantes [ na região da Chapada Diamantina]; regressou ao Brasil e fixou-se como funcionário da Alfândega [ no Rio de Janeiro]. Não se casou”.

os negócios mantidos por Deocleciano Teixeira com diferentes casas comerciais da Bahia e, especialmente, as artimanhas políticas utilizadas por ele a fim de alcançar seus objetivos dentro e fora do alto sertão baiano.

Nesse contexto, a ideia do “voluntário ostracismo”, apresentada pelo jornal caetiteense, pôde ser ponderada, sobretudo, a partir de criteriosa análise do acervo privado da família Teixeira. Como apontou Ângela Gomes:

[...] os documentos pessoais permitem uma espécie de contato muito próximo com os sujeitos da história que pesquisamos. Neles “nossos” atores aparecem de forma fantásticamente “real” e “sem disfarces”. Nós, historiadores, podemos passar a conhecê-los na “intimidade” de seus sentimentos e nos surpreendemos a dialogar com eles e até a imaginar pensamentos. (GOMES, 1998, p. 126).

Nessa perspectiva, essa autora também afirma que a suposta “‘autenticidade’ e a ‘verdade’ dos documentos pessoais precisa ser trabalhada. De forma alguma para ser desconsiderada, mas exatamente para ser refletida e problematizada, sendo associada a outros tipos de documentação.” (GOMES, 1998, p. 126)

Dessa forma, a percepção de aspectos menos notáveis só foi possível pelo tato minucioso com a documentação, a leitura e releitura de uma mesma correspondência, o retorno sempre necessário ao arquivo e as articulações estabelecidas com a historiografia sobre a região. Assim, no exercício das associações, dos questionamentos e das possibilidades, buscou-se o “não dito”, aquilo que a carta escondia entre suas palavras, os vestígios presentes nas entrelinhas da documentação. Sobre esse aspecto, de acordo com Maria Odila Dias:

A possibilidade de documentar movimentos informais, improvisados, depende muito da intensidade com que os historiadores buscam indícios fora ou nas entrelinhas dos textos [...] A hermenêutica instiga a exploração dos pormenores no sentido de reconstituir o todo do seu movimento mesmo que seja dissonante no quadro geral da época em que se passa. Esse processo de pesquisa de vestígio depende da articulação de caminhos imprevisíveis para re-inventar o que se foi, de modo que seja novamente inteligível na contemporaneidade do historiador. (DIAS, 1998, p. 254)

Através dos “movimentos informais, improvisados”, presentes nas correspondências, foi possível apreender a chamada “pequena política”, descrita por SARMENTO (2009, p. 13) como a “face oculta”, em que acontecem os acordos, a troca de favores, e onde se desenvolvem as relações de influência. Entretanto, o trabalho de ler entre as linhas do documento não escapou às demais fontes.

Em relação ao jornal *A Penna*, pode-se dizer, a partir da mesma autora, que ele evidenciou a política feita no campo dos discursos, “da retórica e dos rituais”, demonstrando a “face pública” dos interesses de Deocleciano Pires Teixeira. Todavia, não foram desconsiderados os bastidores da sua produção, as alianças estabelecidas entre o político caetiteense e o “jornalista” e redator João Gumes<sup>22</sup>, nem as possíveis intencionalidades presentes em suas matérias. Conforme indicam Heloísa Cruz e Maria do Rosário Peixoto (2007, p. 258) sobre o uso da imprensa como fonte histórica:

Trata-se de entender a Imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa /sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe.

A pesquisa no jornal *A Penna* também foi fundamental para a reconstituição das vivências sertanejas nas primeiras décadas do século XX, especialmente em virtude das ricas matérias veiculadas nos anos que antecederam o “retorno” político de Deocleciano Pires Teixeira. Observou-se que, a partir de então, o periódico assumiu um viés explicitamente partidário, deixando em segundo plano os problemas do sertão para cuidar de uma propaganda favorável aos Teixeira. Tendo em vista essas relações, suas matérias não podem ser interpretadas desconsiderando o contexto político da época, que dinamizou os assuntos ali tratados.

De acordo com Laura Maciel (2005, p. 14), ao atuar como uma espécie de “historiador do presente”, o jornalista reivindica em seus impressos um “lugar de verdade na produção do entendimento sobre a realidade social”. Sendo assim, a leitura crítica de periódicos exige:

[...] um exercício para desvendar e cotejar seus múltiplos textos, para estabelecer relações e nexos entre notícias apresentadas de forma tão fragmentada e hierarquizada, para buscar descobrir o que não é dito ou o que é apenas insinuado nas entrelinhas, esmiuçar significados em títulos e destaques que, às vezes, invertem ou até desautorizam o conteúdo das matérias.

A pesquisa em jornais exigiu uma atenção diferenciada à sua estrutura particular de construção dos discursos, em que o encadeamento das palavras, o lugar das matérias,

---

<sup>22</sup> João Antônio dos Santos Gumes (1858/1930) foi um notável intelectual caetiteense. Embora não sendo jornalista de formação, neste trabalho convencionou-se, chamá-lo desta forma. “Dentre seus feitos, destaca-se a fundação em Caetité da primeira Oficina Tipográfica do Sertão . Publicou a partir de 1897, periodicamente, o jornal *A Penna*, além de outros materiais de cunho jornalístico. Dentre os seus romances destacam-se *Vida Campestre*, *Os Analphabetos*, *Pelo Sertão*, *O Sampauleiro*, todos publicados nas colunas do jornal *A Penna*. Escreveu ainda peças teatrais como a comédia-drama *A Abolição*, e mais as comédias *A Sorte Grande* e a *Intriga Doméstica*.” (Pires, 2003, p. 42) Além disso, segundo Reis (2004) deixou inéditas as obras: *Seraphina* e *Mourama*.

a constituição das manchetes ou os grifos presentes nos textos também salientaram fortes sentidos ideológicos.

Levando-se em consideração a abrangência daquele periódico, que circulava em toda a região alto-sertaneja e mantinha assinantes também em outros lugares, foi possível notar sua importância para Deocleciano Teixeira, uma vez que difundiu não só matérias de cunho político partidário, como também outras de cunho propagandista pessoal, indispensáveis à construção da “boa imagem” de um político “cheio de virtudes”.

Acerca dos inventários de bens, PIRES (2009, p. 18), que se utiliza desse tipo de documentação, esclarece que:

Inventários *post mortem* são documentos organizados pela Justiça e instaurados, geralmente, quando o herdeiro (a) – designado judicialmente como “inventariante” – comparecia a Juízo a fim de declarar a existência de bens a inventariar, em função de falecimento de um membro da família.

Nesta dissertação recorreu-se aos inventários de Mariana de Souza Spínola (Lençóis/1878), a primeira esposa de Deocleciano Pires Teixeira; José Antônio Teixeira (Salvador/1886), pai de Deocleciano Pires Teixeira e o do próprio Deocleciano (Caetité/1932), a fim de perceber a situação socioeconômica da família Teixeira em tempos diferenciados. Noutra medida, esses documentos foram imprescindíveis para se verificar o alargamento das riquezas familiares após a fixação da família Teixeira em Caetité, bem como para demonstrar em que consistiram os seus bens.

Cruzando esses inventários com as demais fontes, foi possível encontrar informações complementares e importantes acerca dos negócios familiares e das propriedades herdadas por Deocleciano Teixeira em virtude dos seus sucessivos casamentos.

Neste trabalho, foram consideradas ainda as atas da segunda seção eleitoral de Caetité dos anos de 1915-1923 (Anexo 01). Elas foram utilizadas na perspectiva de reunir documentos de natureza diferenciada e, com isso, angariar maiores informações sobre o sistema político da época. Buscou-se perceber, a partir dos números registrados em tais atas, a quantidade de eleitores alistados, os comparecimentos e ausências desses eleitores nas diferentes eleições (federal, estadual e municipal), as possíveis abstenções através de votos nulos ou brancos, os protocolos eleitorais, as autoridades locais envolvidas e, a partir da reunião de dados, identificar as possíveis tensões existentes nas disputas partidárias de âmbito local. Assim, foi possível notar que, até 1923, antes da

vitória de Góis Calmon para Governador da Bahia, os políticos aliados de Deocleciano Teixeira não foram bem votados nessa sessão eleitoral, o que aponta para o período de “ostracismo” vivenciado por esse chefe e também para o domínio dos grupos situacionistas sobre os processos eletivos em Caetité.

Entretanto, deve-se lembrar que as atas eleitorais refletem a fragilidade do sistema político da Primeira República, marcado por fraudes, compras de votos ou mesmo coação do eleitorado. Sobre este aspecto, diversos autores<sup>23</sup> demonstram o quanto “o exercício da soberania popular [era?] uma fantasia” uma vez que:

Nenhum coronel aceitava perder as eleições. Os eleitores continuavam a ser coagidos, comprados, enganados [...] não havia eleição limpa. O voto podia ser fraudado na hora de ser lançado na urna, na hora de ser apurado, ou na hora do reconhecimento do eleito [...]. Os resultados eleitorais eram muitas vezes absurdos, sem nenhuma relação com o tamanho do eleitorado. (CARVALHO, 2002, p. 42)

Dessa forma, no uso das atas eleitorais observaram-se também as contradições intrínsecas ao momento político vigente na época, em que o bico da pena, como apontou LEAL (1997), era capaz de fazer “milagres”.

As atas da Câmara Municipal foram consultadas no intuito de perceber os assuntos e as decisões tomadas pelo legislativo a partir da década de 1920, quando Deocleciano Teixeira “retoma” seu ativismo político e o Conselho Municipal ainda é dirigido por seus adversários. Entretanto, em virtude do tempo estreito e da quantidade de documentos existentes, não foi possível analisá-las minuciosamente, de modo que a partir delas foram extraídas apenas informações pontuais, presentes ao longo do texto. Não se desconsidera, contudo, a importância de tais documentos para estudos futuros.

A partir dos livros contábeis da família Teixeira, foi possível conhecer algumas minúcias da sua vida material e analisar, com riqueza de detalhes, os gastos, as principais atividades econômicas e os investimentos realizados ao longo dos anos. São dados que versam desde a compra e venda de escravos, antes de 1888, até as despesas eleitorais registrados na década de 1920. A importância desses registros para o presente trabalho se deu, especialmente, pela possibilidade que eles abriram de contrastar informações referentes aos discursos construídos nas correspondências ou mesmo na imprensa local, conforme se verá ao longo do texto. Tal importância é salientada por TERUYA (2000, p.20) ao apontar que o uso de uma documentação variada, como

---

<sup>23</sup> Entre eles: PANG (1979), LEAL (1997), SAMPAIO (1998), CARVALHO (2002), SARMENTO (2009).



“diários, cartas e livros-caixas”, auxilia na apreensão das complexidades das relações familiares.

Relatos de viajantes, livros de memorialistas e o romance *Os Expatriados* registram informações importantes e singulares sobre a cidade de Caetité, que talvez até se perdessem, não fosse a preocupação de seus autores. Há diversos relatos de viajantes que passaram pelo alto sertão da Bahia tanto no século XIX, quanto no XX. Alguns deles trazem informações específicas sobre Caetité. Como fontes raras, eles são, em alguns casos, também ricos em importantes detalhes. Os três livros de memorialistas utilizados neste trabalho foram os primeiros a serem escritos sobre Caetité. De cunho tradicionalista, eles demonstram o interesse de seus autores em contribuir para que a memória dessa cidade não se perdesse com o passar dos anos. *Os Expatriados* é uma literatura que combina memória, realidade e ficção, em uma história de personagens fictícios que acontece num “cenário real”, com “personagens e acontecimentos reais”, a saber, a cidade de Caetité, seus habitantes e suas vivências nos finais do século XIX e início do século XX. Todos eles foram utilizados, assim como as demais fontes, não em busca de “verdades” sobre o passado, mas por serem “fachos de luz sobre a realidade que se pretende conhecer mais profundamente”. (MALUF, 1995, p. 45).

Apesar da existência de outras fontes, localizadas tanto no APMC, em Caetité, quanto em outros arquivos de Salvador, o curto espaço de tempo não permitiu utilizá-las. Todavia, a partir da documentação apresentada, foi possível elaborar três capítulos que versam sobre as diferentes estratégias utilizadas pela família Teixeira, especialmente por Deocleciano Pires Teixeira, ao longo da sua trajetória no alto sertão da Bahia. Entretanto, deve-se lembrar, a partir de Marisa Teruya (2000, p. 02), que a “família patriarcal” não existiu sozinha, nem comandou do “alto da varanda” todo o processo de formação da sociedade. Tal percepção chama atenção para a existência (mesmo em fontes majoritariamente elitistas) de outros sujeitos menos afortunados e com organizações familiares não tradicionais, os quais dividiram os espaços e as experiências de vida sertaneja juntamente com a família Teixeira. Mesmo não sendo os principais personagens deste trabalho, espera-se que os relances de suas vivências, apontados ao longo do texto, sirvam de incentivo a outras pesquisas.

O primeiro capítulo discute as estratégias de consolidação econômica da família Teixeira no alto sertão. Tendo em vista que, no ano 1885 – quando a referida família chega a Caetité – a economia regional passava por algumas oscilações, buscou-se demonstrar como foi possível para esses sujeitos manterem o seu patrimônio e

alargarem suas riquezas numa região marcada por crises econômicas. Nessa perspectiva, apresenta-se a conjuntura socioeconômica do alto sertão da Bahia entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Noutra momento, demonstrou-se como os contatos mantidos por essa família com lugares mais urbanizados, especialmente Salvador e Rio de Janeiro, possibilitaram a formação de redes sociais imprescindíveis ao seu sucesso político.

O segundo capítulo aborda as estratégias de consolidação política da família Teixeira, especificamente a partir da trajetória de Deocleciano Pires Teixeira e de suas artimanhas ao driblar as instabilidades políticas da época, assegurando poderes com a vitória de 1924. Dessa forma, foram demonstradas também algumas faces da política baiana da Primeira República vivenciadas na região alto sertaneja e sua importância nos destinos políticos de então.

Outras estratégias políticas são apontadas no terceiro capítulo, a fim de apresentar, de forma mais detalhada, a importância das alianças mantidas por Deocleciano Teixeira em âmbito local e, através das posições ocupadas por seus filhos, em âmbito estadual. Depois de uma discussão sobre a trajetória política dessa família, observa-se um traçado de objetivos que deveriam contribuir para que tudo estivesse “em seus eixos”. Assim, buscou-se analisar quais os interesses dessa família com a tomada do poder político do alto sertão baiano a partir de 1924.

Entendendo que os estudos históricos abrem variados e por vezes divergentes leques de possíveis análises, Marisa Teruya (2000, p. 01) salientou (em relação aos estudos sobre famílias) que debates polêmicos “longe de levarem a uma 'auto-destruição' do campo, têm proporcionado um crescimento ainda maior de todas as áreas envolvidas.” Nessa perspectiva, espera-se do presente trabalho uma contribuição para tais estudos, especialmente no que tange à análise de trajetórias políticas na Primeira República baiana. Que este seja útil aos pesquisadores interessados nos sertões baianos e que auxilie de alguma forma aqueles que vêm tentando repensar a história da Bahia a partir de regiões ainda pouco estudadas.

## 2. ENTRE CIDADES E FAZENDAS: AS ESTRATÉGIAS DE CONSOLIDAÇÃO SOCIOECONÔMICA DA FAMÍLIA TEIXEIRA

Caiteté, a “Corte do Sertão” tem dado sempre, em todas as emergencias, inconcurssas provas de amor ao progresso, a liberdade e a justiça.

Ninho de talentos extraordinarios e de grandes vultos da alta política do estado e do Brasil, Caiteté representa o cume das montanhas altíssimas, de onde as águias alçam os vôos para conquistarem as regiões de glória.

Em Caiteté nasceram Cezar Zama, os Rodrigues Lima, os Spinolas, Ernesto Dantas e outros muitos varões illustres que tem enriquecido a galeria da Historia Bahiana.

Desta nossa modesta casa de trabalho, nós d’ “O Sertão”, enviamos nossos preitos de homenagem a Caiteté, pelo seu denodo, sua extraordinaria coragem cívica, sabendo sempre manter-se em oposição a famigerada oligarchia Seabra e Munizes.

E este preito de sincera e justa homenagem com a devida [sic] endereçamos ao venerando chefe Sr. Dr. Deocleciano Pires Teixeira, que tão bem sabe representar a sua terra, o esplendido de um passado glorioso, de um progresso bellissimo e de um futuro magestoso.<sup>24</sup>

26 de março de 1924. Nesta data o jornal *O Sertão*, instalado na cidade de Vitória da Conquista<sup>25</sup>, divulgou pela redondeza a matéria supracitada, com o título: *Dr. Deocleciano Teixeira*.

Naquele ano, o assunto em pauta nos principais jornais da Bahia era a derrota do ex- governador, José Joaquim Seabra, depois de um mandato que durou 12 anos, e a vitória do então governador, Francisco Marques de Góis Calmon. No alto sertão da Bahia, esse acontecimento trouxe para o centro das discussões o figurão da oposição *seabrista* naquela região, o velho Doutor Deocleciano Pires Teixeira.

Residente em Caeté havia 39 anos, seu nome foi aludido como continuador e representante de uma suposta “tradição política” daquela cidade, iniciada pelos “varões ilustres”, aqueles de maior projeção, ligados às famílias tradicionais do século XIX. Essa noção chama a atenção para a existência de um discurso comprometido com famílias que passaram a contornar, ao longo dos anos, as memórias em torno da “Corte do Sertão”.

A serviço de um projeto político encabeçado por Deocleciano Pires Teixeira, que também convinha às elites locais a ele relacionadas, no dia 1º de maio daquele mesmo

<sup>24</sup> DR. DEOCLECIANO Teixeira. *A Penna*. 01/03/ 1924, p. 01. Ao final da matéria constava a seguinte nota: “Extrahido d’ “o Sertão” da Cidade de Conquista, de 26 de Março de 1924.

<sup>25</sup> Cidade localizada no Sudoeste Baiano, distante 240 km de Caeté.

ano, o jornal caetiteense, *A Penna*, expandiu o alcance da matéria em questão, reproduzindo-a também em suas páginas. Nesse jornal, discursos do mesmo tom foram de praxe, sobretudo depois da reascensão do referido político na década de 1920.

Contudo, essa história não começa no emblemático ano de 1924... Conforme será analisado, a atuação e influência política de Deocleciano Teixeira têm raízes fincadas em tempos mais remotos e o arvorar do seu prestígio, naquele ano, resultou de estratégias muito bem tecidas ao longo da sua trajetória.

Antes, porém, de discorrer sobre a atuação política da família Teixeira, este capítulo trata, em dois momentos, das relações socioeconômicas do alto sertão da Bahia, entre as décadas finais do século XIX e as primeiras do século XX: um período fundamental para a análise da participação dessa família na economia e política regional. No primeiro momento, buscou-se delinear a atuação socioeconômica da família Teixeira em Caetité, bem como analisar as táticas<sup>26</sup> de sobrevivência de grupos sociais menos privilegiados economicamente, frente às dificuldades impostas pelo viver no sertão. Num segundo momento, tentou-se ainda evidenciar as diversas ligações mantidas entre os moradores do alto sertão e aqueles de centros urbanos mais desenvolvidos, com especial enfoque nos membros da família Teixeira.

## **1 “Aqui pelo sertão:” entre arranjos de sobrevivência e estratégias de manutenção e alargamento das riquezas**

Foi no ano de 1885 que a família Teixeira chegou a Caetité, ainda com poucos membros, composta apenas por Deocleciano Pires Teixeira, sua terceira esposa, Ana Spínola Teixeira, e os filhos Alice (do primeiro casamento), Mário e Alzira (do segundo casamento).

A viagem entre Lençóis - cidade da qual provinham - e Caetité<sup>27</sup> foi percorrida no passo da montaria, cuja celeridade propiciava o alargamento das expectativas

---

<sup>26</sup> De acordo com Michel de Certeau, a tática relaciona-se às “possibilidades de ganho” para aqueles menos privilegiados e reveste-se da constante necessidade de “jogar com os acontecimentos para transformá-los em ‘ocasiões’”. (CERTEAU, 2008, p. 47).

<sup>27</sup> Observou-se a existência de um discurso corrente na cidade de Caetité de que Deocleciano Pires Teixeira teria ido de Lençóis para Monte Alto e depois para Caetité. Entretanto, a partir do inventário de bens de Mariana de Souza Spínola (1878), sua primeira esposa, é possível afirmar que ela faleceu em Monte Alto, onde residia o casal e, após sua morte, Deocleciano Pires Teixeira voltou a residir em Lençóis, onde se casou pela segunda vez. Sendo assim, entende-se que, muito provavelmente,

concernentes à “nova vida” no sertão. Ao correrem os dias da viagem, o relevo da Chapada Diamantina ia se desfazendo diante dos olhos, dando lugar a um novo cenário, com clima, vegetação e paisagens naturais do alto sertão baiano. Na bagagem da família, além dos objetos pessoais, como roupas e sapatos, estavam as jóias: o anel de médico pertencente ao Dr. Deocleciano, outros anéis cravados de brilhantes, pertencentes a “Donnana” e às meninas, adereços religiosos lapidados em ouro e brilhantes, além de relógios, trancelins, argolas e alfinetes de ouro.

Foi no carro de boi que possivelmente se transportou a mobília que acompanhou Deocleciano Teixeira desde o seu primeiro casamento, composta por sofá, cadeiras, mesas e camas<sup>28</sup>. Presumivelmente, como bens de maior valor, os seus escravos residentes em Lençóis também se mudaram para Caetité, ou foram levados para junto dos demais, lavradores e vaqueiros, matriculados na “Villa do Urubu” e residentes nas fazendas que a família possuía à beira do rio São Francisco<sup>29</sup>.

A ida para Caetité certamente revestiu-se de expectativas concernentes às núpcias recém-contraídas, ao nascimento de outros filhos, bem como à inserção daquela família em novas redes sociais. Para Deocleciano Pires Teixeira, em especial, aquela mudança talvez representasse anseios de uma vida familiar mais estabilizada, pois na última década já havia se casado três vezes e também perdido alguns filhos; ou ainda a sua fixação de moradia, uma vez que nos últimos anos tinha residido em diferentes lugares: Salvador, Minas Gerais, Lençóis, Monte Alto e, novamente, Lençóis.

Entretanto, apesar das prováveis expectativas, aquela não era uma região desconhecida. O fato de já ter residido em Monte Alto, cidade que dista 84 km de Caetité, pode ser considerado uma experiência prévia e capaz de demonstrar as potencialidades e dificuldades de vida naquela região. Além do mais, como negociante, os registros contábeis de Deocleciano Teixeira informam que, mesmo antes de 1885, ele já mantinha relações comerciais com credores do alto sertão da Bahia. Dessa forma, tendo em vista a decadente extração diamantífera que sustentava a economia de

---

Deocleciano Pires Teixeira casou-se a primeira vez em Lençóis, onde residia a família da sua esposa, mudou-se para Monte Alto, depois voltou para Lençóis e por fim, em 1885 mudou-se para Caetité.

<sup>28</sup> A partir dos inventários de bens de Mariana de Souza Spínola (primeira esposa de Deocleciano Teixeira), realizado em Lençóis (1878) e de Deocleciano Pires Teixeira, realizado em Caetité (1931), observa-se a permanência de alguns bens no seio da família, dentre eles, as referidas jóias e mobília. Parte dessa mobília está exposta no museu Casa Anísio Teixeira, instalado no antigo sobrado da família Teixeira, em Caetité.

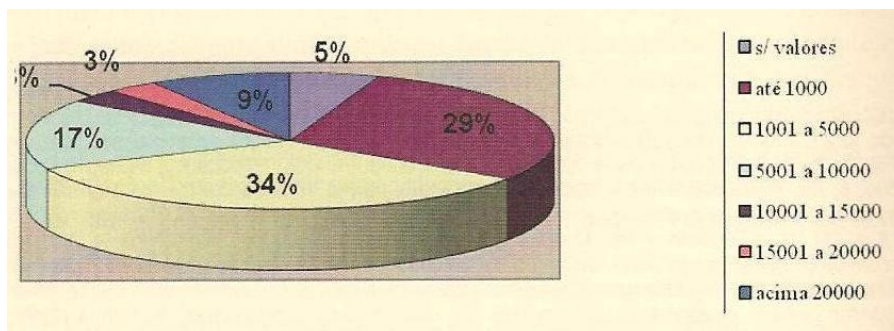
<sup>29</sup> Sobre os escravos residentes nas fazendas que a família Teixeira possuía na região do Médio São Francisco, está em andamento a dissertação de mestrado de Napoliana Pereira Santana, intitulada *O destino de escravos na herança senhorial: Fazendas Curralinho e Rio das Rãs – Freguesia de Santo Antonio do Urubu de Cima (1840 – 1870)*.

Lençóis, pode-se afirmar que as maiores perspectivas de mudança giraram em torno das possibilidades de manutenção e alargamento da riqueza familiar, uma vez que, naquele momento, a cidade de Caetité - historicamente marcada pelo cultivo do algodão, pela criação de gado, e ocupando uma centralidade geográfica que favoreceu o *status* de entreposto comercial - representava melhor essas possibilidades.

Quando perdeu a primeira esposa, em 1878, a riqueza inventariada por Deocleciano Teixeira totalizou Rs. 27:708:058<sup>30</sup>. Anos depois, em 1886, seu pai, o Major José Antônio Teixeira, faleceu, deixando para ele uma herança de Rs. 16:077\$990, e mais Rs. 340\$000 para cada um dos quatro netos, filhos de Deocleciano<sup>31</sup>. Além disso, Ana Spínola Teixeira, sua atual esposa, provinha de uma família tradicional residente em Lençóis, que mantinha posses e escravos e, assim como as demais irmãs que foram anteriormente casadas com Deocleciano Teixeira, ela era uma das herdeiras de extensas posses de terra na região do Médio São Francisco, deixadas por um tio que não teve filhos.<sup>32</sup> Tais valores e bens ajudam a perceber a situação econômica da família Teixeira logo quando se estabeleceu em Caetité.

Deve-se lembrar que aquela era uma região com grandes disparidades econômicas, como apontam os inventários pesquisados por PIRES (2009) em seu mais recente trabalho e apresentados no gráfico abaixo:

Figura 3: “Distribuição dos valores médios de monte-mor dos inventários, Caetité: 1860-1914.”<sup>33</sup>



Fonte: PIRES, 2009, p. 136.

<sup>30</sup> APEB. Sessão: Judiciário. Série: Inventários. ID: Mariana de Souza Spínola Teixeira. Est. 05, cx. 2083, maço: 2554, doc. 10. 1878. Auto com 46 fls.

<sup>31</sup> APEB. Sessão: Judiciário. Série: Inventários. ID: Antônio José Teixeira. Est. 05, cx. 2150, maço: 2619, doc. 04. 1886. Auto com 120 fls.

<sup>32</sup> De acordo com Sampaio (2007, p. 252), as heranças deixadas por um irmão celibatário ou sem filhos para outro irmão ou sobrinhos constituíam uma das estratégias familiares de concentração da riqueza e transmissão ao longo das gerações.

<sup>33</sup> Gráfico gentilmente cedido pela professora Dra. Maria de Fátima Novaes Pires.

A partir dessa figura, pode-se afirmar que a família Teixeira se acomodou entre aquelas que possuíam os maiores patrimônios. Entretanto, os anos finais do século XIX concorreram para “complicar a vida econômica regional que precisou de alternativas para viabilizar o seu sustento” (PIRES, 2009, p. 36). As oscilações na economia, apontadas por essa autora, foram provenientes do tráfico interprovincial de escravos, da crise da produção algodoeira, da abolição, da “noventinha” (grande seca de 1890), fazendo com que ricos e pobres fossem obrigados a administrar seus meios de “ganhar a vida”.

Para os mais abastados, a pecuária tornou-se a principal atividade econômica até as primeiras décadas do século XX, “não só como uma tradição antiga, como porque os terrenos extensos são-lhe sobremaneira propícios”, salientou o viajante Teodoro Sampaio (1998, p. 182)<sup>34</sup>; e o “tropeirismo e a produção agrícola de gêneros alimentícios para o comércio interno não foram abandonados.” (PIRES, 2009, p. 130).

Na década de 1920, “a criação, ou antes, a pecuária”, era a indústria principal do município, informou Pedro Celestino da Silva (1932, p. 168)<sup>35</sup>, e se estendeu pelas primeiras décadas do século XX, conforme os censos de 1940 e 1960<sup>36</sup>. Além disso, como atividades econômicas realizadas em Caetité, o mesmo autor ainda mencionou a fabricação da farinha de mandioca, os alambiques que produziam aguardente, as “engenhocas” movidas a tração animal que produziam açúcar e rapadura; a fabricação de requeijão, queijo e manteiga de garrafa, que eram comercializados nas feiras semanais juntamente com o “feijão, arroz, milho, carne-de-sol, toucinho, farinha de milho, tapioca, café, couros, peles, algodão em rama, utensílios de chifre, balaio, esteiras, chapéus, legumes, verduras e frutas diversas”. (SILVA, 1932, p. 172).

Ricos proprietários e pobres “lavradores” estavam inseridos nessa economia regional:

Os trabalhos da lavoura e do gado sustentavam a maior parte dos homens, mulheres e crianças [pobres], e absorvia-os no curso de suas vidas. Os trabalhos de limpa, plantio e colheita obedeciam às estações do ano, aos períodos de chuvas e estiagens, que tornavam propício o

<sup>34</sup> Teodoro Sampaio foi um engenheiro baiano que, no final do século XIX, empreendeu uma viagem pelo interior do Brasil, grande parte percorrida pelo Rio São Francisco e outra em terra, pela Chapada Diamantina. Seus relatos de viagem foram reunidos e publicados em 1906, com o título *O rio São Francisco e a Chapada Diamantina*. Foi a caminho da Chapada que ele passou quatro dias em Caetité e registrou aspectos geográficos, culturais e sociais daquele município.

<sup>35</sup> Embora tenha visitado Caetité pela primeira vez em 1889, seus registros resultaram mais precisamente da sua segunda viagem à cidade, realizada em 1926 e 1927, e tratam do desenvolvimento social e político do município. É um estudo detalhado da economia, geografia e da história de Caetité e região.

<sup>36</sup> IBGE. Censo Demográfico de 1940 e IBGE. *Coleção de Monografias*. Série B, nº 24. 3 de novembro de 1962.

cultivo do milho, feijão, mandioca, café, frutas, verduras e cana-de-açúcar. Essa produção agrícola servia tanto ao consumo como à venda e, juntamente com a criação de gado, sustentou a economia regional ao longo do século XIX e início do século XX. (PIRES, 2009, 147).

Para os pequenos lavradores, o excedente de suas produções nas acanhadas roças tinha como destino as feiras livres, que “foram (e continuam sendo) um dos espaços possíveis para a reconstituição de experiências das populações mais pobres” (PIRES, 2009, 275), por se configurarem como um lugar de sociabilidade gerador de ganhos que auxiliavam em suas lutas diárias pela sobrevivência. De acordo com o jornal *A Penna*, após 1890 registrou-se o aumento das feirinhas semanais em diversos pontos da cidade e lugarejos rurais. Eram “feiras resumidíssimas, que se aglomeram muitas vezes em torno de um único estabelecimento fixo commercial”, vistas como “arremedos de feira”, “ajuntamento ilícito”, pelo fato de que também ali, os segmentos mais pobres jogavam, bebericavam e praticavam “actos reprováveis” pelas elites conservadoras<sup>37</sup>.

Situadas na outra ponta do tecido social, também movimentando a economia regional e gerindo com recursos diferentes as dificuldades suscitadas pelo viver no sertão, estavam a família Teixeira e demais famílias ricas da região.

Juntamente com seus familiares, Deocleciano Pires Teixeira envolveu-se com diversas atividades econômicas, que lhe proporcionaram o alargamento das riquezas salientadas anteriormente. Entre elas estavam a criação de gado, produção de gêneros alimentícios e atividades diversas ligadas às suas fazendas, conforme se observa nos registros abaixo:

16 de junho de 1890 - Boiada de **144 bois** entregues na Victoria ao F<sup>r</sup> Pompílio de C<sup>el</sup> Catão, dos quais agora recebi, a saber:

Do Pompílio p <sup>r</sup> 106 bois	2:600\$000
Do Catão p <sup>r</sup> 68 bois	<u>1:444\$350</u>
	<b>4:044\$350</b>

24 de junho de 1890 – Dinheiro que recebi hoje de vendagem de bois meus, de meus filhos e de minhas cunhadas – **1:195\$000**<sup>38</sup>

Campos, 1 de abril de 1913

Querida Celsina;

[...] Os bizerros montam a mais de 500; por m.to já estão ferrados 446.

O numero de bizerros no Mucambo calcula-se em 80 mais ou menos.

E portador desta o Elpidio que vae buscar farinha e levar 24 requeijões

<sup>37</sup> GUMES, João. Os mercados Públicos. *A Penna*. 04/08/1916, p. 01.

<sup>38</sup> APMC: Fundo: Acervo Casa de Anísio Teixeira. Série: Registros Contábeis. Grupo: Livro Caixa. Caixa: 03, Maço: 14



d'aqui e do Espinheiro [...]. Juca<sup>39</sup>

Assim como aconteceu em outros lugares do sertão, as atividades ligadas à criação de gado, exercidas “por grande parte dessas famílias mais ricas, por vezes também estavam associadas a negócios comerciais e financeiros, onde os empréstimos a juros de 2% ao mês contribuía para o aumento das fortunas.” (FERREIRA, 2008, p. 196). Com a família Teixeira observa-se situação semelhante, pois a “prática usurária”, comum a diversas famílias de elite no Brasil oitocentista, conforme aponta Freire (2009), foi notada através dos registros de empréstimos realizados normalmente a juros de 2% ao mês ou 10% ao ano, como estratégia significativa na consolidação da riqueza familiar:

Emydio Ferr<sup>a</sup> Pinto - Sua letra passada a 9 de março de 1883, vencida a 9 de maio do referido anno, **2% ao mês**, conf<sup>c</sup> se vê no borrador de 1880-89 na data da letra \_\_\_\_\_ 104\$000  
 Juros de 9 de maio de 1883 a 2 de Dezembro de 1884,  
 18 meses e 23 dias, conforme se vê no borrador acima **39\$027**  
**143\$027<sup>40</sup>**

Tabela 1. Empréstimos realizados por Deocleciano Teixeira ao longo da década de 1880:

Data do Empréstimo	Nomes dos Devedores	Valor do Empréstimo
8 de julho de 1881	José Veiga (filho de J <sup>m</sup> Veiga)	15\$000
28 de julho de 1881	Professor M <sup>el</sup> J <sup>m</sup> de Menezes	10\$000
20 de agosto de 1882	Antônio de Lemos	25\$000
1º de outubro de 1882	Wenceslau Ant <sup>o</sup> Lellis de Faria	25\$000
12 de janeiro de 1883	Professor J <sup>m</sup> José Ramos	20\$000
2 de novembro de 1883	Pedro de S <sup>za</sup> Lima	22\$000
28 de março de 1884	Paulo Alvez Marinho	10\$000
9 de abril de 1886	Aurelio Gomes de Azevedo	24\$000
9 de abril de 1886	Ten <sup>te</sup> . M <sup>el</sup> J <sup>m</sup> Per <sup>a</sup> Castro	20\$000
11 de julho de 1888	Vig <sup>o</sup> Tobias Per <sup>a</sup> Coutinho	50\$000
5 de março de 1890	Fran <sup>co</sup> Texeira de Araújo	100\$000

Fonte: APMC. Acervo Casa de Anísio Teixeira. Série: Registros Contábeis. Grupo: Livro

Caixa. Caixa: 03, Maço: 14

Além do livro-caixa em que constam os registros acima, outros documentos de períodos diversos depõem sobre os empréstimos realizados pela família. Eles

<sup>39</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 01, Maço: 03. [477].

<sup>40</sup> APMC: Fundo: Acervo Casa de Anísio Teixeira. Série: Registros Contábeis. Grupo: Livro Caixa. Caixa: 03, Maço: 14

evidenciam a existência de um capital disponível para esse tipo de atividade, que possibilitava “emprestar sem temor”, conforme expressão utilizada por Jonis Freire (2009, p. 59), bem como a detenção de um poder local ao qual diversas pessoas estiveram afiançadas. A tais atividades lucrativas somaram-se ainda as comissões sobre as representações de firmas e casas comerciais da Bahia (Salvador):

**S. Sebastião** 28 de Abril de 1904

[...] Tem a presente carta enviando a quantia de Dozentos e Cinquenta e nove mil reis **RS. 259\$000** para V.S<sup>a</sup> fazer o favor de enviar para os **Snrs Moraes e Cia na Bahia**. [...] Heraclito de Figueiredo Gomes<sup>41</sup>

**Riacho de Sant’Ana**, 27 de maio de 1907

Remetto-vos pelo estafeta Domingos a quantia de um conto duzentos e dezessete mil reis (**1:217\$000**) para **Souza Teixeira e Cia da Bahia**. José Ribeiro de Castro<sup>42</sup>

**Bonito**, 10 de junho de 1907

[...] Pelo Snr. T<sup>o</sup>. C<sup>o</sup>. Augusto José Fagundes remetto **Rs. 291\$500**, sendo para os Snrs **Manoel Serafim Carneiro e Cia** Rs.220\$00 e para os Snrs **Eduardo Frz e Cia** RS. 69\$50 [...] Olympio Cunegundes Neves<sup>43</sup>

**Caculé**, 26 de Dezembro de 1904

[...] Pelo nosso amigo Snr Manoel Joaquim de Freitas, remetto-lhe a quantia de Reis. **1:610\$000** e uma factura e carta dos **Snr<sup>es</sup> Adolpho Moreira e Palmeira**, para ser salda com 3% de bônus. [...] remetto-lhe esta importância e o resto para os **Snr<sup>es</sup> Moraes e Cia**. [...] Miguel José Ferz.<sup>44</sup>

**Serra do Salto**, 18 de Setembro de 1904

Em conformidade com o vosso estimado favor de 15 do andante remetto vos aqui incluso um cheque com n<sup>o</sup> 13115 a favor dos Snrs **Moraes e Cia na Bahia** no valor de quatro contos e quinhentos mil reis (**Rs. 4:500\$000**). [...] Frederico Aug.<sup>to</sup> Bohrer<sup>45</sup>

**Guanamby**, 7 de junho de 1929

Dr. Deocleciano

Recebi Cesar Garcez a quantia de **7:172\$000** para o Snr mandar entregar na Bahia a **Teixeira & Filho**. [...] MBessa<sup>46</sup>

<sup>41</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 01, Maço: 02. [245]

<sup>42</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 01, Maço: 02. [243]

<sup>43</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 01, Maço: 02. [242]

<sup>44</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 01, Maço: 02. [224]

<sup>45</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 01, Maço: 02. [216]

As correspondências e registros contábeis acima citados perfazem apenas fragmentos de uma extensa quantidade de documentos indicativos da atuação econômica da família Teixeira. Contudo, elas apresentam indícios de altas somas administradas por Deocleciano Teixeira e sua família, além de sinalizarem a extensa rede de envolvimento comerciais espalhada entre o alto sertão e Salvador. Vale acrescentar que os liames econômicos estabelecidos por essa rede também possibilitaram estreitos vínculos de interesse político - conforme será discutido mais adiante - uma vez que matinhavam várias pessoas, de diferentes lugares, sob a tutela da família em questão, através dos laços de dependência financeira.

A presença de abonadas famílias e a fluência de altas somas de dinheiro naquela região não significaram, contudo, um elevado padrão de vida para a grande maioria da população. Inversamente, as fontes ratificam uma disparidade econômica e permitem mensurar as vicissitudes impostas pelo viver no sertão.

Sendo uma região de perfil agrário, as vivências sertanejas de modo geral, especialmente as atividades ligadas à terra, que envolveram a família Teixeira e outras tantas, estiveram sempre condicionadas às variações climáticas. Nesse sentido, tanto o “tempo das águas”, quanto o “tempo das secas”, trouxeram dificuldades aos moradores daquela região. As chuvas constantes enchiam os rios, impossibilitando a passagem pelas precárias estradas e devastando a lavoura, “prejudicando a colheita da terra sertaneja que sempre fustigada pela acção excessiva do sol ou das chuvas, vê-se assim flagelada de tempos em tempos” (SILVA, 1932, p. 147). As estiagens, por sua vez, secavam os leitos dos rios e os transformavam em “perigosos atoleiros”, além de também prejudicarem a lavoura, tornando-a “menos vigorosa e abundante” enquanto as criações definhavam “à falta d’água e de pastagens” (SILVA, 1932, p. 147).

Embora acostumados a lidar com as diferentes situações provocadas pelo clima adverso, de tempos em tempos os moradores do alto sertão da Bahia viam-se atribulados por conta do excesso ou da falta de chuvas. Nas correspondências localizadas no acervo da família Teixeira e na “Casa do Barão”, há registros desses momentos, em que o gado era impossibilitado de ser removido de uma fazenda à outra em virtude das chuvas e atoleiros,<sup>47</sup> e a seca mudava a paisagem e angustiava a

---

<sup>46</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 01, Maço: 02. [130]

<sup>47</sup> Cf. APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04. 1905, nº 2650.

população, anunciando tempos de crises dos quais nem as classes mais abastadas poderiam se livrar:

S. Barbara, 15 de Maio de 1888.

Meu querido Avô

[...] O frio já fez sua entrada entre nós, mas ainda é fraco. O feijão está promettendo por cá [...].

J. Manuel<sup>48</sup>

Santa Barbara em 3 de julho de 1888

Meu querido Avô

O frio tem sido intensíssimo, pelo que já tenho tido forte difluxo [...] Apesar do frio hoje deu-se principio á arrancar o feijão , o qual Vm<sup>ce</sup> poderá mandar buscar até 11 d'este.

Joaquim<sup>49</sup>

Caetité, 26 de Fev<sup>o</sup> de 1901

Quincas

[...] não se pode tratar da viagem ainda, não avalias o rigor do inverno q. temos tido, todos os rios permanecem cheios sempre, as estradas transformadas em atoleiros, comprehendes q. em taes condições e m.<sup>to</sup> penosa a viagem para uma família[...].

JARLima<sup>50</sup>

Caetité, 15 de Março de 1926

Meu querido Edvaldo

[...]Tem chovido constantemente. Muito prejuízo vae tendo a lavoura com isto.

São muitas as casas e muros que tem cahido. Cahio o nosso muro do outro quintal, do outro lado da rua.

O gado felizmente vae bem. [...]

Celsina<sup>51</sup>

Caetité,27 de Março de 1926

Saudoso e querido Filhinho

[...] Continua o inverno rigoroso, causando serios prejuízos. Nos Campos, a tapagem do tanque foi-se embora! Imagina, que prejuízo!! A lavoura está quasi perdida, e é provavel que para o anno haja falta de mantimentos.[...]

Celsina<sup>52</sup>

Meu Pae

[...] o calor é formidável, as lavouras estão perdidas e vamos assim passar uma crise terrível em 924. Para o Rio São Francisco ainda está

<sup>48</sup> Fundo: Casa do Barão. Grupo: Sem identificação de destinatário. Série: Correspondências. Data-Limite: 1840-1951. Caixa: 01, Mç: 01

<sup>49</sup> Fundo: Casa do Barão. Grupo: Sem identificação de destinatário. Série: Correspondências. Data-Limite: 1840-1951. Caixa: 01, Mç: 01

<sup>50</sup> Fundo: Acervo Casa do Barão. Grupo: Quincas.Série: Correspondências Pessoais.Caixa: 01. Mç: 03

<sup>51</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Edvaldo (Filho de Celsina). Série: Correspondências. Caixa: 01, Maço: 01. [23].

<sup>52</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Edvaldo (Filho de Celsina). Série: Correspondências. Caixa: 01, Maço: 01. [22].

peor. Em Monte Alto há roças onde não choveu para fazer plantas e não saíam matto, até os votos murcharam e secaram [...].

Mario<sup>53</sup>

Nenem;

[...] A secca continua. O gado já está sentindo bastante. Está uma tristeza! Tudo secco...O ceu varrido.

Sem nuvens, rutilante,

E o sol parece rir,

Muito divertido,

Do quadro angustioso e lancinante

Da secca do sertão.<sup>54</sup>

Frio intenso, promessas de falta de mantimentos, degradação da lavoura e criações, chuvas devastadoras, secas prolongadas... Essas correspondências trazem uma noção do quanto “os modos de vida dos sujeitos residentes no alto sertão da Bahia estiveram muito vinculados às estratégias de vivências a partir das necessidades suscitadas pelas instabilidades climáticas” (RIBEIRO, 2009, p. 34). Contudo, elas não encerram as dificuldades enfrentadas pelos sertanejos.

Ciente dessa realidade, João Gumes queixou-se através da matéria “*Nossos Males*”, publicada no jornal *A Penna* em 1916: “Quer chova, quer haja longas estiagens entre nós, estamos convencidos de que estaremos sempre em crise; sempre a miséria e o sofrimento nos perseguirão.”<sup>55</sup>

As crises que roubavam a perspectiva do jornalista, sem dúvidas, foram sentidas muito de perto pela população mais pobre, coagida a buscar caminhos para sua sobrevivência. Encurralada pela falta de alternativas, a mendicância, o roubo, a “vadiagem”, em virtude da falta de emprego, e a migração para outras regiões foram destinos recorrentes para os mais pobres. Nesse sentido, os processos-crimes analisados por PIRES (2009) retratam os furtos (saques à produção agrícola, às “casas de negócios”, furto de gado e outros animais, dinheiro, etc.) motivados pela fome nos períodos das secas mais intensas. Outros comportamentos também foram observados pelo historiador Paulo Henrique Santos:

Uma paz e uma tranquilidade roubadas por indivíduos lançados nas ruas da cidade e nas estradas do sertão pelas secas e pela falta de trabalho. Na falta de dinheiro, a mendicância e a prostituição foram formas alternativas e singulares de sobrevivência, estratégias de

<sup>53</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04, 1923.

<sup>54</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Filhos de Deocleciano Teixeira. Série: Correspondências Recebidas. Caixa: 01, Maço: 01, 1925, nº 152. Não foi possível identificar o autor da correspondência pois está sem assinatura.

<sup>55</sup> GUMES, João. *Nossos Males*. *A Penna*, 02/12/1916, p.01.

subsistência, que os segmentos pobres do sertão construíram a partir das experiências que partilhavam com seus pares e que estiveram presentes no seu modo de vida. (SANTOS, 2001, p. 39).

Por outro lado, “a elite sertaneja administrava seus prejuízos econômicos e fazia estoques de alimentos”, suportando as estiagens de maneira “menos drástica” (RIBEIRO, 2009, p. 34). Os enfrentamentos dos momentos de crises se deram de formas variadas. Entretanto, além de não possuírem tantos meios para driblá-los, nem recursos para estocarem mantimentos básicos à sobrevivência, como a rapadura, a farinha e outros mais, cujos valores sofreram acréscimos entre os anos de 1915 e 1925<sup>56</sup>, as “escolhas” dos segmentos mais pobres nem sempre estiveram de acordo com a moralidade e a ordem pretendidas pelas elites locais, quer pela “falta de civilidade”, quer pela ameaça que representavam aos grupos dominantes.

Como porta-voz dessas elites, o jornal *A Penna* denunciou em larga medida os comportamentos sociais que contrariavam o ideal de cidade moderna em voga naqueles anos, sempre ressaltando os efeitos do que, para ele, se tornou o pior dos males da região:

Além dos **muitos outros males** que nos affligem, **a emigração, que é um dos maiores e que vale pela soma dos mais**, a emigração que sempre temos procurado combater com o maior empenho porque d’ella derivam entre nós a desorganização da família, a decadência extrema da agricultura e o nosso descrédito – assume agora proporções desanimadoras.<sup>57</sup>

Motivadas pela falta de emprego, pela cobrança de imposto sobre as “engenhocas productoras de assucar e rapadura”<sup>58</sup>, pela “busca do Eldorado” na esperança de enriquecimento fácil<sup>59</sup>, pela falta de políticas públicas como investimentos em açudes para atenuar a seca nos anos mais críticos<sup>60</sup>, pelas agravantes crises enfrentadas no sertão ou por outros motivos desconhecidos, “as migrações sempre estiveram muito presentes na vida de sertanejos, mas não eliminaram o trabalho de

<sup>56</sup> Conforme aponta o historiador Paulo Santos, “os trabalhadores agrícolas e urbanos e os pequenos lavradores habituados a um modo de vida com poucas provisões, sentiram em escala bem maior os efeitos das crises de abastecimento de alimentos e da alta dos preços dos produtos agrícolas”. (Santos, 2001. p. 37). Da mesma forma, Pedro Celestino da Silva (1932) também registrou a alta no custo das produções agrícolas entre os anos de 1915 e 1925, especialmente do milho e do café. Nesse sentido, a coluna “Retalhos” publicada no jornal *A Penna* de 15 de Janeiro de 1920, também denunciou a escassez de alimentos, e o aumento do custo da produção agrícola, sobretudo da farinha, da rapadura e de seus derivados.

<sup>57</sup> GUMES, João. Emigração. *A Penna*, 31/03/1921, p. 01- grifos meus.

<sup>58</sup> GUMES, João. As Engenhocas. *A Penna*, 17/01/1913, p.01.

<sup>59</sup> GUMES, João. Emigração. *A Penna*, 23/05/1913, p. 01.

<sup>60</sup> GUMES, João. Açudes. *A Penna*, 26/04/1912, p. 01.

lavradores que enfrentaram as dificuldades continuadas da vida no sertão.” (PIRES, 2009, p. 254).

Embora despreendida da necessidade de migrar, a família Teixeira, que mantinha parte das suas atividades econômicas ligada à terra e uma vida ativa na cidade, mostrou-se atenta aos movimentos dos segmentos mais pobres, conforme demonstraram as correspondências trocadas entre os familiares:

Nelson:

[...] O nosso Sertão vai indo mal e atrazando-se.  
Tem augmentado m<sup>to</sup> o exodo da população p<sup>a</sup> o Sul.

Lima Junior

Caetité, 18 Maio, 923<sup>61</sup>

[..] Penso que a seca vai ser medonha em todo sertão.Reina por aqui grande desanimo e augmenta a emigração para o sul [...].

Zelinda – 5 de Janeiro de 1924<sup>62</sup>

Guanamby – 04 de maio de 1939

Tilinha

[...] O Sertão passa por formidável crise. A seca é sem precedentes e nós devemos ter enormes prejuízos, mortandade de gado vai ser como jamais conheceu. A população está se retirando p<sup>a</sup> São Paulo aos milhares.[...]

Oscar<sup>63</sup>

A fisionomia de um sertão marcado por crises e atraso, que “despovoava-se” em detrimento do progresso de outra região, era desconfortável às elites locais na medida em que desfigurava o “nosso sertão” que os grupos dominantes almejavam possuir. Conforme discussão anterior, os caminhos trilhados pelos segmentos mais pobres nem sempre foram consonantes com a ordem e a moralidade pretendidas pela elite local. Sendo assim, a migração era preocupante na medida em que concorria para o agravamento do quadro social lamentoso, pois, conforme denunciou o jornal *A Penna*, “o exodo do nosso povo tem dado origem à crescente prostituição, tem desorganizado centenas de famílias, tem atirado ao enxurro das sargetas immundas lindas creancinhas”<sup>64</sup>.

Diversas matérias em torno da migração tornaram-se denúncias contra a desmoralização e desorganização das famílias sertanejas, visto que, com o abandono do

<sup>61</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Filhos de Deocleciano Teixeira. Série: Correspondências Recebidas. Caixa: 01, Maço: 01-[142] – grifos meus.

<sup>62</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Rogociano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Maço: 01, Caixa: 01.

<sup>63</sup> Fundo: Acervo Casa do Barão. Grupo: Família Spínola Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 01. Maço: 03

<sup>64</sup> GUMES, João. Ainda o Exôdo. *A Penna*, 26/01/1912, p. 01.

lar por parte dos pais de família, muitas mulheres eram levadas à prostituição, outras, juntamente com seus filhos, “cahem na indigência para, depois, irem ter ao enchurro dos mais degradantes vícios”<sup>65</sup> enquanto os homens contraíam novas uniões, não mais retornando ao sertão. Mas também havia aqueles que mantinham a bigamia, e moravam em lugares alternados, sempre ao sabor da oferta de trabalho.

As consequências geradas pelas crises que, de tempos em tempos, fustigavam o sertão, não escapavam aos olhos das classes mais abastadas. Prova disso foi o surgimento da Associação das Senhoras de Caridade, em Caetité, uma “entidade beneficente, idealizada e presidida durante várias gestões por Celsina Teixeira” (filha de Deocleciano), composta pelas mulheres de elite daquela cidade (RIBEIRO, 2009, p. 122). Apesar do cunho religioso e caritativo, bem como do surgimento de outras entidades semelhantes no mesmo período, em diferentes lugares do Brasil, não se deve desconsiderar “a necessidade de controle sobre as ‘classes pobres’” em virtude do quadro social que imperava naqueles anos:

A presença avultada de “mendigos” e “vadios” em Caetité, nas primeiras décadas da República, era incompatível com os ditames do progresso para a cidade moderna, então em voga no período [...]. Desta forma, a criação da A.S.C. esteve na esteira deste pensamento, visto que sua criação foi bem recebida por setores da elite caetiteense [...]. Diante desta aceitação, a criação da entidade não pode ser dissociada de um projeto político encabeçado por Celsina e com a participação de outras mulheres da família Teixeira. (RIBEIRO, 2009, p. 126)

Diretamente relacionada ao projeto de cidade moderna, a fundação da A.S.C., com a atuação de Celsina Teixeira e demais familiares, somou-se aos investimentos da família Teixeira em favor do progresso idealizado pelas elites locais. Outros investimentos dessa ordem, com a participação direta dos filhos de Deocleciano Teixeira, serão elencados ao longo da dissertação. Vale lembrar que a A.S.C. também deve ser entendida como uma extensão política da atuação dos Teixeira naquela cidade, com participação feminina mais acentuada.

Nota-se que as fontes pesquisadas descortinam uma realidade social adversa; entretanto, foi nesse território de incertezas que a família Teixeira consolidou seu poderio econômico e seu destaque sociopolítico. Vivendo numa região de fronteiras maleáveis no que diz respeito aos espaços urbanos e rurais, não se pode desperceber a

<sup>65</sup> GUMES, João. O Emigrante. *A Penna*, 06/06/1913, p. 01.



importância que a propriedade da terra exerceu no processo de afirmação do poderio de eminentes famílias da região.

Como uma possessão segura e hereditária, a terra significou prestígio e riqueza no interior baiano desde o seu desbravamento. Segundo Márcio Santos (2010), os indivíduos que fizeram parte do processo de conquista dos terrenos localizados no interior baiano eram todos detentores de algum prestígio: “proprietários rurais, chefes militares, vaqueiros ou mascates enriquecidos, antigos cabos de guerra de empresas de apresamento indígena” foram as principais posições sociais ocupadas por aqueles que assumiram uma condição de *potentados*, em virtude da posse de várias extensões de terra que “conferiram a muitos desses indivíduos um *quantum* de poder que os situou como homens proeminentes no meio do qual saíram” (SANTOS, 2010, p. 124 - grifos do autor).

O prestígio conferido pela posse de largas extensões de terra não se restringiu, contudo, aos primeiros proprietários da terra sertaneja, mas constituiu-se num traço diferenciador que acompanhou o desenvolvimento daquela região.<sup>66</sup> Sobre esse aspecto, Elisângela Ferreira (2008, p. 1826) aponta que, embora a posse da terra não representasse “o mesmo potencial de ganhos que proporcionavam a especulação comercial e seus empréstimos a juros, os cargos públicos e suas redes de influências, ou até mesmo um matrimônio afortunado”, ao longo do século XIX ela manteve o seu valor “dentro de uma estrutura de poder político, de influências, interesses e dependência”, onde se assentavam outras formas de enriquecimento. Nesse sentido, os inventários analisados por essa autora, referentes à região de Xique-Xique (BA), apontam que as maiores riquezas estiveram concentradas nas mãos daqueles que souberam combinar a posse da terra com outras atividades econômicas.

No alto sertão da Bahia não foi diferente. Como pontuou Erivaldo Neves (2005, p. 215), as relações de parentesco (uniões conjugais, casamentos consanguíneos e compadrio), a escolaridade e as hierarquias paramilitares, constituíram-se em “fatores

---

<sup>66</sup> Nesse sentido, Erivaldo Fagundes aponta que o “vasto loteamento, iniciado pelas hierarquias de Guedes de Brito e concluída pela Casa da Ponte, delineou a estrutura fundiária do Alto sertão da Bahia, no século XIX, caracterizada pelo grande número de pequenas e médias unidades agrárias, entremeadas por menor número de grandes domínios, estrutura que permaneceu até a contemporaneidade, com a mesma feição, embora reduzissem as áreas dos latifúndios, que ficaram descontínuos, e os grandes proprietários senhores de várias glebas distantes umas das outras. Se por um lado a sucessão hereditária parcelou a terra e multiplicou os titulares, por outro, através da comercialização, concentrou a propriedade, embora predominassem as unidades menores, trabalhadas pelos próprios donos e suas famílias. Nas maiores áreas, ao lado da mesma agricultura, com a persistência da meação, manteve-se a pecuária, já não mais extensiva, com os proprietários vivendo na cidade”. (NEVES, 2005, p. 185)

ou estratégias políticas” que levaram a uma “segmentação diferenciada, fundamental na formação dos poderes locais”, na medida em que se atrelaram a uma distinção já vinculada “à propriedade fundiária”.<sup>67</sup>

Também nesse sentido, os inventários analisados por PIRES (2009), dos membros de abastadas famílias caetiteenses, entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX, permitem uma melhor visualização do quanto as atividades ligadas às fazendas (posse extensiva da terra), foram significativas para a consolidação econômica dos segmentos mais privilegiados da sociedade sertaneja.

A partir desses estudos, entende-se melhor a projeção sociopolítica de Deocleciano Pires Teixeira e demais políticos de destaque naquele contexto, cujo prestígio assentou-se na propriedade da terra, nas posses escravistas e nas redes sociais construídas a partir de uma posição econômica favorável. Sobre esse aspecto, Marisa Teruya (2000, p. 12) salientou a importância das famílias tradicionais ainda no século XX, incapazes de serem enfraquecidas até mesmo pelo processo modernizador. Para essa autora, no período em questão, a recorrência a um “sobrenome comum” ou “ancestral famoso”, relacionado à tradição do XIX, ainda foi uma maneira de se garantir certos privilégios.

Com referência a propriedade de terras, o inventário de Deocleciano Teixeira é sintomático desta discussão, pois demonstra o número de posses e criações que possuía em diferentes lugares da região alto sertaneja e de outras regiões, como o lote no município de Canavieiras, no Sul da Bahia. Somadas, tais propriedades constituíram bens de peso no montante de suas riquezas, e certamente alicerçaram sua projeção política, que será discutida no capítulo seguinte:

Mil cabeças de gado vaccum de toda sorte, existentes na fazenda denominada “Curralinho” situada no Termo de **“Bom Jesus” da Lapa** da Comarca de Água Branca.

Vinte cavallos de campo na referida fazenda.

Dez éguas de toda sorte, na referida fazenda

Mil cabeças de gado de toda sorte na fazenda denominada “Rio das Rãs”, do sobredito Termo de Bom Jesus da Lapa.

Vinte e cinco cavallos de campo, na referida fazenda Rio das Rãs.

Oito burros novos, bravos, na mesma fazenda Rio das Rãs. [...]

Uma parte de terras na fazenda das “Ortigas” no Termo de **Riacho de Santa’Anna** da Comarca de Guanamby havida pelo inventariado em sua meiação por falecimento de sua segunda mulher, Dona Maria

<sup>67</sup> A estratificação social sugerida por Erivaldo Fagundes, dividiu a população alto-sertaneja do século XIX em sete segmentos, de modo que ficaram “situados no topo da pirâmide, poucos grandes fazendeiros, muitos dos quais absenteístas, que viviam nos arraiais e vilas, ou em cidades, empreendedores na pecuária extensiva, com produção do auto suprimento em cada unidade.” (NEVES, 2005, p. 215).

Rita Spínola Teixeira, no valor de dous mil e quinhentos reis, de valor primitivo há mais de quarenta annos quando se procedeu o respectivo inventário...

Duas partes de terra na fazenda “Parateca” [avaliadas em Rs. 35\$000 cada uma]...

Uma posse de terras na referida fazenda “Parateca” [avaliadas em Rs. 40\$000]...

Metade da fazenda denominada “Rio das Rãs”...

Uma parte da referida fazenda “Rio das Rãs”...

Quatro nonas partes da fazenda denominada “Curralinho”...

Um lote de terras médio e demarcado, no **município de Cannavieiras**...<sup>68</sup>

Ao longo do inventário de bens, a referência a “uma parte de terras na fazenda das ‘Ortigas’ [...] havida pelo inventariado em sua meiação por fallecimento de sua segunda mulher, Dona Maria Rita Spínola Teixeira”, encaminha, inevitavelmente, para a questão das uniões conjugais, como estratégicas para a consolidação econômica e política das ricas famílias do alto sertão, e dos Teixeira, em particular.

Como apontou Jonis Freire:

A historiografia tem demonstrado que, em algumas regiões do país, uma estratégia muito utilizada pelas famílias da elite foi a união a outras de igual *status*. Por meio do casamento entre seus pares, elas objetivaram manter, formar e/ou aumentar suas fortunas e prestígio. (FREIRE, 2009, p. 39).

Atento a isso, Deocleciano Teixeira fez dos seus matrimônios um “investimento” que se pode chamar de “bem pensado”. Quando retornou a Lençóis, solteiro, formado em medicina, condecorado pela participação na Guerra do Paraguai, distinto pelas experiências que adquiriu na capital, reconhecido pela origem familiar, certamente seu nome foi cogitado no seio de algumas famílias como um “bom partido” para as moças do lugar. Entre tais famílias, estava a de Antônio de Souza Spínola, um “político de prestígio”, casado com Constança, herdeira de grandes propriedades no baixio de Monte Alto (SANTOS, 1997, p. 124).

Foi com as filhas de Antônio e Constança que Deocleciano Teixeira se casou as três vezes. Seus casamentos justificam-se pelos sucessivos estados de viuvez que experimentou após a morte das primeiras esposas (presumivelmente após um parto). A primeira vez casou-se com Mariana Spínola, a segunda com Maria Rita Spínola, referida no inventário acima, e a terceira com Anna Spínola.

<sup>68</sup> APEB. Sessão: Judiciário, Série: inventário, Classificação: 08/3550/02, Período: 1931, Interessados: Teixeira, Deocleciano Pires E/ou partes: Teixeira, Ana Spínola, Folhas: 229. – grifos meus.

A distinção de cada uma dessas mulheres é salientada pelo tratamento “respeitoso e hierárquico” de “Dona” anterior a seus nomes na documentação pesquisada, o que “significava ser reconhecida como pertencente aos ‘principais da terra’” (FERREIRA, 2008, p. 195). Na mesma perspectiva, Jonis Freire (2009, p. 50) afirmou que o respectivo tratamento mantinha “uma correlação direta com a riqueza.”

Sendo assim, casados sob o regime de comunhão universal de bens, cada um desses matrimônios rendeu a Deocleciano Teixeira uma parte na herança do seu sogro, cuja soma não se restringiu ao valor das fazendas inventariadas. Embora sem poder avaliar o total dos bens herdados, em um dos seus livros-caixa do seu acervo, localizou-se mais um registro de Rs. 525\$82, que recebeu do seu cunhado Aristides Spínola “na data de 19 de ag.<sup>to</sup> de 1880, proveniente de s/ contas como inventariante do casal do C<sup>el.</sup> Teix<sup>a.</sup> na parte de minha primeira mulher. Id. Id. Id. Na parte de minha 2<sup>a</sup> mulher, D. Maria Ritta.”<sup>69</sup>

Além disso, como ocorria na maioria das vezes no Brasil, após o casamento, ao menos na oficialidade, era “o marido [quem] assumia a administração dos bens familiares” (MATTOSO, 1992, p. 131)<sup>70</sup>. Dessa forma, o livro de contas da família de Anna Spínola (“Donnana”), que fora administrado anteriormente por seu pai, Antônio Spínola, e após o falecimento deste, pelo seu irmão Joaquim Spínola, foi assumido por Deocleciano Teixeira em 1884, quando passou a “gerir as despesas” não só da sua esposa, como de sua sogra e cunhadas solteiras:

Este livro servirá da página seguinte em diante para assento da receita e despeza de minhas cunhadas D.D. Constança e Priscilla, representadas por sua Mãe, m<sup>a</sup> sogra, D. Constança Pereira de S<sup>za</sup> Spínola; cujas despezas e receitas ficarão a meo cargo desde 12 de Dezembro de 1884, epocha em que o Dr. Joaquim Spínola retirou-se dos Lençóes, sendo d’esta data incluída na receita e despesas D. Anna, e de 7 de março do corrente anno em diante somente as duas acima, mas sendo as despezas de gêneros divididas ao meio enquanto estiverem as m<sup>as</sup> cunhadas e minha sogra morando comigo.  
Caetité, 10 de outubro de 1885.  
D.P. Teixeira<sup>71</sup>

<sup>69</sup> APMC. Fundo: Casa Anísio Teixeira. Grupo: Livro Caixa. Série: Registros Contábeis. Caixa: 3, maço:14.

<sup>70</sup> Nesse sentido não se deve desprezar o papel das mulheres na administração dos negócios da família, inclusive na família Teixeira, como apontou o estudo de Marcos Ribeiro (2009), nem os poderes que mantinham no estabelecimento das estratégias matrimoniais: “Nas correspondências o aspecto eminentemente político das atuações femininas se faz sentir em diversas situações: nas determinações sobre destinos profissionais, no estabelecimento de estratégias matrimoniais, na relação bastante tensa com empregados das casas e fazendas, na organização orçamentária e investimentos financeiros, na atuação beneficente etc.” (RIBEIRO, op.cit. p. 20).

<sup>71</sup> APMC. Fundo: Casa Anísio Teixeira. Grupo: Livro Caixa. Série: Registros Contábeis (Receitas/ Despesas). Maço: 2. Livros de Contas, p. 83.

Outro aspecto que chama atenção na família Spínola é o número de filhos celibatários ou sem herdeiros diretos. De acordo com a memorialista Helena Santos (1997, p. 148), o casal Antônio e Constança teve dez filhos e somente as mulheres eram herdeiras das fazendas que beiravam o rio São Francisco. Das oito herdeiras, duas se casaram, porém, não deixaram filhos; três se casaram com Deocleciano e as demais ficaram solteiras e sob a “tutela” do mesmo. Além disso, dos dois cunhados que Deocleciano teve, apenas Joaquim Antônio Spínola se casou, deixando outros herdeiros netos na família (ver anexo 3).

Dessa forma, além de administrar os bens das cunhadas solteiras, o que fez até a data de 4 de dezembro de 1930 (dias antes do seu falecimento), Deocleciano Teixeira teve acesso a maior parte na herança da família Spínola, composta, dentre outras posses, pelas fazendas em questão, onde manteve grande criação de gado e vários escravos, antes de 1888<sup>72</sup>. Esses matrimônios, ainda pouco descortinados, somaram significativamente na consolidação econômica da família Teixeira, contribuindo para afirmação do seu poderio na região alto-sertaneja.

Além dos próprios enlaces, os casamentos dos seus filhos também aconteceram com base na endogamia entre as famílias mais abastadas. Nesse sentido, Sheila Faria (1995) apontou que “‘casar bem’ a si próprio e a seus filhos constituía-se num dos pontos fundamentais do ciclo de vida familiar. Estabeleciam-se, com tais alianças, reciprocidades que alicerçavam o poderio das famílias da região, em particular as mais ricas.” (FARIA, 1995, p. 85, apud FREIRE, 2009, p. 39).

Em vista desta discussão, considera-se a seguinte anotação, localizada em um rascunho sem autoria, grafado nas últimas páginas de um livro de contas que pertenceu ao pai de Deocleciano Teixeira:

Alice, filha de Deocleciano e sua finada esposa D. Mariana Spinola, casou com o Snr Bacharel Nicolau Tolentino dos Santos no dia 1º de março de 1896. O D<sup>or</sup>. Nicolau Tolentino dos Santos é filho legítimo do Ten<sup>e</sup> Cor<sup>el</sup> José Maria dos Santos, já falecido.<sup>73</sup>

Apesar de não haver maiores informações sobre Nicolau Tolentino e sua família, o seu bacharelado e as patentes do seu pai sinalizam uma distinção social peculiar aos grupos mais abastados. Com igual ou maior seletividade, a filha Evangelina casou-se

<sup>72</sup> Registros sobre escravos nas fazendas da família Teixeira encontram-se nos livros contábeis da família, bem como no inventário de bens de Mariana de Souza Spínola, a primeira esposa de Deocleciano Pires Teixeira.

<sup>73</sup>APMC. Fundo: Casa Anísio Teixeira. Grupo: Livro Caixa. Série: Registros Contábeis. Caixa: 3, maço:13.

com Francisco Pires, “chefe político da região de Ituaçu (BA)” (RIBEIRO, 2009, p. 78), e as filhas Alzira e Celsina Teixeira foram casadas com herdeiros (netos) do Barão de Caetité. A primeira com o Coronel Lima Júnior, filho de Joaquim Manoel Rodrigues Lima, um dos mais influentes políticos caetiteenses, e Celsina Teixeira com José Antônio Gomes Ladeia (Juca), farmacêutico e dono de terras em grandes fazendas da região, como a Santa Bárbara e a Fazenda Campos. Sobre este último, a correspondência do sobrinho e afilhado Joaquim Otílio Spínola Teixeira endereçada ao tio Deocleciano tornou notória a interferência do pai no matrimônio dos filhos: “Felicito-lhe pela escolha que fez do Juca para noivo de Celsina [...]”<sup>74</sup>

Numa época em que o entrelaçamento de ricas famílias era legitimado especialmente através do casamento, a união que envolvia posses e prestígios nem sempre era pautada na afetividade. Sobre isso relatou Celso Teixeira (outro filho de Deocleciano Teixeira) numa carta ao tio Rogociano Teixeira, ao falar do seu compromisso desfeito:

Caetité, 28 de Novembro de 1923

Tio Rogociano:

[...] Deve já ter sabido que o meu contrato de casamento por Colasinha era por **motivo de política**, e veio comprovar a falta de amizade, que ella me tinha. Hoje considero este acontecimento uma felicidade para mim [...]

Celso<sup>75</sup>

A prática de casamentos por “motivo de política”, ou interesses outros, não foi incomum entre as elites caetiteenses, pois através dessas alianças emergiam ciclos de reciprocidades onde trocas econômicas e políticas foram seladas. Embora nem sempre se dessem por esses motivos, não se deve minimizar o papel do matrimônio na consolidação de alianças políticas e socioeconômicas ainda no início do século XX, afinal “o casamento entre a elite regional servia, em larga medida, para a formação ou consolidação de famílias poderosas, que constituíam grupos hegemônicos e mantinham prerrogativas de liderança regional” (PIRES, 2009, p. 167). Nessa perspectiva, o casamento nutria a segurança do prestígio, da fortuna e da hegemonia familiar:

[...] no que se refere à permanência de um ideal de família extensa, as preocupações com a manutenção da fortuna e com o pertencimento a uma classe dirigente tinham espaço privilegiado [...] dessa forma, ao longo dos anos, os bens pertenciam no interior do núcleo extenso,

<sup>74</sup>APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 01, Maço: 02. [206]

<sup>75</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Rogociano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Maço: 01, Caixa: 01- grifo meu.

preservando o nome e o prestígio da família. (MAUAD; MUAZE, 2004, p. 217).

Para que se cumprissem as finalidades acima pontuadas, na escolha conjugal perpassavam diversos critérios. Entre eles, distinção, educação e o sobrenome da família mostraram-se essenciais na realização do que se julgava um “bom casamento”:

Bahia, 21 de Julho de 1916

Tio Deocleciano:

[...] Celso Torres é um **rapaz distinctissimo** e eu muito o considero e estimo. Aqui na Bahia, tanto elle como as irmãs são muito estimadas; acho que Leontina faz **um bom casamento** [...]

Clóvis<sup>76</sup>

Bahia, em 30 de Maio de 1903

Minha mãe

Ha poucos dias vos escrevi um cartão em que pedia o consentimento para o meu casamento com D. Aida Drummond, estando eu actualmente noivo, é motivo para eu avisar bem este meu desejo [...].

Passando a historiar a família de minha noiva, Ella é orphã de pai, o pai foi **muito distincto e era considerado no commercio**, deixou o casal com 4 filhos – sendo 3 moças e 1 rapaz, 1 déllas é casada com o Dr. Soledade (medico) está actualmente no Rio de Janeiro, a Senhora Amasilia mãe délla é muito amável e **possue todos os dotes de uma mulher bem educada**.

Mais ou menos tenho dito sobre a família de minha noiva.

Lembranças a todos d’ahi.

O vosso filho m<sup>io</sup> am<sup>o</sup> e grato

Octacílio<sup>77</sup>

A primeira carta refere-se a Leontina (outra filha de Deocleciano Teixeira), que, segundo seu primo Clovis, também faria um “bom casamento”, dada a distinção do rapaz. A segunda é de Otacílio (outro filho de Joaquim Manoel Rodrigues Lima), que escreveu à sua mãe não só em função do consentimento para casar-se com a referida noiva, como para dar-lhe referências da moça e de sua família pelo fato de residirem na capital baiana. Nota-se que a escolha do cônjuge não era uma tarefa individual, mas essencialmente familiar, onde não só os homens, mas também as mulheres exerciam influências decisivas.

Como também notou o historiador Marcos Ribeiro (2009, p. 42), os indícios dessas alianças estão presentes em todo o acervo da família Teixeira e não se restringem apenas às permutas matrimoniais, mas se estendem na formação de outras redes de

<sup>76</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04 - [2704]- grifos meus.

<sup>77</sup> Fundo: Casa do Barão. Grupo: Não há. Série: Correspondências Maria Vitória (Yayá). Caixa: 01. Maço: 01- grifos meus.

reciprocidades, através de parentescos fictícios como o compadrio<sup>78</sup>, largamente notados a partir das “assinaturas do tipo ‘afilhado, e obsequioso amigo’” ou “seu compadre e amigo certo”.

As diversas estratégias utilizadas pelas elites caetiteenses em função da consolidação do seu poder e *status* na região alto-sertaneja ainda merecem estudos mais detalhados, sobretudo, no que tange à formação de uma sociedade altamente hierarquizada e conservadora, marcada por fortes reminiscências relacionadas às famílias tradicionais do lugar.

Entretanto, espera-se, a partir desta discussão, uma compreensão necessária da conjuntura socioeconômica do alto sertão da Bahia, capaz de evidenciar a forma como os sujeitos sociais distintos enfrentaram as vivências sertanejas no contexto em questão. Tais experiências podem ser diferenciadas entre os constantes arranjos de sobrevivência das camadas mais pobres e os arranjos de preservação e equilíbrio do patrimônio pelos grupos dominantes, igualmente notados no âmbito político, conforme será discutido no próximo capítulo.

### **1. “Que tal vai a capital?”: viagens, comércios, cartas e remessas entre o sertão e as capitais**

No intuito de esmiuçar um pouco mais a consolidação socioeconômica da família Teixeira, bem como apontar caminhos favoráveis à sua solidificação política, torna-se importante situar melhor os vínculos que amarraram o sertão aos lugares mais urbanizados. Através das correspondências e das transações comerciais anteriormente citadas, é possível notar como as ricas famílias residentes no alto sertão mantinham contatos diversos com a capital da Bahia. Esses vínculos, também apontados pela historiografia que aborda a região, contribuem para desmistificar a ideia de um sertão isolado, presente na literatura memorialista que descreveu Caetité como uma “pequena e isolada cidade de um sertão distante.” (GUMES, 1975, p. 08).

Na contramão dessa ideia de “sertão isolado”, realçou-se um pequeno anúncio da Loja Caprichosa, publicado pelo jornal *A Penna* de março de 1921, em meio a

---

<sup>78</sup> Segundo Mônica Oliveira, “a lógica do compadrio assentava-se tanto no poder econômico das partes envolvidas, como principalmente, no prestígio e status que podiam ser auferidos da relação. Revela-se de grande importância na consolidação de uma relação de dependência, expressa na condição de eleitores, devedores, agregados, dentre outras.” (OLIVEIRA, 2005. p. 175).



notícias corriqueiras como falecimentos, consórcios de casamento, uma pequena história “Para Meninos” e mais um trecho de “*O Sampauleiro*”<sup>79</sup>:

ESPETOS com enormes camarões frescos, farinha de trigo nova, bacalhão novo, folhas de louro, azeite de dendê, macarrão, aletria, palitos, azeite doce, passas e ameixas novas escolhidas na Capital, receberá por estes dias a grande LOJA CAPRICHOSA.<sup>80</sup>

Os artigos oferecidos são visivelmente incomuns à cultura sertaneja. E nessa mesma página, a loja de propriedade do Sr. Durval Públio de Castro, instalada em Caetité desde 1905, espalhou mais seis anúncios de propaganda dos seus artigos comerciais: figurinos franceses e nacionais, vestidos da última moda, camisas bordadas, vindas do Rio de Janeiro, charutos finos, louças japonesas, entre outros.

Pesadas as precariedades das estradas, a falta de transportes de grande porte, a ausência de uma linha férrea que alcançasse Caetité e, ainda, a instabilidade dos serviços de correio – queixas tão corriqueiras nos jornais daquele início de século – os artigos vindos de cidades que àquela época eram verdadeiras vitrines urbanas, ou mesmo de outros países, não se tornavam ainda mais caros na Loja Caprichosa? Contudo, a rentabilidade de comércios desse tipo se atestou pelos anos de existência daquela casa comercial<sup>81</sup>. Noutra medida, tais informações também realçam que em Caetité determinados grupos sociais apreciavam artigos finos e de luxo, ansiavam viver no sertão aos moldes dos destacados centros urbanos e, sobretudo, detinham recursos financeiros para custear a importação de certos gostos refinados.

Nesse sentido, as fotografias a seguir (figura 4 e 5) retratam o interior de duas salas do sobrado onde residiu a família Teixeira; nota-se pelo requinte da mobília a fortuna desfrutada pelos ricos proprietários do sertão.<sup>82</sup> Na sala de jantar, retratada na primeira fotografia, observa-se uma mesa de madeira com doze lugares e destacam-se

<sup>79</sup> *O Sampauleiro: Romance de Costumes Sertanejos*. Foi escrito por João Gumes, o redator do jornal *A Penna*, entre 1917 e 1929. A obra trata da emigração para São Paulo, uma prática comum entre os sertanejos, intensificada durante aquele período, sobretudo, em virtude das secas e das promessas de melhoria de vida representadas pela região Sul. Inicialmente foi publicado em folhetins quinzenais no jornal *A Penna* e só em 1929 foi impresso em formato de livro pela própria gráfica do jornal.

<sup>80</sup> *A Penna*. 17/03/1921, p. 2

<sup>81</sup> Em 1925 Durval Públio de Castro, proprietário da Loja Caprichosa, publicou um jornal: “*O Comércio*” em comemoração aos 20 anos da sua casa comercial. Esse jornal também se configurou como uma auto-propaganda, onde o comerciante reuniu e publicou o que os jornais já haviam dito a seu respeito e quais as contribuições que ele já havia dado ao município. Antes disso, em 1918, Durval Públio de Castro havia lançado outro jornal, “*A Evolução*”, intitulado um “Jornal Independente” com pretensões a tiragem contínua, mas sua duração foi efêmera.

<sup>82</sup> Essa mobília pertence, atualmente, à fundação Anísio Teixeira, que mantém em Caetité o museu Casa Anísio Teixeira (CAT). As fotografias foram gentilmente cedidas pela professora da UNEB/ Campus VI, Maria Auxiliadora Lédo, coordenadora da CAT.



Figura 4: Sala de jantar do sobrado dos Teixeira. Autor: Fernando Dias, 2010.



Figura 5: Sala de visitas do sobrado dos Teixeira. Autor: Fernando Dias, 2010.

especialmente as pinturas na parede, cuidadosamente recuperadas pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC) na ocasião da restauração do imóvel. Em cada parede, além dos bordados, há também paisagens de natureza diversa. Na segunda fotografia, o ambiente é a sala de visitas, logo à entrada da casa, onde se

nota, assim como na primeira fotografia, um lustre amparando o candeeiro e móveis bastante refinados. Nesta fotografia, os retratos de canto são dos pais de Deocleciano Teixeira, Antônio José Teixeira e Maria Magdalena S<sup>a</sup> Teixeira; e conforme a inscrição no verso, feita por seu irmão Rogociano Teixeira, foram “tirados em 1870 em Paris pelo prof. E. Viancin e reparados no Rio de Janeiro em 1909 pelo prof. João José da Silva”.

Deve-se lembrar ainda o saber como um dos poderes mantidos por essa família. Nessa perspectiva, destaca-se a biblioteca que pertenceu à família Teixeira; parte dela, 1320 títulos, doada ao Arquivo Público Municipal de Caetité<sup>83</sup>.

Essas características, partilhadas por outras famílias abastadas da cidade, permitem afirmar que as elites caetiteenses não eram compostas apenas por sujeitos afortunados. Mesmo morando numa região ainda bastante ruralizada, homens e mulheres como os da família Teixeira cultivaram finos gostos culturais, voltaram-se para a intelectualidade e se envolveram com a política. Levando em conta as devidas exceções, pode-se observar que a atuação dessas elites se enquadra no perfil identificado por Conniff (2006, p. 100), de que, “nos primórdios do século XX, a elite política coincidia bastante com as elites sociais, econômicas e intelectuais.”

Em lugar de tendências ou inclinações naturais, concepções tão presentes nos discursos dos memorialistas locais<sup>84</sup>, o que se observa no diálogo com a historiografia mais recente sobre a região, bem como nas fontes pesquisadas, é que essa postura mais

---

<sup>83</sup> No APMC esses títulos foram catalogados nas seguintes áreas: direito, política, educação, medicina, gramática, agronomia, zoologia, religião, história, agricultura, literatura, indústria, biografia, botânica, psicologia, geologia, geometria, além de algumas revistas diversas. Destacam-se ainda outras bibliotecas existentes em Caetité no período delimitado, como os livros da “Casa do Barão” que estão em processo de catalogação; a biblioteca do professor Alfredo José da Silva, parte dela doada ao APMC e outra guardada pelos familiares, e a de João Gumes, cujos títulos remanescentes estão em posse da família. Além disso, conforme Joseni Reis (2010, p. 99), “encontram-se, na residência que pertenceu ao coronel Cazuzinha, vários livros do final do século XIX e início do século XX, bem como livros franceses”. Localizou-se ainda, nas atas da Câmara Municipal, de 1922, a fundação do “Club da Bibliotheca” que funcionou no Paço Municipal. Cf. Fundo: Câmara Municipal. Grupo: Secretaria da Câmara. Série: Atas. Caixa: 01.Mç: 05.

Além dessas informações, em 1926, o jornal *A Semana*, de Vitória da Conquista, publicou uma nota sobre a “Bibliotheca Magalhães [...] já ha tempos fundada” em Caetité. *A Semana*.12/03/1926, nº 15.

<sup>84</sup> Ao escreverem uma memória em que Caetité é representada como um lugar de destaque no meio de sertão rude e pobre, os memorialistas locais (Flávio Neves, Marieta Gumes e Helena Lima) defenderam a ideia de uma cidade com inclinação natural à intelectualidade e à cultura, como uma marca registrada desde os primeiros moradores, o que é notável em diversos momentos de seus discursos: “Para lá afluíram [...] pessoas de nível intelectual capaz de refletir a cultura de então. Muitas das famílias ali fixadas levaram consigo o gosto pelas coisas do espírito. Conservar essas prendas da civilização, mantê-las vivas, afeiçoá-las ao tom local de vida, foi o trabalho de várias gerações de caetiteenses.” (GUMES, 1975. p. 8); “Marcava-se Caetité, no meio dos extensos sertões, como um ninho de cultura; [...] uma semente inicial de boa sapa, ensinou um culto à inteligência.” (NEVES, 1986. p. 5); “Desde o começo de sua formação, orientou-se a atividade politizante [de Caetité] como um centro de cultura.” (SANTOS, 1995. p. 47). Nascidos no seio de uma elite letrada, esses discursos não devem ser distanciados das experiências que seus autores tiveram com a escolaridade e a cultura em Caetité nas primeiras décadas do século XX, restrita aos grupos sociais dos quais fizeram parte.

intelectualizada das elites caetiteenses foi proveniente de contatos com lugares mais urbanizados, estabelecidos em tempos mais remotos e reatualizados pelas novas gerações.

A interação dessas elites com as capitais não se limitou, entretanto, ao consumo dos artigos de casas comerciais como a Loja Caprichosa. De maneira constante e recíproca, os contatos com lugares longínquos e mais desenvolvidos, tais como Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, dentre outros, se deram pelos motivos mais variados, colaborando para o fortalecimento de uma intrincada rede de laços comerciais e de sociabilidade entre as distintas regiões, especialmente entre a Bahia (Salvador) e Caetité.

Em diversos exemplares do jornal *A Penna*, estão registradas propagandas de lojas, drogarias, advogados, casas comerciais de miudezas e ferragens, armazéns, etc., instalados na Bahia. Ainda são encontrados anúncios de marcas nacionais, como Bromil, A Saúde da Mulher, Elixir de Nogueira e outros medicamentos conhecidos cuja divulgação não se justificaria no periódico de um interior isolado.

Foi em meio às propagandas de mercadorias e medicamentos que um anúncio de canto de página, já deteriorado pelo tempo, impresso na terceira folha do jornal de 14 fevereiro de 1924, chamou especial atenção:



Figura 6: Anúncio Fidelgino Vieira. Fonte: *A Penna*. 14 de fevereiro de 1924. Ano XVIII, p. 3.

Embora quase ilegível, o pequeno anúncio possibilitou uma noção mais ampla da dinamicidade em torno da interação existente entre o sertão e a capital, apesar da falta de boas estradas e meios de locomoção mais adequados. Como é possível notar, o anúncio foi divulgado em nome de Fidelgino Vieira, entretanto a indicação “Matriz em

Jiqui<sup>85</sup> e filial em Barra da Estiva” sugere que outras pessoas estavam envolvidas no que era uma espécie de “transportadora”, visto que ele se anunciou como “intermediário em Jiqui para o transporte de volumes do sertão para a Bahia e vice-versa.”

Dada a distância entre Caetité e Salvador (quase 800 km.), esse anúncio exprime também as diversas possibilidades de ganho que a dinâmica entre as regiões distantes proporcionou aos diferentes sujeitos que atuaram não somente como intermediários de mercadorias, mas, em outros casos, oferecendo “pontos de pouso” em meio a uma viagem de estimados “oito a dez dias” (RIBEIRO, 2009, p. 53.), angariando seu sustento das hospedagens e aluguéis de pastos para animais; das viagens em tropas ou dos serviços prestados na condução de mercadorias, correspondências, pessoas ou boiadas pelo sertão afora, como demonstra a missiva de Mário Teixeira ao seu pai (Deocleciano) em 1907: “Tio Chiquinho deixou-me para ajustar as contas de boiada com os conductores que ainda estão em caminho e mais outras contas.”<sup>86</sup>

Em relação a essas viagens, a carta de Edvaldo (neto de Deocleciano Teixeira) escrita à sua mãe, Celsina Teixeira, no caminho para Salvador (onde estudava), detalha um pouco mais o percurso e as condições em que se davam:

Sincorá, 21 de Março de 1928.

Mamãe

Cheguei aqui bem graças à Deus, apesar de logo após algumas horas a sahida; **ter sentido a vista aborrecida, passando com forte dôr de cabeça a qual passou graças a um pedaço de muquiba especie de rôlha de pau, que deu-me Eusébio para cheirar.**

Passada esta crise com a qual seria impossivel viajar, parti no dia seguinte, são, porem **importunado pelo sol abrasador de rachar até a chegada aqui. A viagem não foi tão facil como pensava de fazer em 3 dias e ½, pois só me foi possivel chegar hoje.** [...]

Por Chico Pires soube que houve grande festa no dia 19 em honra a S. José, com procissão etc; fiquei sentido não estar ahi para assistir; porem resignei-me vendo-me em caminho da nova vida que vou sentenciar, **se bem que supportando o preguiçoso e antigo meio de viajar, o automovel sertanejo ou cavallo. A Viagem sob o ponto de vista de hospedagem foi optima.**

Fallei ao Correia sobre o quadro de Vmcê, **disse-me elle ter mandado a 9 deste por um tropeiro, assim como umas encomendas, que seu Quincas deixou aqui.** [...] **São 10 e cinco e tenho de seguir as 4 da manhã, por isso não me estendo mais.** E pedindo a Deus por Vmcê. Peço abençoar o filho de coração mto. am<sup>o</sup>.

<sup>85</sup> Lugar onde estava localizada a estação ferroviária de Jequi, que foi inaugurada em 1921. Também chamada de Jiqui ou Jiquy. Foi ponta de linha por 6 anos. Atualmente o lugar se chama Novo Acre e é um distrito do município de Iramaia – BA.

<sup>86</sup>APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04 - [2663]. Essa carta foi escrita por Mário Teixeira ao seu pai Deocleciano Teixeira, de um lugar denominado Morro em 6 de junho de 1907.

Edvaldo<sup>87</sup>.

A carta foi escrita em Sincorá (atual Contendas do Sincorá – Chapada Diamantina), depois de transcorrido aproximadamente um terço da viagem para Salvador, até onde se previa gastar três dias e meio para chegar, o que permite mensurar o tempo médio de viagem. Entretanto, os percursos feitos através do “preguiçoso e antigo meio de viajar”, normalmente a cavalo ou em uma “boa mula de cela”, foram carregados de imprevistos – como a dor de cabeça de Edvaldo – que aumentavam ainda mais o tempo na estrada.

Nessas viagens, a atuação de camaradas como Eusébio e outros homens comuns, encarregados e tropeiros que também percorriam essas distâncias e mantinham contato com realidades distintas da sertaneja, assume um papel fundamental. A serviço da família Teixeira, foram localizados ainda os camaradas Cândido, Durvalino e Bruno, a quem foram pagos 10 reis (cada), em 2 de janeiro de 1923, “p. c/ viagem”. No mesmo dia, o livro-caixa de Deocleciano Teixeira registrou também a saída de 200 réis pagos a sua filha “Sinsinha [Celsina] p<sup>a</sup> despesas de viagem”. Ao longo do mesmo livro, aparecem também as despesas com Francisco e José, “camaradas de Anísio”, a quem foram pagos 29 réis; 10 réis pagos “a um viajante”; 10 réis pagos ao camarada Francisco Prado para despesas de viagem e ainda 35 réis pagos ao camarada Zezinho para viagem.<sup>88</sup>

Alguns desses nomes são corriqueiros entre as anotações de despesas da família, demonstrando existir uma relação de trabalho consolidada, que não se restringia aos serviços prestados nas viagens, como evidenciou o pagamento de 7 réis “ao Hermelino, cammarada [por] serviço em casa”, em outro momento de 15 réis referentes à viagem e ainda, de 25 réis e de 5 réis por serviços não identificados. Através dessas anotações é possível ter uma noção do valor médio recebido por esses homens nos diferentes serviços prestados. Nesse sentido, lembra-se ainda o pagamento de 5 réis “ao cammarada p<sup>a</sup> pasto do bois”, de 52 réis “aos trabalhadores” por serviços não identificados, de 30 réis pagos “a dois cammaradas positivos”<sup>89</sup>.

<sup>87</sup> APMC, Grupo: Celsina Teixeira, Série: Correspondências. Caixa 2, maço 1, n.º. 687. Apud: Ribeiro (op.cit.: 52)- grifos meus.

<sup>88</sup> APMC: Fundo: Acervo Casa Anísio Teixeira. Grupo: Livro Caixa. Série: Registros Contábeis (Despesas/ receitas). Caixa: 01, maço: 01

<sup>89</sup> APMC: Fundo: Acervo Casa Anísio Teixeira. Grupo: Livro Caixa. Série: Registros Contábeis (Despesas/ receitas). Caixa: 01, maço: 01.

Esses valores, contabilizados entre 1923 e 1925, são melhor apreendidos quando se observam outras despesas registradas no mesmo livro-caixa, através das quais é possível estabelecer alguns comparativos. O mesmo valor de 10 réis pagos à maioria dos camaradas acima citados foi gasto com “papel e envelopes” e com cada um dos músicos “Guilherme, Tim e Sinhô” numa noite festiva. Esse valor era menor que os 15 réis empregados com “cigarros e telegramas”; que os 25 réis referentes a um “par de butinas”, os 30 réis pagos em uma “lata de kerosene” e os 36 réis que compraram “uma dúzia de cerveja”. Com o trabalho desses camaradas também se gastou menos que os 37 réis empregados em “fogos e pistolas para o São João” de 1924, que os 50 réis apostados no jogo ou doados à festa de 2 de julho de 1923 e os 100 réis doados à festa de Santana do mesmo ano. Por fim, se somados, também não custariam os 150 réis pagos ao “Vigário pelo trabalho de casamento” em 1925.<sup>90</sup>

Entretanto, na carta de Edvaldo Teixeira, a importância de um desses homens faz notar-se pela experiência requerida para um trabalho como aquele, não só em relação às estradas, ao animal e ao tempo, mas a qualquer imprevisibilidade que pudesse ocorrer, sendo preciso adiantar-se aos acontecimentos e prover-se dos recursos necessários para os casos inesperados e suscetíveis a uma viagem com longos trechos sem habitação. Foi dotado dessa experiência que o camarada Eusébio valeu-se do seu conhecimento da “medicina popular” para acudir os incômodos do rapaz.

Além de suscitar a figura dos camaradas, que atuavam ainda como portadores de cartas e notícias, conforme o seguinte trecho: “o camarada dara noticias de Chica e Alzira”<sup>91</sup>; a correspondência de Edvaldo apontou também o papel das “pousadas” espalhadas ao longo do caminho, que funcionavam muitas vezes como pontos de entrega e despacho de mercadorias, uma atividade igualmente dinamizada pelo tropeirismo<sup>92</sup>:

<sup>90</sup> APMC: Fundo: Acervo Casa Anísio Teixeira. Grupo: Livro Caixa. Série: Registros Contábeis (Despesas/ receitas). Caixa: 01, maço: 01.

<sup>91</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 05 – [2807] Carta de Mário Teixeira, escrita em 24/07/1923.

<sup>92</sup> Conforme Silva (1932): “As tropas eram então, o único meio de transporte, representando ellas um effectivo de muitas centenas de animaes cargueiros, empregados no inter porto do commercio para a **condução de mercadorias e passageiros.**” Além da falta de um transporte mais “moderno”, o viajante, que esteve em Caetitê entre os anos de 1926-7 denuncia a falta de estradas: “As asperezas dos caminhos, a falta de pontes nos rios transbordados, na estação das águas, augmetando as dificuldades dos viajantes, tornam um suplício para os viajantes vencerem estradas destruídas e atoleiros transformados em verdadeiros tremedaes, de sorte que tão penoso e moroso percurso bem mostra a **deficiência de transporte no sertão.**” (SILVA, 1932, p.173- grifo meu.) Ver ainda sobre o tropeirismo no Alto sertão da Bahia: Paes (2001).

As tropas tiveram importância basilar na vida sócio-econômica do alto sertão[...] mantiveram o sertão articulado com outras localidades, possibilitando um intercâmbio dinâmico entre o “sertão distante” e outras localidades. Além disso, atualizavam as populações sertanejas de notícias da capital. (PIRES, 2009, p. 155).

Em 1928, data em que a carta de Edvaldo foi escrita, já havia estação de trem em Sincorá, o que diminuía o tempo da viagem até Salvador. Contudo, em anos anteriores o percurso feito em montarias era muito maior, acrescendo também o desgaste ocasionado pelas condições em que essas viagens se davam, como demonstra a correspondência seguinte, localizada no acervo da Casa do Barão:

Bahia, 1 de Julho de 1907.  
D. Yayá

Chegamos sem novidades e encontrei todos os meus bons graças a Deus, as meninas chegaram **muito queimadas**, principalmente Lourdes que chegou com o **rosto parecendo uma ferida**, felizmente estou engordando um pouquinho, **não tive mais dôr de cabeças a não ser um dia na viagem**.

Desta vez achei os **caminhos péssimos e tive mêdo das ladeiras, com crianças [...]**.

Aida<sup>93</sup>

Passados quase vinte anos desde a escrita da carta acima, as viagens pelas estradas que ligavam o sertão à Bahia ainda aconteciam através de montarias. Sendo assim, os desconfortos gerados pelo lombo do animal não se minimizavam na ausência do sol para queimar a pele, pois os períodos chuvosos provocavam outros incômodos e empecilhos, aumentando o tempo de viagem, os riscos e o desgaste físico:

Caetité, 18-2-926

Saudoso Filhinho:

[...] Imagino que viagem estarás fazendo com **tanta chuva**, é provável que estejas, **esbarrado, esperando que os rios dêem passagem!** No dia que sahiste, choveu sem cessar, hoje está ameaçando. [...]

Celsina<sup>94</sup>

Caetité, 31 de Março de 1926

Querido Edvaldo

[...] Anísio deve chegar esta semana, porem com o inverno rigoroso que temos tido, não sei se chegará com tão poucos dias! Chico Bastos chegou hoje depois de **dez dias de viagem**.

<sup>93</sup> Fundo: Casa do Barão. Série: Correspondências Maria Vitória (Yayá).Caixa: 01, Maço: 01 – grifos meus.

<sup>94</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Edvaldo (filho de Celsina). Série: Correspondências. Caixa: 01, Maço: 01 – [25] grifos meus.



Imagino o que o Anísio não vem soffrendo com **tantos rios cheios!**  
Aqui não há um dia que não chova. Hoje desde quatro horas está  
chovendo e já são 8. [...]  
Celsina<sup>95</sup>

Antes do prolongamento da estrada de ferro até Sincorá, a viagem era feita a cavalo até Machado Portela (atual Maracás - BA), a “60 léguas de Caetité” (PIRES, 2009, p. 24), de onde uma linha férrea levava os viajantes até Salvador, ou feita a cavalo (ou a pé) até Bom Jesus da Lapa, de onde a viagem transcorria pelo vapor até Juazeiro e de lá para Salvador:

Caetité, 6 de março de 1895  
Quincas  
O Cincinato vae p<sup>a</sup> a Bahia em comp<sup>a</sup> do Deocleciano e Balbino, **vão pelo rio de S. Fran<sup>co</sup> indo tomar o vapor na fazenda do Deocleciano**, partem d’aqui a 13 do corr<sup>e</sup> devendo chegar a faz<sup>da</sup> do Deocleciano a 15.  
É a melhor opportunid<sup>o</sup> de faseres remessa de requeijões a teu pai [...].  
Tio e am<sup>o</sup>  
JARLima<sup>96</sup>

Bahia, 10 de setembro de 1916

[...] **A viagem pelo S. Francisco agora não é bôa**, devido as condições sanitárias de Juazeiro.  
**Assim convem que a volta seja por Machado Portella.** [...]  
Sob. Amigo  
Mario Torres<sup>97</sup>

Caetité, 12 de Novembro de 1921

Rogociano  
[...] **Estou despachando condução para Mario, que avisou-me estar á 17 d’este no Machado.** Não fala nas meninas, mas vai condução p<sup>a</sup> ellas.[...]  
Do seo irmão – Deocleciano<sup>98</sup>

Quer fosse para Salvador ou para outra capital, a saída e o acesso a Caetité só eram possíveis através das montarias<sup>99</sup>. Muitas vezes, seguia-se para Bom Jesus da

<sup>95</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Edvaldo (filho de Celsina). Série: Correspondências. Caixa: 01, Maço: 01 – [28] grifos meus.

<sup>96</sup> Fundo: Acervo Casa do Barão. Grupo: Quincas. Série: Correspondências. Caixa: 01. Maço: 03. – grifo meu.

<sup>97</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04 - [2712]- grifos meus.

<sup>98</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Rogociano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 03, Maço: 02 - [1180] - grifo meu.

<sup>99</sup> Em 1925 uma estrada de rodagem passou a ligar Caetité a Bom Jesus da Lapa e os primeiros automóveis entraram na cidade por essa via. Contudo, tendo em vista a ausência de outras estradas de rodagem e a restrição do automóvel, os animais continuaram sendo o principal meio de transporte da região.

Lapa, e de lá, pelo vapor, até a estação ferroviária de Pirapora, em Minas Gerais, para então alcançar o caminho das capitais mais distantes, como o Rio de Janeiro ou São Paulo. Outra possibilidade era a viagem feita de navio, a partir de Salvador, pela costa brasileira, até o porto do Rio de Janeiro ou de Santos.

Embora sendo viagens extensas e cansativas, o contato com as capitais revela-se expressivamente na documentação pesquisada. O próprio contingente de correspondências trocadas entre os membros da família Teixeira, muitas vezes em relativo curto espaço de tempo (entre escrever/ responder), demonstra a dinâmica comunicação existente entre o sertão e a capital. Nesse sentido o historiador Marcos Ribeiro aponta que:

Apesar das grandes dificuldades de comunicação nas três primeiras décadas do século XX [...], a rede de sociabilidade construída por aqueles sujeitos e a necessidade de se comunicar, produzindo textos que contavam fragmentos de suas histórias, se sobrepôs a esses problemas. (RIBEIRO, 2009, p. 54).

Atreladas aos fragmentos de histórias de vida, as cartas sinalizam uma variedade de intercâmbios existentes entre aqueles que residiam no sertão e os viviam nos centros urbanos mais destacados. Através dessas trocas, as elites caetiteenses mantinham contato com as novidades da capital, próprias de um modo de vida mais urbanizado; compravam produtos incomuns ao interior, a exemplo dos vendidos na Loja Caprichosa; sabiam de notícias relacionadas ao Brasil e ao mundo, especialmente as notícias políticas; assimilando, com isso, uma vivência diferenciada daquela habitualmente experimentada por um sertanejo:

Bahia, 26 de Junho de 1903.

[...] **Mando junto a esta – um bilhete da loteria federal.**[...]

O Dr. Rocha pagou em restituição os 48\$000 **duas assignaturas da Ilustração Brasileira.**

Em carta da casa remetti a V.S. o bilhete da grande loteria para o S. João.[...]

De V.S.

Att<sup>o</sup> ob<sup>o</sup> e cr<sup>o</sup>

J. Aug.<sup>to</sup><sup>100</sup>

Bahia, 21 de Julho de 1916

Tio Deocleciano

<sup>100</sup>APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04 - [2659] – grifos meus.

[...] **Remetto-lhe um livro novo** que tem feito sucesso extraordinário, “Exaltação” de Albertina Bertha [...] Como paginas de literatura finamente buriladas e dignas de figurar. [...]  
Do Sob<sup>o</sup> am<sup>o</sup>  
Clovis.<sup>101</sup>

Bahia, 8 de Julho de 1922

Tio Deocleciano

[...] **Pelo correio remetti a Vm<sup>ce</sup> alguns jornaes** com as noticias que aqui chegaram da revolução fracassada. A atitude energica do Epitácio tem sido aqui comentada favoravelmente.[...]  
Saudades a todos. Do sob<sup>o</sup> Celso.<sup>102</sup>

Nota-se que a ligação com a capital proporcionou às elites satisfazer desejos como assinaturas de revistas e jornais de maior circulação, a leitura de um livro recém-lançado e até mesmo a possibilidade de fazer um jogo na loteria federal.

Além disso, assim como o periódico caetiteense era enviado para amigos e familiares distantes: “Rogociano [...] Hoje mando-lhe a “A Penna” para V. dar também aos meninos”<sup>103</sup>, “Papai [...] Tenho recebido a “Penna” que traz sempre noticias novas à quem da Bahia e do Sertão anda tão afastado”<sup>104</sup>, os jornais de outras localidades também chegaram ao sertão. No acervo de Deocleciano Teixeira, foram localizados recortes de jornais de várias cidades, datados entre fins do século XIX e início do século XX, como: *A Tarde*, *Gazeta*, *Diário de Santos*, *Pequeno Jornal*, entre tantos outros. Somadas a estes indícios, as correspondências a Rogociano Teixeira, residente no Rio de Janeiro, com agradecimentos e envio de pagamento referente às latas de chá, postais em branco e jornais que havia recebido<sup>105</sup>, confirmam o frequente acesso à imprensa de outros lugares. Essa prática mantinha as elites sertanejas articuladas aos acontecimentos de maior repercussão e que, de algum modo, influenciavam a sua maneira de ser e de pensar Caetité.

Nessa perspectiva, não se pode desprezar os contatos mediados pelos filhos de ricas famílias que deixaram o sertão para residirem nas capitais, sobretudo porque,

<sup>101</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04 - [2704] – grifos meus.

<sup>102</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04 - [2675] – grifos meus.

<sup>103</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Rogociano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 03, Maço: 02 – [1180].

<sup>104</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04 – [2741]. Carta de Jayme, 20 de set. 1925.

<sup>105</sup> Ver carta n<sup>o</sup> 1155 no APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Rogociano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 03, Maço: 01.

tratando-se especialmente da família Teixeira, todos os filhos viveram, em algum momento de suas vidas, distantes de Caetité.

Embora esse aspecto seja melhor abordado no último capítulo, como parte da discussão em torno das estratégias de poder traçadas por Deocleciano Teixeira, lembra-se que, através das correspondências, cartões postais, fotografias e jornais enviados por seus filhos, os familiares residentes no sertão se aproximaram de realidades distintas, assimilando experiências, principalmente ligadas ao discurso progressista em voga nos grandes centros do Brasil, ressignificadas posteriormente em Caetité.<sup>106</sup>

É preciso aprofundar, contudo, a questão em torno das expressivas trocas que se deram a partir do âmbito comercial. Sobre esse aspecto, a historiadora Maria de Fátima Pires (2009, p. 175) informou que:

Rodrigues Lima mantinha casas de negócios em Caetité e realizava ativamente compras com firmas em Salvador, a exemplo do “Armazém de Secos e Molhados” de João Correia e Companhia, no “Caes do Pedroso”. Há registro da compra de vários gêneros: “[...] manteiga, azeitonas, ervilhas francesas finas, cognac Moscatel, vinho do Porto, massa de tomate, massa para sopa, biscoitos, whisky, amêndoas, nozes, café Chapada, pimenta moída, bacalhau, queijo flamengo [...]. Altas somas foram investidas nessas negociações.

Como apontado anteriormente, a mesma autora também salientou que “além dos registros das famílias Gomes e Lima, localizam-se na documentação da ‘Casa do Barão’ importantes registros de negócios realizados por outro rico proprietário, Deocleciano Pires Teixeira.” Esses registros, largamente encontrados na documentação da família Teixeira, no APMC, possibilitaram ainda a identificação de vínculos políticos e afetivos, aquecidos pelos laços existentes entre os membros desta família e pessoas residentes em diferentes capitais. Sobre esse aspecto, observam-se os pedidos feitos por Deocleciano Teixeira ao amigo e comerciante, residente em Salvador, J. Augusto: “um palito!”, “2 cortes cassimira” e “3 capas para mocinhas”, as quais o comprador fez questão de informar que “foram as mais elegantes que se encontraram”<sup>107</sup>.

Através do registro de mercadorias compradas em Salvador e em outras capitais, percebe-se uma interlocução cultural expressa através da moda, dos gostos e estilos de vida. Além disso, nesse caso específico, o Sr. J. Augusto ainda depositou, no baú das

<sup>106</sup> Ver HERSCHMANN e PEREIRA (1994: 10) sobre o “projeto/paradigma ‘moderno’ que se desenhou com ênfase especial na virada do século XIX para o XX, configurando-se de modo bastante claro ao longo dos anos 20/30 no Brasil” e ver SANTOS, 2010, sobre as “manifestações modernizadoras no alto sertão”.

<sup>107</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04 - [2658]

encomendas, dois retratos para o amigo caetiteense, uma recordação autêntica e revestida de um valor simbólico.

As amizades com gente da capital, que resultaram ou se desdobravam também em relações comerciais, além de facilitarem a aquisição de mercadorias, serviram a interesses diversos, como o apadrinhamento de um filho: “Padrinho Doutor: Aceite minhas saudades e lance a bênção em sua afilhada do coração. Dorinha Salles.<sup>108</sup>”; o alargamento aos filhos de sociabilidades construídas pelos pais: “Pode ficar certo que dispensarei ao Jayme, tudo o que estiver na altura das minhas forças, bem como aos demais dos SS/ filhos, pois todos, como sabe, são meus sobrinhos pelo coração [...]”; e até a obtenção de iguarias mais comuns ao sertão: “Permita que lhe lembre, o bom presente de requeijões que me costuma mandar todos os annos, em cerca de 60 kilos, o que poderá fazer por intermedio dos Srs. Antenor Castro e Cia., de Triumpho.”<sup>109</sup>

Os trechos acima são de cartas enviadas pelo negociante Antônio Salles a Deocleciano Teixeira, respectivamente nos anos de 1904 e 1926. Em Salvador, Antônio Salles possuía um escritório de fazendas e manufaturas, “Salles e Cia”, localizado na rua Conselheiro Dantas, onde vendia artigos para fazendas e roupas para homens e meninos nesse ramo<sup>110</sup>. Nessa empresa, Deocleciano Teixeira possuía, em 1926, 415 apólices, além de ter efetuado, ao longo desse mesmo ano, depósitos nos valores Rs. 1:660\$000, Rs. 536\$900, Rs. 6:690\$000 30, entre outros.<sup>111</sup> Em 1930 o total de apólices era 445, no valor de Rs. 500\$000.<sup>112</sup>

Além dessa casa comercial, Deocleciano Teixeira comercializava com diversas outras. Ele também mediava pedidos de diversas pessoas às casas comerciais na Bahia, como os de secos e molhados feitos por Tertulino Meira, de Lagoa Real<sup>113</sup>, para serem encaminhados a outro escritório de fazendas em Salvador: “Moraes e Cia.”<sup>114</sup> Em uma de suas cartas enviadas a Rogociano Teixeira, o timbre traz informações de que ele era também agente das seguintes casas na Bahia: Souza Teixeira e C - Miudezas, Genesio

<sup>108</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04 - [2653]

<sup>109</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04 - [2719]

<sup>110</sup> Dados extraídos dos timbres das correspondências enviadas em nome de Salles e Cia.

<sup>111</sup> Essas informações estão numa documentação avulsa, ainda não catalogada, pertencente ao acervo particular da família Teixeira, no APMC.

<sup>112</sup> Cf. APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04. Carta nº 2763.

<sup>113</sup> Distrito de Caetitê àquela época, atualmente município de Lagoa Real, emancipado em 1989.

<sup>114</sup> Cf. APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04. Carta nº 2649.

Santos e C - Drogas, Eduardo Fernandes e C. -Ferragens; além de Banqueiro e Agente da Sul América e da Garantia da Amazonia Sociedade de Seguros de Vida, Rio de Janeiro<sup>115</sup>. Na documentação da “Casa do Barão” ainda podem ser encontradas outras referências sobre as relações comerciais mediadas por Deocleciano Teixeira e que informam como os “negócios” com a capital empregaram a mão de obra de ex-escravos e pobres na região. Sobre esse aspecto, PIRES (2009, p. 176) salientou que: “através dos “camaradas” Porphirio, Carapreta, José Alexandre e outros mais (registrados em livros não preservados), muitas remessas foram realizadas, indicando o dinamismo da economia do sertão nos primeiros anos do século XX”.

De acordo com a discussão do presente capítulo, cabe ressaltar que as estratégias de preservação do patrimônio em meio às crises econômicas que assolaram o sertão no período abordado, bem como as trocas possibilitadas pela interação entre o sertão e as capitais, constituíram-se em importantes mecanismos utilizados pela família Teixeira e outras ricas famílias para se afirmarem no alto sertão da Bahia, pois não envolveram apenas a posse da terra, o prestígio social e altas somas de dinheiro, mas a consolidação de uma rede de sociabilidades inter-regionais, cuja importância se fez notar em momentos diversos, especialmente no enfrentamento político da primeira República baiana, como se verá no capítulo seguinte.

---

<sup>115</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Rogociano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 03, Maço: 02 - [1209] – grifos meus.

### 3. DO OSTRACISMO [IN]VOLUNTÁRIO AO SOERGUIMENTO DA BAHIA: AS ESTRATÉGIAS DE CONSOLIDAÇÃO POLÍTICA DA FAMÍLIA TEIXEIRA

De cama há alguns dias, com sua saúde alterada, acha-se felizmente melhorada o nosso illustre e venerando amigo Exmo. Sr. Dr. Deocleciano Pires Teixeira, figura de alto relevo no meio social e político desta zona alto-sertaneja. Imperterritado em meio ao descabro a que nos tem arrastado a política praticada tal como a vemos neste Estado, o Dr. Deocleciano tem se conservado, como sempre foi desde a sua mocidade, caracter impolluto, recto, interebravel, em voluntario ostracismo. Nelle depositam inteira confiança todos aquelles que amam a justiça, a ordem, a paz e a prosperidade de nossa terra e delle ainda esperam a acção benefica.

Exercendo, como exerce, influencia salutar n'este grande círculo, onde possui sinceros affeioados e admiradores ao seu caracter integro, achá-se presentemente indicado pelos mais altos dirigentes políticos do paiz para collaborar, como valioso elemento, na obra de soerguimento da Bahia, como um dos membros do grande partido bahiano que neste momento se organiza, segundo ultimas noticias, sob a chefia do eminente brasileiro Exmo. Sr. Conselheiro Ruy Barbosa.

É por isso que interessados como somos por que a Bahia readquira os seus antigos foros de nobre, leal e valorosa, fazemos votos ardentes pelo prompto restabelecimento do nosso distincto e venerando amigo, a quem visitamos<sup>116</sup>.

Foi com tal discurso que o jornal *A Penna* comunicou aos seus leitores o estado de saúde de Deocleciano Teixeira, em junho de 1922. Aproveitando o ensejo, João Gumes fez algumas inferências sobre a atuação política do referido doutor, tornando pública sua inserção na Concentração Republicana da Bahia (CRB), partido que se organizava naquele ano em oposição ao *seabrismo*.

Depois de algum tempo “afastado” das atividades políticas, não exatamente por “voluntário ostracismo”, mas porque as condições também lhe foram desfavoráveis, seu “retorno”, no alvorecer da década de 1920, foi marcado por constantes propagandas desse viés.

Aquele era o momento de relembrar alianças feitas no passado, de destacar um prestígio adormecido, de ressaltar sua ligação com altos dirigentes políticos e, como parte da estratégia de promoção, de anunciá-lo, ao lado da figura de Rui Barbosa, como um dos homens interessados no soerguimento da Bahia. Dessa forma, a publicidade

---

<sup>116</sup> DR. DEOCLECIANO Pires Teixeira. *A Penna*. 29/06/1922, p.01.

dispensada pelo periódico local somou-se às habilidades diversas, utilizadas por Deocleciano Teixeira para reerguer-se politicamente.

No presente capítulo, sua trajetória será analisada a partir de situações relacionais, tanto ligadas aos demais membros da família Teixeira, quanto aos aliados e adversários, enfocando os meios por ele utilizados no processo de “reinserção” política na década de 1920, bem como a atuação da sua família em oposição ao *seabrismo* nos acirrados e conflituosos anos que antecederam a vitória de Góis Calmon para governador da Bahia, em 1924.

### **1. “Nas rodas políticas”: Deocleciano Teixeira em meio às vicissitudes da Primeira República na Bahia**

O advento da República no Brasil, em 1889, não pode ser entendido da mesma forma para as diferentes regiões do país. “A diversidade de condições econômicas e sociais [...] o peso de um passado histórico específico e [as] peculiaridades geográficas, conduziu cada uma delas a manifestações diversas no comportamento político” (SAMPAIO, 2008, p. 22). Na Bahia, as resistências quanto ao novo regime foram capazes de unir os partidos opositores, levando essa Província a ser a última a aderir à República, então “re-proclamada” numa situação “de grande instabilidade política” (SAMPAIO, 2008, p. 28).

Nesse Estado, o novo regime surgiu com uma carga de “desvantagens” políticas notáveis se comparada a situação privilegiada que a Bahia desfrutava no Império<sup>117</sup>. Da mesma forma, “em termos econômicos, apesar do grande sucesso do cacau, que contribuiu para o aumento das exportações em relação ao Império, a Bahia não podia se comparar à pujança dos estados cafeeiros” (SARMENTO, 2009, 39).

---

<sup>117</sup> De acordo com Silvia Sarmiento (2009, p. 38): “Ao longo das quatro décadas da Primeira República, a Bahia teve apenas um representante na vice-presidência, e ainda assim, de forma temporária: Manuel Vitorino, que assumiu o cargo por motivo de doença do titular, Prudente de Moraes. Somente em 1930, outro baiano (Vital Soares) seria elevado novamente à vice-presidência, mas não tomaria posse devido à revolução ocorrida naquele ano. Nos ministérios republicanos, a presença da Bahia foi discreta, em comparação ao Império: entre 1889 e 1930, apenas treze baianos foram nomeados ministros, sendo seis militares em pastas relacionadas à defesa e às relações exteriores. Dentre os ministros civis, cuja escolha refletia mais claramente o poder estadual (já que a escolha dos militares atendia também a questões internas da corporação), dois foram interinos. Restam cinco nomes: Rui Barbosa, Seabra, Severino Vieira, Miguel Calmon e Otávio Mangabeira, que exerceram influência nacional nas primeiras décadas republicanas”.



De toda sorte, no que diz respeito aos personagens mais atuantes, a transição dos regimes é observada pela historiografia baiana sem grandes transformações, pois assim que a República se tornou um “fato consumado”, “liberais e conservadores com a mesma presteza e habilidade, amoldaram-se às novas instituições [e] com maior destreza, fizeram com que elas se ajustassem aos tradicionais padrões de comportamento.” (SAMPAIO, 2008, 28).

Entre as elites baianas, a posição política e econômica do Estado era bastante desconfortável, de modo que as promessas dos sucessivos governantes giraram em torno da “reascensão” ou do “soerguimento da Bahia”. Com o novo regime, os representantes estaduais passaram a ser eleitos, diferentemente de como acontecia anteriormente, quando eram indicados. Tal fato propiciou o alargamento de uma extensa rede de relações de interesses entre as esferas de atuação política (municipal, estadual e federal). Além disso, a tentativa de ascensão do Estado da Bahia frente à política nacional impulsionou alianças entre os governantes estaduais e os chefes locais, tornando o interior do Estado numa área de interesses pelos votos que nela podiam ser angariados.

Nesse contexto, em diferentes localidades do interior baiano, chefes locais se destacaram pelas suas influências políticas e representatividade frente ao governo estadual. Um deles foi Deocleciano Pires Teixeira, considerado pela historiadora Consuelo Sampaio como um dos “mais poderosos chefes estaduais e municipais” da Bahia, ao lado de José Gonçalves, Luis Viana e Ubaldino de Assis. (SAMPAIO, 1998, p. 97).

Conforme discussão do capítulo anterior, é possível afirmar que Deocleciano Teixeira manteve sua carreira política assentada em sólidas bases. Proveniente de uma família abastada, residente em Salvador desde os anos dos estudos preparatórios, teve a oportunidade de conviver com pessoas ligadas à elite baiana. Filho de um comerciante de pedras preciosas, os vínculos sociais mantidos por seu pai, presumivelmente, envolviam pessoas influentes e enriquecidas. Entre os investimentos deste, além do comércio, estavam os títulos de créditos: apólices de dívida pública interna, ações no Banco da Bahia, ações da estrada de ferro Central da Bahia, entre outras. Durante algum tempo, manteve a firma “Teixeira & Barbosa”, em sociedade com o Capitão Antônio Barbosa e, apesar dos reveses no comércio, motivados pela queda da extração diamantífera na Chapada Diamantina, assegurou em seu testamento (1886):

Não me poupei quando moço a trabalho e sacrifícios para adquirir pelos meios lícitos e honestos os bens da fortuna, mas não fui da sorte bem favorecido, todavia vivo satisfeito e consolo-me, quando lembro-me que se não deixo fortuna a meus filhos, consegui lhe dar alguma educação, e lhes deixar na sociedade, em que vivemos, um nome que sempre gozou de alguma estima e consideração.<sup>118</sup>

A “estima” e “consideração” referidas pelo Major José Antônio Teixeira também podem ser entendidas como uma forma de “prestígio” desfrutado por seus filhos em virtude da ascendência familiar, o que, certamente, estreitou laços com pessoas destacadas na sociedade em que viveram. Além do mais, embora tenha se lamentado por não deixar fortuna aos filhos, os anos áureos da sua carreira no comércio proporcionaram-lhes uma educação compatível com aquela dada pelas famílias mais abastadas, de modo que o filho mais novo, Rogociano Pires Teixeira, chegou a estudar na Inglaterra, tida como o “espelho” das elites brasileiras naquela época. (CARVALHO, 2002, p. 39).

Deocleciano Teixeira não teve a mesma experiência que o irmão mais jovem, entretanto sua educação também atendeu aos ditames da “boa sociedade” baiana do século XIX. Formou-se em Medicina pela Faculdade da Bahia<sup>119</sup>, em 1870, e, ainda durante o curso, serviu como médico voluntário na Guerra do Paraguai, recebendo, em função dos serviços prestados, uma pensão vitalícia posteriormente herdada pelos seus filhos, mais uma fonte de renda para garantir sua estabilidade econômica em meio aos reveses políticos.

Após concluir o curso acadêmico, foi nomeado 2º Cirurgião do Corpo de Saúde da Marinha, exercendo o cargo entre 1873-1876. Depois disso, mudou-se para o município de Grão Mogol, em Minas Gerais, e, através do atendimento clínico, adquiriu grande influência, chegando a integrar-se na política local. De volta à Bahia, estabeleceu-se inicialmente em Lençóis, depois em Monte Alto, retornou para Lençóis e por fim, em 1885, foi para Caetité, onde residiu até o final da sua vida, em 1930.

Nessa cidade, o *status* da medicina deu lugar ao *status* político, consolidado ao longo dos anos através da construção de uma extensa rede de relações que se evidenciou

---

<sup>118</sup> APEB. Sessão: Judiciário. Série: Inventários. ID: Antônio José Teixeira. Est. 05, cx. 2150, maço: 2619, doc. 04. 1886. Auto com 120 fls.

<sup>119</sup> De acordo com Nádia Rocha, a Faculdade de Medicina da Bahia tinha um “currículo bastante abrangente, incluindo disciplinas que atualmente são do âmbito de outros campos de saber [como] os vinculados às ciências ainda em formação, o que permitiu a qualificação de profissionais que exerceram atividades não só no campo da medicina, mas também em política e educação, por exemplo [...] Desde o início, houve uma grande sintonia com a produção européia, de modo geral, e com a francesa, em particular, tendo por modelo a Faculdade de Medicina de Paris”. (ROCHA, 2004, p. 105).

a partir da quantidade de correspondências presentes em seu acervo pessoal, provenientes de diversos lugares do Brasil. Levando em conta que “a importância dos títulos universitários na política brasileira antecede a República”, e que naqueles anos os médicos ocupavam segundo lugar nos cargos políticos, perdendo apenas para os advogados (LOVE; BARICKMAN, 2006, p. 79), a formação acadêmica de Deocleciano Teixeira, somada à sua posição socioeconômica, contribuiu significativamente para sua inserção na política baiana da Primeira República.

Nesse sentido, os estudos dos autores supracitados, referentes às lideranças políticas ativas no início da República brasileira, estimadas a partir de membros concentrados nos estados de Minas Gerais, São Paulo e Pernambuco, indicam que 93% deles possuíam formação universitária, um “virtual requisito para um alto posto político.” (LOVE; BARICKMAN, 2006, p. 79).

O “Velho Chefe”, como foi chamado pela memorialista Marieta Gumes (1975), também não se diferenciou dos políticos do seu tempo no que diz respeito a outros aspectos, como a ascendência familiar, uma vez que a maioria vinha de pais brasileiros com sobrenomes lusos (LOVE; BARICKMAN, 2006, p. 102), e o ingresso na carreira política, o que ocorria na maioria das vezes entre “homens de meia-idade ou idosos. Em média, entravam na vida pública logo depois dos 40 anos, de modo que a política era praticamente uma segunda carreira”. (CONNIFF, 2006, p. 101).

Quando chegou a Caetité, Deocleciano Teixeira contava seus 41 anos. Adulto, casado então pela terceira vez, pai de alguns filhos, dono de um capital que o distinguia entre os “homens de posição” da cidade e com uma experiência de vida considerável para quem se propunha a residir no sertão. Homem educado nos princípios e valores da sociedade brasileira da segunda metade do século XIX, possuidor de terras e escravos, e dotado de bons vínculos sociais. Em Caetité, filiou-se ao Partido Liberal, liderado pelo influente político Joaquim Manuel Rodrigues Lima, e logo foi eleito ao cargo de Deputado Provincial (1888/1889). Ainda no Império, chegou a candidatar-se para a legislatura seguinte, todavia, com a proclamação da República, os direcionamentos políticos foram alterados.

Em Caetité, na virada dos regimes políticos, os partidos monárquicos apresentavam divergências que se estenderam pelos anos republicanos. De acordo com as descrições de Francisco Fagundes Lima:

Num dos sobrados da Praça da Matriz, residiam as pessoas influentes da família Fraga, que conforme a política dispusesse, como o Barão de

Caetité, mandavam a cidade. O dr. João de Faria era a mais influente figura do “partido dos Fraga”, ou da facção conservadora. (LIMA, 1920, p. 3)

No partido “Liberal” realçavam-se as figuras do Barão de Caitité e do Dr. Joaquim Manoel Rodrigues Lima, depois governador do nosso Estado. Por conseguinte, duas famílias adversárias dominavam alternadamente em Caitité – a dos Fragas e a dos Gomes ou Rodrigues Limas. (LIMA, 1920, p. 13)

Nesse trecho do livro *Os Expatriados*, o autor descortina em pequena medida a situação da política caetiteense nos anos que antecederam a proclamação da República, cujas atividades já eram encabeçadas por famílias rivais, representadas pelos membros mais atuantes. Em outro momento, ao reafirmar essa dicotomia partidária que antagonizava as famílias mais influentes em Caetité, Francisco Lima acrescentou a atuação dos “Spínolas” e do “Dr. Deocleciano Pires Teixeira” ao lado de “Rodrigues Lima” no partido Liberal.

Dos nomes lembrados pelo escritor no trecho acima, João José de Faria, um dos ricos proprietários envolvidos no tráfico interprovincial de escravos, mudou-se de Caetité com sua família<sup>120</sup>; os demais, Sr. José Antônio Gomes (Barão de Caetité), Sr. Antônio de Souza Spínola e Joaquim Manuel Rodrigues Lima, pilares do partido Liberal naquela cidade, também não vivenciaram uma larga experiência na política republicana, em virtude de logo terem falecido.

Deocleciano Pires Teixeira, entretanto, transitou entre os regimes, permanecendo ativo durante todo o primeiro momento da República brasileira, tecendo no alto sertão da Bahia uma política de alianças e disputas, perpetuada pelo poderio de eminentes famílias e pelo continuísmo das divergências nascidas em tempos anteriores. Como patriarca da família Teixeira, ele atuou de diversas formas, administrando os reveses políticos pelas estratégias traçadas ao longo dos anos republicanos.

Nos dois primeiros anos do novo regime, integrou e presidiu o Conselho Municipal, até ser nomeado, em 1892, Intendente Municipal, substituindo Joaquim Manoel Rodrigues Lima (que deixava o posto para assumir o Governo da Bahia), cargo que exerceu até 1895, com pequena intermitência. A ligação de Deocleciano Teixeira com Rodrigues Lima, tanto política quanto socioeconômica, constituiu-se numa das

---

<sup>120</sup> Sobre o tráfico interprovincial de escravos no alto sertão da Bahia, Maria de Fátima Pires (2009, p. 46) aponta que: “A pesquisa a arquivos da Bahia e de São Paulo permite acompanhar a trajetória de alguns deles, a exemplo de Leolino Xavier Cotrim, **os irmãos Faria (Joaquim e João José Faria)**, José Vasconcelos Bittencourt Junior e o Capitão Manuel Cândido d’Oliveira Guimaraens.”

mais importantes alianças estabelecidas por ele em Caetité, contribuindo para que seu nome fosse projetado na política baiana.

Embora não compondo nenhuma das chapas, Deocleciano Teixeira teve seu nome sufragado para Senador Estadual nas eleições de 1891, “com expressiva votação.” Exerceu o cargo de 1893-1898, sendo reeleito para continuar até 1904, contudo renunciou em 1903, uma vez que já não comparecia às sessões do Senado desde 1901.<sup>121</sup>

O início do século XX marcou o distanciamento de Deocleciano Teixeira dos cargos políticos nos cenários estadual e municipal. Em 1900, o governador Severino Vieira rompeu com seu antecessor, Luiz Viana, de quem Deocleciano Teixeira foi amigo e partidário, este se colocou em franca oposição ao então governador. Devido a tal ruptura, registrou-se, dentre outros acontecimentos, o fechamento da primeira Escola Normal em Caetité (1898-1903), que servia, em primeira ordem, à instrução das meninas ricas da cidade, inclusive às filhas e cunhadas de Deocleciano Teixeira<sup>122</sup>.

Esse episódio reflete muito bem a política baiana da Primeira República, marcada por “paixão” e “facciosidade”, o que levava os partidos políticos a serem “conhecidos e identificados muito mais através dos nomes dos seus chefes que dos rótulos que ostentavam [...] A fidelidade existia não em relação ao partido, mas ao chefe do partido e, dependendo do seu poder carismático, podia ser incondicional e vitalícia.” (SAMPAIO, 1998, p. 47).

Nesse sentido, conforme o quadro esquematizado por Silvia Sarmiento (2009) dos partidos políticos montados e desmontados na Bahia durante a primeira República, e a partir das posições assumidas por Deocleciano Teixeira de tempos em tempos, foi possível identificar que sua trajetória político-partidária coincidiu com a de um fiel *vianista* (Figura 7).

---

<sup>121</sup> BULCÃO, Sobrinho. Deocleciano Teixeira. *A Tarde*. Salvador, 16/04/1955, p.03. Parte das informações acima citadas foi retirada da biografia publicada nesse periódico.

<sup>122</sup> De acordo com a lista das alunas diplomadas nas três primeiras turmas da Escola Normal de Caetité, localizam-se os nomes de Priscila de Souza Spínola (cunhada de Deocleciano) e das filhas Celsina e Evangelina, entre as demais moças de famílias ricas da cidade. (SANTOS, 1997, p.51).

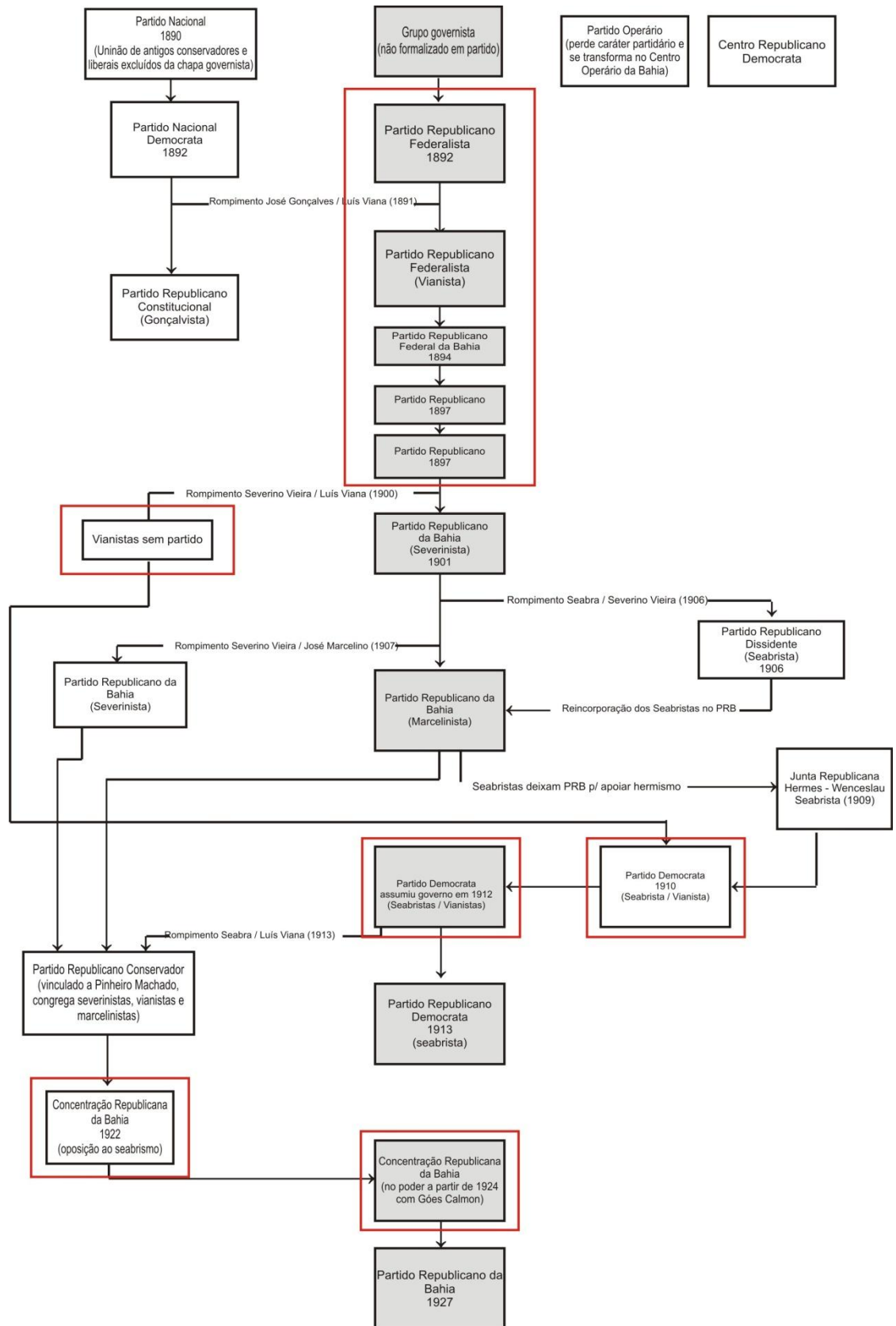


Figura 7: Diagrama dos Partidos Políticos da Bahia. Fonte: SARMENTO, 2009, p. 14 – grifos meus.

Vale salientar a necessidade de estudos mais esclarecedores sobre a ligação existente entre Deocleciano Pires Teixeira e Luis Vianna, uma vez que tal envolvimento está profundamente relacionado aos dissabores vividos pelo político sertanejo em grande parte da Primeira República. Sabe-se apenas que Luis Vianna foi o sucessor do caetiteense Joaquim Manuel Rodrigues Lima no governo da Bahia (1896-1900) e que foi durante o seu mandato que Deocleciano Teixeira exerceu maior parte do cargo de Senador Estadual.

Sobre este aspecto, as três correspondências localizadas no acervo de Deocleciano, enviadas por Luiz Vianna, respectivamente de 1909, quando este estava em Paris, e de 1916, quando o mesmo ocupava o Senado Federal no Rio de Janeiro, informam apenas sobre a ininterrupção das alianças mantidas entre ambos. Nelas, observou-se a preocupação de Luis Vianna em preservar os vínculos com o amigo sertanejo: “Tenho lhe escripto q. há muito não tenho notícias suas. Isto me tem preocupado alguma coisa, pois congeturo que ou V tem estado doente ou que minhas cartas não lhe tem ido às mãos”<sup>123</sup>. Essa correspondência também permite cogitar a possível existência de outros documentos ainda não localizados, que presumivelmente informariam um pouco mais sobre as relações existentes entre eles.

Tendo também rompido com Severino Vieira em 1905, os *seabristas* criaram, juntamente com os *vianistas*, o Partido Democrata em 1910. Enveredando-se por este partido, Deocleciano Teixeira apoiou a candidatura de José Joaquim Seabra para governador da Bahia, contribuindo “para sua vitória, obtendo com sua influência a adesão de membros da Assembléia Geral necessários para complementar o número exigido para seu reconhecimento”<sup>124</sup>.

A partir das posições partidárias tomadas por Deocleciano Teixeira (figura 7), nota-se que seu apoio a J.J. Seabra também não foi duradouro. Contudo, essa nova virada de opinião tem uma importância central dentro do período que se pretende enfocar neste capítulo, pois foi a raiz dos conflitos que marcaram o alto sertão da Bahia na década de 1920, quando Deocleciano apoiou a candidatura de Góis Calmon, liderando uma forte oposição ao governo *seabrista*.

---

<sup>123</sup> Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 01. n° 2259. Paris, 12 de abril de 1909.

<sup>124</sup> BULCÃO, Sobrinho. Deocleciano Teixeira. *A Tarde*. Salvador, 16/04/1955, p.03. – Vale frisar que a candidatura de Seabra foi apoiada por líderes influentes da política baiana, todos aliados de Deocleciano Teixeira, como o próprio Luís Vianna, e os irmãos Miguel e Antônio Calmon. Cf. PANG, 1979, p. 102 - 106.

A relação entre o político sertanejo e o então governador da Bahia não era tão recente quanto sugerem as circunstâncias políticas do período. Em 1890, quando Seabra iniciava sua carreira e necessitava de fortes alianças para consolidar-se politicamente, lembrou-se de Deocleciano Teixeira, como um dos nomes de influência no interior baiano:

Bahia, 8 de Junho de 1890

Ill<sup>o</sup> Sr. Dr. Deocleciano Pires Teixeira

[...] Apresentando-me candidato a um logar no Congresso convocado para 15 de Novembro e cuja eleição deve ser feita a 15 de Setembro, **venho pedir o valiozissimo auxilio de Vs<sup>a</sup> e a de seus numerosos amigos, p<sup>a</sup> m<sup>a</sup> candidatura, ficando, d'esde já m<sup>to</sup> grato, se poder merecer a honra de ser protegido por Vs<sup>a</sup> [...]**

De Vs<sup>a</sup> Patr<sup>o</sup> Aff<sup>o</sup> Am<sup>o</sup> Resp<sup>do</sup> Cr<sup>o</sup> e [sic]

Jose Joaquim Seabra.<sup>125</sup>

A existência dessa correspondência sinaliza a influência que Deocleciano Teixeira desfrutou nos primeiros anos republicanos, reconhecida por Seabra no trecho grifado, quando ressaltou os “numerosos amigos” e a honra de ser “protegido” pelo referido doutor.

Embora as fontes não esclareçam se o apoio esperado por Seabra foi concedido naquela ocasião, anos depois, em 1912, a adesão do político sertanejo se fez notória; contudo, puramente circunstancial, visto que no ano seguinte a separação entre *vianistas* e *seabristas* marcou também o rompimento de Deocleciano Teixeira com Seabra, então governador do Estado. Como aponta a historiografia baiana, a política da Primeira República foi permeada de oscilações e dissidências, o que se comprova pela grande quantidade de partidos políticos formados naqueles anos<sup>126</sup>. Essa instabilidade promovia constantes rompimentos de antigas alianças, fazendo com que os arranjos entre “situação” e “oposição” experimentassem constantes mudanças.

Já afastado dos cargos políticos desde o seu rompimento com Severino Vieira, o apoio à candidatura de Seabra foi movido por esperanças de que a política estadual voltasse a seu favor, como se observa pela correspondência do seu filho Mário Teixeira:

<sup>125</sup>Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04. n<sup>o</sup> 2639 – grifos meus.

<sup>126</sup>A partir dos estudos de Consuelo Sampaio (1998), a pesquisadora Silvia Sarmiento (2009) sistematizou a existência de 24 partidos políticos na Bahia durante a Primeira República, retratados no diagrama anterior (figura 07).



“o Seabra parece m<sup>to</sup> nosso amigo e prometeu auxiliar-nos”<sup>127</sup>. Entretanto, com a nova ruptura (1913), a atuação de Deocleciano Teixeira foi reduzida ao que o jornalista chamou na nota de abertura deste capítulo, de “voluntário ostracismo”, na verdade, uma situação inevitável ante o desfavorável quadro político de então.

A partir desse rompimento, J. J. Seabra tornou-se um dos grandes adversários de Deocleciano Teixeira. Isso se evidenciou nas correspondências trocadas entre os parentes e amigos mais próximos, especialmente as que versavam sobre sua insatisfação diante da situação vigente na Bahia. Em correspondência enviada ao seu irmão Rogociano Teixeira, em janeiro de 1923, Deocleciano Teixeira declarou: “O meu desiderato é por o Seabra fora do Governo. Conseguindo, ficarei descansado no lar.”<sup>128</sup>

Embora Seabra tivesse deixado o governo do Estado em 1915, ele não abandonou o “comando” da Bahia:

O sistema eleitoral da Bahia na Primeira República era coalhado de vícios que favoreciam o continuísmo no poder, mas não permitia a reeleição sucessiva do governador. Por isso, ao se aproximar o fim do seu período governamental, Seabra se deparou com o problema de escolher o sucessor. Ele não pretendia repetir a moda dos governadores anteriores e ter uma passagem efêmera pelo poder estadual. Para estabelecer um mando duradouro, precisava nomear alguém genuinamente *seabrista*, incapaz de uma traição. (SAMPAIO, op.cit., p. 108-9).

Para assegurar o continuísmo *seabrista* na Bahia, foi então escolhido o nome de Antônio Muniz, que fielmente guardou o lugar para o retorno de Seabra no mandato seguinte. Dessa forma, durante a liderança de Seabra, que se estendeu até o ano de 1923, Deocleciano Teixeira se manteve distante dos favorecimentos estaduais.

Mais do que simples desacordo ou mero cumprimento de circunstâncias políticas, a rivalidade de Deocleciano Teixeira com os sucessivos governos estaduais representou também o fortalecimento do grupo político adversário no âmbito local. Desta forma, nas duas primeiras décadas do século XX, todos os Intendentes de Caeté foram “feitos” pelas lideranças caetiteenses, tais como o Coronel Cazuzinha e membros da família Tanajura<sup>129</sup>, em consonância com os interesses dos governantes estaduais.

<sup>127</sup> Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 05. [2780]. Correspondência sem data, bastante rasgada, mas presumivelmente escrita em 1912.

<sup>128</sup> Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 03, Maço: 02. n° 1155.

<sup>129</sup> Segundo a memorialista Helena Santos, até 1923 só o grupo do Coronel Cazuzinha, adversário político de Deocleciano Teixeira, fez Intendentes e “os dez meses do Monsenhor Bastos não chegou a modificar a situação. Todos os intendentes [foram] homens de Cazuzinha: Otácílio, seu irmão, Lima Júnior, seu

Assim, o “voluntário ostracismo” e a “influência salutar” de Deocleciano Teixeira, salientados na matéria inicial, ganham outros matizes quando se analisa o acervo da família Teixeira. A partir, por exemplo, da correspondência transcrita abaixo, enviada pelo comerciante Antônio Salles, em 1918, observam-se as negativas da “política dominante” em atender seus pedidos, durante o governo de Muniz:

PISTOLÃO: - O meo pistolão, que é pessoa muito da nossa amizade, nada conseguiu a seu favor e pode crer que, apesar dos meus esforços, julgo as couzas cada vez pior neste sentido, **acreditando que os da política dominante tem muita má vontade para consigo.**<sup>130</sup>

Conforme discute SARMENTO (2009), a indicação de Antônio Muniz para Governador suscitou uma velha disputa entre Seabra e Rui Barbosa, uma vez que este esperava uma indicação que contemplasse a ambos. No entanto, Seabra escolheu meticulosamente um candidato que servisse unicamente aos seus interesses; diante da situação, os *ruistas* passaram a combater o domínio *seabrista* na Bahia, despertando “da letargia as facções oposicionistas do estado” (SAMPAIO, 1998, p. 139).

Apesar dos continuados esforços da oposição, Seabra foi novamente empossado como governador da Bahia, em 1920. Naqueles anos, enquanto a capital baiana se digladiava politicamente, o sertão também se mobilizava na disputa política, refletindo em âmbito local os conflitos estaduais.

“Distante” das atividades políticas, sem exercer nenhum cargo e cercado por lideranças *seabristas*, tanto no âmbito municipal, quanto no estadual, Deocleciano Teixeira voltou a articular-se politicamente em 1921, na campanha eleitoral para Presidente da República, a favor de Artur Bernardes, que “não era nem um pouco simpático à continuação do mando *seabrista* na Bahia e estimulou o fortalecimento da oposição no estado.” (SAMPAIO, 1998, p. 121).

Apostando no prestígio entre os “amigos” da região, seu retorno político enfrentou as dificuldades existentes em virtude de as peças do jogo já estarem preliminarmente dispostas. Além disso, como na Primeira República o processo eleitoral foi permeado por fraudes e manipulações, marcas do sistema coronelista vigente na época; os representantes locais delimitavam sua força política a partir do número de votos que podiam angariar.

---

sobrinho; Dr. Antônio Rodrigues Ladeia, parente de seu aliado Cel. José Antoninho; o próprio José Antoninho, chefe da família Tanajura, os maiores inimigos do Teixeira.” (SANTOS, 1995, p. 263).

<sup>130</sup> APMC, Fundo: Acervo Particular da Família de Dr. Deocleciano Pires. Grupo: Dr. Deocleciano Pires Teixeira, Série Correspondências Pessoais Caixa 01, Maço 01. – grifos meus.

A reforma eleitoral ocorrida em 1916, embora extinguisse a “riqueza como um critério de cidadania”, obrigava o eleitor a provar “que tinha meios de subsistência (renda ou atividade profissional considerada legítima) como condição para se alistar”, o que não aumentou expressivamente o número de eleitores. Ainda ficavam de fora os mendigos, mulheres, “analfabetos, praças de pré (exceto aqueles que cursavam ensino superior, nítida distinção de classe social) e parte dos religiosos”, de modo que o contingente “máximo de brasileiros que podiam participar das eleições era bem inferior a 10% da população total.” (SARMENTO, 2009, p. 40-1).

Também a partir de 1916, “a apuração dos votos passou a ser feita sob a responsabilidade do juiz instalado no município, o que aumentou o controle do governo estadual, que nomeava os juízes, sobre as eleições.” Entretanto, todo processo eleitoral se fazia às vistas dos mandões da política local, tornando esses juízes eleitorais meros subordinados às decisões determinadas pelos chefes municipais. (SARMENTO, 2009, p. 40).

De acordo com as atas da segunda seção eleitoral do município de Caetité, as eleições ocorriam a partir de alguns protocolos: composição da mesa, chamada em voz alta dos eleitores previamente alistados, apresentação dos títulos pelos respectivos eleitores e assinaturas destes, entrega das cédulas em branco, votação e depósito das cédulas na urna lacrada. Após o encerramento da eleição, a mesa procedia à contagem dos votos em público pela mesa, lavrava-se a ata e os mesários assinavam<sup>131</sup>. Registradas as atas no papel de forma harmoniosa, não há garantias de que elas representem fidedignamente o resultado eleitoral.

Sendo assim, diante da fragilidade das eleições, cujo resultado poderia ser alterado durante a verificação, tanto no município quanto na esfera estadual, e de toda fraude que envolvia o processo eleitoral, “em geral, não era realmente para *eleger* alguém que se votava, mas para *expressar apoio*, nas relações de lealdade que sustentavam o sistema político da época.” (SARMENTO, 2009, p. 41- grifos da autora).

De qualquer forma, tais atas (anexo 1) informam sobre a política caetiteense e coincidem em certa medida com a situação descrita nas correspondências analisadas. Em 1921, quando Deocleciano Teixeira voltou a articular-se politicamente, as cartas enviadas ao irmão Rogociano Teixeira foram constantes e nelas o desabafo e a insatisfação com a situação política são notáveis:

---

<sup>131</sup> Fundo: Cartório de Feitos Cíveis e Criminais. Série: Autos Cíveis. Sub-série: Atas das eleições. Data-limite: 1915-1927. nº de ordem: 17.

Caetité, 1º de março de 1921

[...] Tenho telegramas e cartas de alguns amigos communicando a votação q. poderão obter para o Dr. Velloso – uma miséria – toda pressão dos tais chefes locais, q. receião mandar p<sup>a</sup> a Capital resultado eleitoral, com votos a Candidatos fora da chapa do governo. Cada vez sóbe o meu nôjo pela politica.<sup>132</sup>

Tendo que lidar com as situações adversas da política, Deocleciano compartilhou com o irmão os votos minguados que conseguira angariar para o candidato a Deputado Federal, Pedro Velloso, ressaltando o descontentamento que tal situação lhe causava. Contudo, com Seabra ainda no poder, eram os chefes locais *seabristas* quem decidiam sobre os votos na região. Como uma prática viciosa da política brasileira, a existência da garantia de votos antes das eleições evidenciam a “corrupção do processo eleitoral, que as constantes reformas, ignorando as condições infra-estruturais da sociedade, não conseguiram corrigir durante toda a República Velha, e mesmo após a Revolução “moralizadora” de 1930. (SAMPAIO, 1998, p. 101).

A deliberação antecipada dos votos era comum e necessária para os líderes políticos, pois funcionava como uma radiografia da influência de cada um, possibilitando que medidas preventivas fossem tomadas a partir de uma sinalizada derrota eleitoral. Naquele contexto, com o domínio dos chefes locais situacionistas, a aquisição dos votos almejados por Deocleciano Teixeira foi dificultada, como demonstram as correspondências recebidas em 1921, que conjeturam sobre o jogo político no alto sertão da Bahia:

**Urandy**, 16 de Fevereiro de 1921

Ex<sup>mo</sup> e presado Am<sup>o</sup> Sr. Dr. Deocleciano Teixeira

[...] Recebi a carta de V.Ex<sup>a</sup> e com ella o telegramma do meu companheiro de casa e particular Am<sup>o</sup> Dr. Leonel Rocha [...]Acontece p<sup>m</sup> que recebi do governo o telegramma cuja copia lhe remeto para V.Ex<sup>a</sup> ver as minhas condições. **O telegramma me aperta extraordinariamen<sup>te</sup>, ameaçando até a exclusão do partido se eu desviar voto. Nessas condições estou embaraçado para fazer o que aliás desejo.**

Sem mais sou de V.Ex<sup>a</sup>

Am<sup>o</sup> m<sup>to</sup> grato

Propercio Baleeiro<sup>133</sup>

**Umburanas**, 21 de Fevereiro de 1921

Ex<sup>mo</sup> Am<sup>o</sup> Sr. Doutor Deocleciano

<sup>132</sup> APMC. Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Rogociano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Maço: 01, Caixa: 01.

<sup>133</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04 - [2640] – grifo meu.

[...] Sem embargo de não haver recebido comunicação de V<sup>cia</sup> sobre as eleições federais, **tomei o arbitre de dar 30 votos aqui ao Candidato por V<sup>cia</sup> recomendado**, Dr. Velloso o que fiz atendendo a lealdade que sempre dediquei e dedicarei a causa política apoiada por V<sup>cia</sup>, e porque li a carta dirigida ao C<sup>el</sup> Marciano. Sem outro assumpto subscrevo-me Am<sup>o</sup> e A<sup>o</sup> Julio Raiz Ladeia.<sup>134</sup>

Dr. Deocleciano

**Ganna** 24 de fevereiro de 1921

Presado Amigo Dr. Deocleciano  
Saudo lhe com a Ex<sup>ma</sup> fam<sup>a</sup>. Comunico o amigo que **faço o calco do seu Candidato ser votado no nosso município de Paramirim 60 votos**, não dou o resultado certo porque não esperar apuração. Do seu amigo Joaquim José da Cruz.<sup>135</sup>

A vigilância em torno dos votos não inibiu algumas demonstrações de lealdade ao “velho chefe”, contudo elas se diferenciavam das que ocorreriam quando da proeminência desfrutada em anos de maior prestígio, marcadas por tratamentos do tipo: “a mim não pessa-me tenho gosto em servir-lhe quando dirigir-se a mim pode dizer fulando faça isto ou aquillo ordene como V.S<sup>a</sup> quizer e entender”<sup>136</sup>. Apesar das cuidadosas justificativas expressas nas correspondências, elas demonstram que o “retorno” político dos anos 1920 enfrentou números de votos indesejados e pedidos negados, os quais não foram aceitos com grande cordialidade por Deocleciano Teixeira. Nesse sentido, o espontâneo desagrado registrado na seguinte correspondência reflete um pouco tal situação:

**Caculé**, 22 de Fevereiro de 1921

Amigo Dr. Deocleciano  
Desejo-lhe e a Ex<sup>ma</sup> Família saúde e todas as felicidades.  
**Recebi sua carta pedindo votação para o Dr. Sr. Velloso** e nós aqui também desejávamos dar alguns votos ao Dr. Mesquita, **mas o Governo nos apertou muito exigindo que somente votássemos em candidato da chapa, e que não déssemos absolutamente votação aos que viessem fóra d’ella, pelo que fomos forçados a apoiar unicamente a chapa do partido democrático.** Além de tudo isso a nossa situação aqui ainda está muito **melindrosa**, e por isso a bem dos interesses do Município **não podemos por forma alguma nos afastar da chapa do partido.** Peço-lhe, pois, que me desculpe,

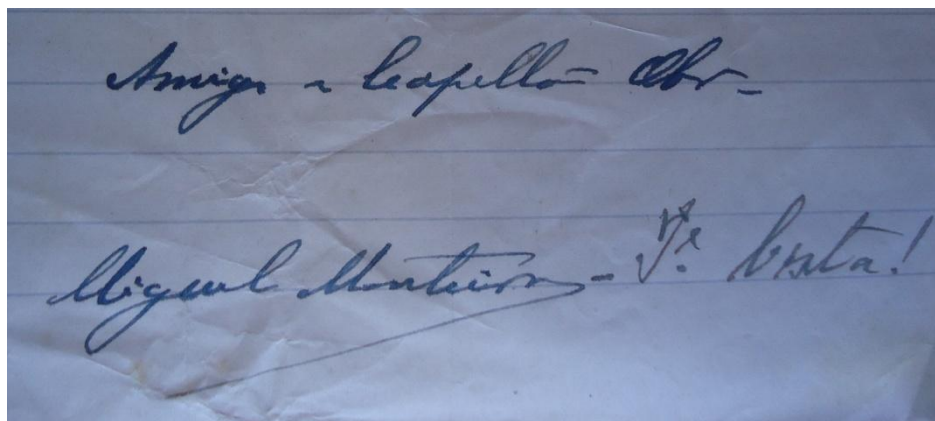
<sup>134</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 03, Maço: 01 - [1764]- grifo meu.

<sup>135</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 03, Maço: 02 - [1775]- grifo meu.

<sup>136</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04 - [2713]. Correspondência de Pedro Fran<sup>co</sup>. de Jesus, Andarahy 2 de Fevereiro de 1903.

porque eu não podia proceder de outra forma sem prejudicar os interesses do Município, que devo zelar. Abraçar-lhe Amigo e Capellão Obr.  
Miguel Monteiro<sup>137</sup>

A carta de Miguel Monteiro, assim como outras do mesmo período, demonstra que nem sempre as tentativas de arranjos políticos foram bem sucedidas. Entretanto, nela especialmente, a maneira peculiar como Deocleciano Teixeira lidou com situações que fugiam ao seu controle, fez notar-se pela expressão “V<sup>e</sup>. Besta!” grafada a próprio punho no final da correspondência:



O uso de expressões depreciativas para referir-se aos adversários, observado também em outras correspondências, bem como as reclamações sobre a política e os relatos sobre os inexpressivos votos evidenciam a indignação em vista dos abalos do seu prestígio e autoridade. Diante desta situação, agir a partir de estratégias específicas foi mais do que necessário.

Em 1922, J.J. Seabra concorreu à vice-presidência do Brasil ao lado de Nilo Peçanha, alcançando 102 dos 145 votos apurados na segunda seção eleitoral de Caetité (anexo 01). No âmbito nacional, a vitória foi do seu opositor, Artur Bernardes, porém, em virtude do falecimento de Urbano Santos (vice de Artur), a possibilidade de Seabra assumir o cargo foi cogitada entre seus aliados. Todavia, a decisão de que novas eleições aconteceriam foi um regozijo para Deocleciano Teixeira:

Caetité, 15 de Junho de 1922

Rogaciano. Recebi o seu e o telegr. do nosso Dr. Aurelino Leal, ambos de 9 deste mez, communicando a gratissima notícia do reconhecimento e proclamação pelo Congresso, do Dr. Arthur Bernardes para Presid<sup>e</sup> da Republica e vago a logar de vice – president<sup>e</sup>, para o qual haverá nova eleição. Era a única situação

<sup>137</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 03, Maço: 01 - [1760].

constitucional e não a que queria o Seabra, q disse que o Urbano não podia ser reconhecido por ter fallecido e assim a vise- presidencia lhe cabia á elle.

Alguns idiotas pensarão do mesmo modo!! Felizmente o Congresso foi corretíssimo.

A noticia foi, no sertão, recebida com viva alegria e espalhada logo, p<sup>r</sup> mim, p<sup>a</sup> todos os municípios vizinhos [...].

Do irmão Am<sup>o</sup>

Deocleciano

O sertão festivo ao qual Deocleciano referiu-se era, na verdade, o que lhe servia politicamente, visto que, nesse momento, muitos municípios (inclusive Caetité) ainda estavam sob a liderança de chefes *seabristas*. Estes, como analisado anteriormente, compunham o grupo menosprezado por ele na correspondência acima.

A nova eleição para vice-presidente impunha também uma nova busca de eleitores, o que se deu com mais facilidade, em virtude da vitória já consolidada de Artur Bernardes. Nesse sentido, algumas correspondências de 1922, como a do Sr. Antônio Valença, de Caculé, demonstram o alistamento de eleitores para votarem a favor de Deocleciano Teixeira:

Ia me esquecendo: Ouço fallar que será preciso haver nova eleição p<sup>a</sup> Vice= Presidente, em virtude do fallecimento do Urbano Santos. Sendo exacto, o compadre avise-me com antecedência para não acontecer como na eleição passada. [...]

P.S.Entre genros e filhos tenho 10 eleitores, inclusive sobrinhos parentes e amigos, um numero de 50 mais ou menos eleitores, todos esses são meus,e se achão todos a vossa disposição. Me reaparecendo gosto, como espero em vóz dar=me lugar ter algum, na 1<sup>a</sup> occasião terei de alistar mais uns 50<sup>138</sup>.

O trecho da correspondência de Antônio Valença impõe uma dúvida sobre o que teria acontecido na eleição passada, quem sabe um pedido de última hora e por consequência um ínfimo número de eleitores alcançados? Apenas fica evidente a disposição de votos para a próxima eleição. Como habitualmente ocorria na política coronelista da Primeira República, para angariar votos era necessário dispor de algum benefício como moeda de troca. Na correspondência acima, o número de votos obtidos pelo Sr. Antônio dependeria do “gosto” que Deocleciano pudesse dar a ele, o que traduz também as artimanhas estabelecidas por aqueles que se sujeitavam a um chefe político. Entretanto, com seu prestígio refém do domínio *seabrista* na capital e no alto sertão da Bahia, Deocleciano Teixeira valeu-se das influências que mantinha fora do Estado, em

<sup>138</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências.Caixa: 01, Maço: 01.

sua maioria mediadas pelo irmão Rogociano Teixeira, a fim de conseguir “os benefícios” que lhe eram negados na Bahia:

Caetité, 19 de Junho de 1921

Rogociano. **Na linha telegraphica de Salinas** (Minas) para Bella-Flor, (Bahia) está vago o lugar de Encarregado da 11<sup>a</sup> secção dos telegraphos, como verá da carta inclusa. Procure os meus amigos, deputados [sic] Minas, Camillo Prates, Sebastião Mascarenhas e C<sup>el</sup> Fulgencio (Manuel) e em meo nome obtenha a nomeção para o Cargo[...] Abraça-lhe seo irmão am<sup>o</sup> Deocleciano<sup>139</sup>

Caetité, 7 de Abril de 1922

Rogociano.

**Veja se V. acha um pistolão para o Director dos telegraphos**, Dr. Penido, promover o nosso amigo, Sr. Bernado Ohlsen, da 4 classe para a 3<sup>a</sup>, como Inspector do telegrapho Nacional, conforme o cartão incluso[...].

**Tenho vivo interesse n’esse negocio** e V. falle mesmo em meo nome ao Dr. Aurelino Leal para tambem se interessar.

**Lembra-se ao Dr. Aurelino não se esquecer da agencia do Correio d’esta Cidade**, conforme minha carta ultima.

Vamos sem mais novidade.

Abraça-lhe. Seo irmão am<sup>o</sup>

Deocleciano<sup>140</sup>

Residente no Rio de Janeiro, o centro político administrativo do Brasil àquela época, funcionário da alfândega, dotado de bons vínculos sociais, Rogociano Teixeira atuou como um dos mais importantes braços da política encabeçada pelo irmão Deocleciano. Sua influência salutar evidenciou-se em diversos momentos, especialmente na mediação dos diferentes interesses do irmão, através das relações que mantinha no seio político federal. Como apontou Michael Conniff (2006, p. 113) sobre a elite nacional na Primeira República, “contatos pessoais e amizades, compromissos e laços familiares determinavam a posição de um líder.” Essas redes especiais de amigos em altos cargos, formadas “geralmente de um punhado de homens que [...] mantinham contato entre si ao longo de suas carreiras”, considerando-se reciprocamente “homens de confiança, amigos discretos nos quais sempre era possível confiar”, serviram em diversos momentos à segurança e vantagens desfrutadas por Deocleciano Teixeira. (CONNIFF, 2006, p. 112).

As correspondências enviadas a Rogociano pelo irmão e sobrinhos residentes em Caetité, tornam-se, por isso, muito reveladoras das estratégias e acirradas disputas que

<sup>139</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Rogociano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 03, Maço: 01 - [1083]. – grifo meu.

<sup>140</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Rogociano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 03, Maço: 02 - [1153] – grifo meu.



envolveram a família Teixeira e demais políticos do alto sertão nos turbulentos anos de 1921, 1922 e principalmente 1923, quando a rivalidade entre *seabristas* (representados em Caetité pela família Tanajura) e *concentristas* (representados pela família Teixeira) se intensificou em virtude da campanha eleitoral para Governador da Bahia.

Ainda em relação às correspondências anteriores, é preciso salientar as especificidades do modo de agir de Deocleciano Teixeira, visto que este, ao vislumbrar um cenário favorável no âmbito nacional, procurou novamente acercar-se das redes de sociabilidades e estratégias tecidas em anos anteriores. Ao grande número de correspondências presentes no acervo, cujos modos de envio variavam entre as agências de correio oficiais ou via portador, acrescentam-se também os telegramas. Assim, numa região de difícil acesso e distante dos grandes centros como Salvador e Rio de Janeiro, apoderar-se dos meios de comunicação disponíveis foi um dos objetivos precípuos para ele. Nesse intuito, vale acrescentar também a compra do prelo para a oficina tipográfica do jornal *A Penna* e as alianças feitas com o padre Luís Bastos, conforme se verá no próximo capítulo.

A vitória de Artur Bernardes e a consequente derrota de Seabra nas eleições presidenciais já sinalizavam que o poderio instaurado na Bahia estava fraquejando. Além disso, a fundação da Concentração Republicana (CRB), em 1922, selou a luta contra o *seabrismo* na Bahia. Conforme Eul Soo Pang (1979, p. 165): “A ‘Concentração’ era uma maneira política de dizer ‘confederação’, significando que restavam alguns obstáculos a serem superados entre as facções, antes de se poder fundar um partido”. Dessa forma, a CRB simbolizou a união de diferentes grupos baianos com o interesse comum de derrubar o domínio *seabrista* na Bahia. De maneira similar à descrição feita por PANG (1979), a missiva abaixo notificou a formação da CRB, demonstrando como os acontecimentos de interesse político estiveram sempre ao alcance da família Teixeira em Caetité:

Rio – 20/11/922

Papae:

[...] Parece que d’esta vez a Bahia se livrará dos seus decapitadores – Ha poucos dias, reuniram-se em casa do Ruy, o Aurelio, o Calmon, os Mangabeiras e o Lago (este é dos perniciosos) e parece que formaram o partido opposicionista que apresentará o Aurelino p<sup>a</sup>. governador da Bahia – Com as relações actuais do Ruy com o governo, com o Calmon ministro, parece que a opposição tomará conta do estado. E isto só poderá realizar com a intervenção com a força – Pois de votos, de eleições, a grande [sic] republicana, nada virá [...].

Abençoe o f<sup>o</sup> m<sup>to</sup> am<sup>o</sup>  
Jayme

Através dessa correspondência, Jayme detalhou ao pai os diversos nomes da alta política baiana envolvidos na fundação da CRB. Conforme se observa, a proposta inicial era apresentar o nome de Aurelino Leal como candidato opositor. Entretanto, diante das vicissitudes políticas do período, foi com o nome de Góis Calmon que o partido elegeu o sucessor do governo da Bahia. Conforme se pontuou desde o início do presente capítulo, a fundação da CRB envolveu diretamente Rui Barbosa, protagonista da histórica divergência entre a “raposa e a águia”, analisada por SARMENTO (2009), referindo-se a Seabra e Rui.

Sendo uma das mais reconhecidas figuras da política baiana, Rui Barbosa – de quem Deocleciano Teixeira foi colega ainda no período ginásial, em Salvador, quando estudaram no conceituado colégio de Abílio César Borges, “considerado o maior educador da sua época” (SARMENTO, 2009, p.17)<sup>141</sup> – compunha a rede de influências associada ao chefe caetiteense. Essa ligação também se confirma a partir dos documentos localizados no acervo da Fundação Casa Rui Barbosa<sup>142</sup>. Alguns deles, enviados em momentos significativos da carreira de Rui, como a Campanha Civilista (de 1909-1910) e a candidatura à Presidência da República (1919). Além destes indícios, em 1921, uma correspondência de Deocleciano enviada ao irmão Rogociano, informou que havia recebido “o livro do Ruy p<sup>a</sup> o Anísio, o q<sup>al</sup>. estou lendo”<sup>143</sup>. Vale lembrar que, “em toda sua trajetória republicana, Rui contou com a Bahia para a renovação do seu mandato no Senado. Isso o obrigou a estabelecer uma relação com aqueles que controlavam os votos baianos”. (SARMENTO, 2009, p.10).

Dessa forma, comprometido com os ideais propostos pela CRB, com a rivalidade ao *seabrismo* e com o próprio Rui, naquele mesmo ano (1922), Deocleciano Teixeira se filiou ao partido recém-fundado, e a partir de então, ao vislumbrar uma grande possibilidade de vitória, dedicou-se efetivamente às atividades políticas, encabeçando uma forte oposição ao *seabrismo* no alto sertão.

<sup>141</sup> Segundo a memorialista Marieta Gumes: “Com a transferência de sua família para Salvador, frequenta o colégio do Dr. Abílio Cezar Borges, tendo sido colega de Rui Barbosa **de quem era amigo e admirador**.” (GUMES, 1975, p. 34 – grifo meu).

<sup>142</sup> Foram localizados 28 documentos de natureza diversa assinados por Rogociano Teixeira, um telegrama conjuntamente assinado por Deocleciano Teixeira e José Antônio Rodrigues Lima (Coronel Cazuzinha), dentre outras cartas e telegramas enviados por políticos ligados ao “velho chefe” como os de Rodrigues Lima, referindo-se a Deocleciano. O catálogo dos documentos apontados encontra-se no site da Fundação Casa Rui Barbosa: [www.casaruibarbosa.gov.br](http://www.casaruibarbosa.gov.br), consultado em 11/02/2011.

<sup>143</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Rogociano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 01 [61].

Essa decisão, contudo, foi moldada no decorrer dos acontecimentos, pois ainda em 1918, julgava-se sem condições para levantar tal bandeira:

Caetitê, 26 de julho de 1918

Rogaciano [...] **Sinto e lamento ter perdido a minha antiga actividade política, perdido mesmo o gosto, q. me parecia até cachaça.** Estou cansado, doente mesmo pela idade, do contrário pôr-me-hia à frente da candidatura Calmon, única capaz de salvar nossa Bahia da miséria em que está, sob o governo nefasto do Seabra-Muniz [...].

Deocleciano<sup>144</sup>

Necessidade de consolo, vaidade ferida perante a fragilidade do poder político no âmbito regional, reclusão para o ambiente doméstico, enfim, cartas como esta revelam outros contornos também significativos da personalidade e trajetórias dos sujeitos históricos. Nesse ponto, observa-se a redução das missivas recebidas por Deocleciano Teixeira durante o período do interregno de poder, como indício das nuances do revés político por ele vivenciado. Vale ressaltar a função da correspondência que, conforme FOUCAULT (1992, p. 147), ao mesmo tempo elabora e reforça elos de sociabilidades, possibilita aos interlocutores, sobretudo aos membros da família, momentos de necessário consolo em situações adversas. Assim, a diminuição de cartas recebidas nesse período deve ser pensada apenas para fora do círculo familiar e dos amigos mais próximos.

Já na década de 1920, os rumos tomados pela política baiana e as possibilidades que eles representaram para Deocleciano Teixeira, ampliaram suas expectativas em relação à vitória política e à dominação do alto sertão. Nesse sentido, Reinhart Koselleck discute a interação existente entre “experiência” e “expectativa”:

Esperança e recordação, ou mais genericamente, expectativa e experiência – pois expectativa abarca mais que a esperança, e a experiência é mais profunda que a recordação – são constitutivas, ao mesmo tempo, da história e do seu conhecimento, e certamente o fazem mostrando e produzindo a relação interna entre passado e futuro, hoje e amanhã. (KOSELLECK, 2006, p. 308).

As ações realizadas por Deocleciano, especialmente em relação ao seu “retorno” político, revelam que as experiências adquiridas ao longo da sua carreira e mesmo as estratégias traçadas nos anos de ostracismo, lhe permitiram, em vista dos rumos tomados pela política em âmbito nacional e estadual, estabelecer um “horizonte de expectativas” em relação ao futuro. De outra forma, pode-se dizer que os prognósticos

<sup>144</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Rogaciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. [1104]. Em processo de recatologação.

favoráveis, possibilitados pelas circunstâncias de então, se transformaram em ânimo e vigor para que ele tomasse a frente da candidatura Calmon, não a de Miguel Calmon, referida na correspondência acima, mas a do seu irmão Góis Calmon, candidato da CRB a governador da Bahia nas eleições de 1923.

É importante esclarecer que o nome de Góis Calmon para governador da Bahia surgiu como uma candidatura conciliatória, proposta inicialmente pelo Partido Republicano Democrático (PRD), ao qual Seabra era filiado. Como aponta a historiografia baiana, “a escolha de Góis Calmon era bem pensada”, uma vez que Antônio e Miguel Calmon eram os principais líderes da CRB e não rejeitariam a candidatura do próprio irmão. (PANG, 1979, p. 168). Sendo assim, essa indicação evitaria uma luta política, mantendo em Seabra poucas esperanças de fazer um sucessor. Contudo, a proposta de conciliação não teve grande sucesso, especialmente em virtude da não aceitação por parte do presidente da República, que hostilizava o PRD e principalmente Seabra e, no final das contas, seria ele o autor do veredicto. Diante da situação e à sombra de inúmeras rivalidades, Seabra retirou seu apoio a Calmon, que se tornou então o candidato definitivo da CRB, e indicou o candidato Arlindo Leoni. Em vista desses acontecimentos, pode-se dizer que o *seabrismo* estava com os dias contados na Bahia.

Nessa perspectiva, a discussão que ora se apresenta, não pode ser simplificada ao demonstrar um “doutor” arregimentando forças no interior do Estado, para lutar contra o então Governador da Bahia. Embora as correspondências da família Teixeira explicitem o desejo de ver Seabra fora desse posto e a historiografia aponte a crescente oposição ao *seabrismo* (inclusive por parte do Presidente Artur Bernardes), o interesse primordial de Deocleciano Teixeira tinha um caráter pessoal e restrito. Nesse sentido, ver Seabra destituído do seu cargo era, especialmente, depor seus rivais mais próximos e integrar-se, a sua família e aliados, na oficialidade política mais uma vez, desfrutando dos amplos benefícios que isso representava.

## **2. “De política vamos assim, assim”: entre sucessos e dissabores, a conquista da vitória de 1924**

Desde a vitória presidencial e as sucessivas derrotas de Seabra (1922), a popularidade de Deocleciano voltou a agitar-se: “Ha dias ando muito atarefado c/ a

eleição [...]. Passo os dias todos na banca escrevendo e animando os amigos. Espero contar victoria e vêr o cara de [sic] fora do Governo”<sup>145</sup>. Dessa forma, como indicativo de recuperação do poder político, é salutar o expressivo aumento das correspondências recebidas nesse período, muitas em resposta às suas articulações preliminares, outras com oferecimento de votos ou pedidos diversos<sup>146</sup>. Já contando 82 anos, o “velho chefe” estava em plena atividade política: “Recebendo dezenas de cartas, telegra<sup>s</sup>, dos q<sup>es</sup> é preciso responder e sempre com visitas de amigos políticos”<sup>147</sup>.

A plena atividade política se expressou, naquele momento, também pela plena campanha eleitoral que Deocleciano liderou avidamente, assim como fez em 1918, quando foi favorável à candidatura de Miguel Calmon: “Em conversa, palestra e cartas à amigos, lembro sempre o nome do nosso Calmon como o melhor governador futuro da Bahia e muitos amigos estão disso convencidos”<sup>148</sup>. De acordo com René Remond (2003, p. 48): “A campanha é parte integral de uma eleição [...] é a entrada em operação de estratégias, a interação entre os cálculos dos políticos e os movimentos de opinião. Sobretudo, ela modifica a cada dia as intenções e talvez a relação de forças.” Dessa forma, nota-se que os reflexos das articulações acima pontuadas, bem como o enfraquecimento do *seabrismo* na Bahia e o conseqüente fortalecimento da campanha pró-Calmon, deram, aos poucos, vazão a um cenário conflituoso no alto sertão. O aumento do número de soldados nas cidades e o clima tenso na região anunciavam que aquela eleição lembraria um “espetáculo de violência”. Embora sem as primeiras páginas, a carta de Mário Teixeira - residente em Guanambi - ao seu pai Deocleciano, traduz um pouco o ambiente que se instaurou na região:

Não querem fazer os nossos eleitores porque sabem que isto concorrerá para sua derrota eleitoral. Todos os direitos nos são negados. Collocaram um grande grupo de desordeiros, pajos e affeitos ao crime, com o privilégio de andarem armados, para provocarem desordens – é este o papel da policia.  
Desde muito que vejo ser a causa mais séria do que muitos pensam. Ha tempos ahi em Caetitê, lhe fallei nisto. Seria também conveniente

<sup>145</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Rogociano Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 03, Maço: 02-[1155] – Carta de Deocleciano, em 26 de jan. 1923.

<sup>146</sup> De acordo com o catálogo de correspondências recebidas por Deocleciano Teixeira, nota-se que em 1919 ele recebeu 11 correspondências, em 1920 recebeu 19 correspondências, em 1920 o número subiu para 81 correspondências e em 1922 foram contadas 193 correspondências. Esses números, contudo, não levam em consideração as correspondências sem data ou sem destinatário, nem os telegramas.

<sup>147</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Rogociano Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 03, Maço: 02-[1213] – Carta de Deocleciano, em 22 de fev. 1924.

<sup>148</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Rogociano Pires Teixeira. Série: Correspondências. [1104]. Em processo de recatologação.

que nós outros concertássemos nosso plano de resistência. Talvez fosse útil reunir os nossos representantes em vários municípios e trocássemos ideias a respeito das próximas eleições – municipais, estadual e federal.

Também seria útil sabermos até onde vão os nossos amigos do Rio e Bahia. O Seabra é um só, com plano regular em todo estado, nós outros dispersos, sem coesão, sem disciplina. É preciso organizar para lutar com o adversário habil, com organização homogênea, q embora sem o prestígio do elemento popular, dispõe do tesouro e do privilégio de ter ostensivamente homens armados, irritando o povo, é certo, mas também o amedrontando.

Eu não creio que faremos o sucessor do Seabra, se de facto não nos dispusermos a fazer valer os direitos do voto do povo. O Aurelino podia nos fornecer armas, como o Raul Soares [...].

O filho am<sup>o</sup>. Mario.<sup>149</sup>

Em 1923 os cargos municipais e estaduais, em sua maioria, estavam sob o domínio adversário. Em vista disso, o uso abusivo do poder pelos situacionistas através da contratação e armamento de praças foi de alguma forma legalizado. Com o *seabrisimo* dando sinais de decadência, o jogo havia perdido as regras, valia de tudo na disputa pelo poder, assim como ocorreu em outras regiões do país em circunstâncias parecidas:

[...] no caso das eleições locais, era possível um coronel da oposição verificar que a política estadual fornecera a seu rival armas, munição e licença para usá-las com o propósito de intimidar a oposição. O grupo no poder, a *situação*, aparentemente tinha a faca e o queijo na mão. (CONNIFF, 2006, p. 107).

Ciente dessa realidade, Mário Teixeira escreveu ao pai, apontando a necessidade de concertar o seu plano de resistência, reunir os amigos espalhados pelos municípios vizinhos, dar as cartas sobre as próximas eleições e assegurar alianças. Além disso, também era preciso certificar o apoio fora da região, através dos amigos residentes na Bahia e no Rio de Janeiro. Por fim, para igualar o nível da disputa, era preciso dispor de armas e só então poderiam “fazer valer os direitos de voto do povo”.

É preciso ponderar que as estratégias de Mário Teixeira partiam de Guanambi, lugar em que a violência, mesmo sendo reflexo das diferenças políticas que envolviam sua família em Caetité, pareceu mais declarada. Naquela cidade vizinha a Caetité, Mário residia e administrava sua fábrica de algodão, mas, como representante da política encabeçada pelo pai, envolveu-se em disputas mais esquentadas, indispondo-se com as autoridades do lugar, como informou a correspondência endereçada ao seu pai em 27 de

<sup>149</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 05-[2816]- Correspondência sem as duas primeiras páginas.

setembro de 1923: “O tenente espera chegada de 35 praças hoje, **dizendo ao telegraphista**, que talvez termine esses negócios daqui de uma vez com estas praças, **pondo fogo aqui na fabrica**”<sup>150</sup>.

Os “negócios” envolvendo Mário Teixeira se acirraram, sobretudo, após a nomeação do Cel. Balbino Cahahyba, genro do Cel. José Antônio de Castro Tanajura, Intendente de Caetité (1921-1923), ao cargo de Delegado Regional. Nesse sentido, a correspondência a seguir discorre melhor sobre o contexto dos acontecimentos:

Caetité, 7 de Setembro de 1923

Rogaciano: [...] Politicamen.<sup>1e</sup>, tratando de aumengtar o alistamen.<sup>1o</sup> Já alistamos aqui mais de 90 eleitores, o numero ira a 200, ao passo que os Tanajuras – abandonados pelo povo, não achão um cidadão p<sup>a</sup> alistar. No instante fizeram o perverso Tenente de policia, delegado de Guanamby, **telegraphar ao Governo** tendo\* dizendo que Mario e o Dr. Fernandes pretendem atacar Guanamby e p<sup>a</sup> isso reunião pessoal e tentavam alliciar a força policial e que era urgente o Governo augmentar o destaccamento com m<sup>1a</sup> munição, não só p<sup>a</sup> mentira e falsidade. Vi-me forçado a telegrafar aos Drs. M. Calmon e Aurelino para se entenderem com o Presidente da Republica, visto o plano de conflagrar o sertão, como o SEABRA quer, conforme prometteo na viagem á Lapa [...] <sup>151</sup>.

Embora minada pelas impressões de quem a escreveu e repleta de juízos de valor sobre a população e “os Tanajuras”, essa correspondência, assim como outras do mesmo período, não deixa dúvidas sobre o ambiente conflituoso e diretamente ligado à família Teixeira, que se instaurou no alto sertão com o aproximar daquelas eleições. Como estratégia salientada em outro momento, observa-se mais uma vez que a família Teixeira conhecia o teor dos telegramas enviados, em ambos os casos, pelo telégrafo de Guanambi. Se por meio de boatos ou violação de sigilo por parte do telegrafista, conhecer as estratégias do grupo rival permitiu a Deocleciano e seus aliados agir antecipadamente a fim de evitá-las ou atenuar seus resultados. Nesse sentido, o primeiro trecho da correspondência acima, além de ratificar a disputa em torno dos alistamentos de votos, informou sobre as medidas tomadas pelo “velho chefe”, junto aos amigos mais influentes, para intervirem em favor do seu filho Mário, em virtude dos motins que se propôs a narrar.

Conforme o decorrer da correspondência, o Cônego Bastos (aliado de Deocleciano) telegrafou ao Seabra na tentativa de abrandar os conflitos na região, mas

<sup>150</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 03, Maço: 01- [1749]

<sup>151</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Rogaciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 03, Maço: 01-[1079].

em resposta o governador disse “ q. tinha informações fidedignas de que Mario, aconselhado talvez por mim [Deocleciano], procura fazer, promover desordem e etc.” Em vista desse telegrama, nomes influentes da política foram acionados, Vital Soares, Homero Pires, Celso e Clóvis Spínola, Miguel Calmon e Aurelino Leal, a fim de requererem “urgente habeas-corpus” para Mário Teixeira, em virtude das ameaças de prisão existentes. Antes disso, alguns deles já haviam sido informados sobre a necessidade de se “entenderem com o Presidente da República” a respeito dos conflitos fomentados no sertão.

A situação agravou-se ainda mais com a nomeação do Cel. Balbino, “homem dos Tanajuras”, para o cargo de Delegado Regional, pois garantia facilidade “perante o governo, para este dar – uns soldados com munição [...] a fim de vingarem-se desta derrota eleitoral, plantando o terror no sertão, perseguindo, pondo e dispondo de terra”. A carta diz ainda que:

O Seabra, na viagem da Lapa, trouxe armas, que distribuiu pelos amigos. O J<sup>c</sup> Antoninho [Intendente de **Caetité**] trouxe 8 a 10 e outras para **Riacho** e **Guanamby** [...].

Já principiarão com os movimentos de força policial. O ten<sup>te</sup> da policia d’aqui seguiu ante-hontem p<sup>a</sup> o **Bonito**, levando soldados. O povo esta alarmando retirando-se da povoação. O tal Ten<sup>te</sup> Ottoniel, de Guanamby é um vallente, que alli ameaça dar lição á Mario e Dr. Fernandes [...] <sup>152</sup>.

Como visto, as notícias são de conflitos por todos os lados, alguns deles envolvendo mais diretamente Mário Teixeira. Diante da permissividade do governador Seabra frente à cena hostil que se estabeleceu no alto sertão, o fornecimento de armamentos e soldados e a nomeação do Cel. Balbino para Delegado Regional foram interpretados por Deocleciano como uma afronta pessoal: “O propósito do Seabra é fazer-me todo mal, p<sup>s</sup> sei de fonte limpa que me odeia e para isso está se servindo dos Tanajuras.” <sup>153</sup>

Em meio a tudo isso, o “velho chefe” pareceu contrapor-se à “política armada” atribuída ao grupo rival: “Vão sim fazer politica armada, nunca a fiz. Tenho sempre aconselhado a Mário calma e não dar ouvidos às intrigas locais e jamais [sic] p<sup>a</sup> actos violentos das autoridades” <sup>154</sup>. Uma vez que não se dispõe de fontes produzidas fora do círculo de influências da família Teixeira, não é possível informar em que medida seus

<sup>152</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Rogaciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 03, Maço: 01-[1079] – grifo meu.

<sup>153</sup> Idem.

<sup>154</sup> Idem.



representantes se envolveram ou não em conflitos armados, entretanto tal afirmação precisa ser ponderada a partir do contexto e dos acontecimentos apontados mais adiante. Por outro lado, a correspondência em questão não deixa dúvidas sobre outra arma que serviu à família Teixeira em diversos momentos: as redes de influências.

Além de cercar-se dos amigos atuantes na alta esfera política, como demonstrou o trecho citado anteriormente, Deocleciano manteve suas conexões na região, como o Cel. Horácio de Matos, que, mesmo ocupando o cargo estadual de Delegado Regional da zona que abrangia 12 municípios entre as Lavras e o São Francisco (SAMPAIO, 1998, p. 159), “tem-se correspondido comigo, sou admirador d’elle”. Naquela ocasião, tanto Deocleciano como seu filho Mário Teixeira, telegrafaram ao “C<sup>el</sup> Horacio, em Macahubas, communicando tudo, pedindo obter do Seabra alargar a circunscrição d’elle com Caetitê e M<sup>te</sup> Alto”. Esse telegrama foi, na verdade, um pedido de proteção, uma vez que, com o alargamento da circunscrição de Horácio de Matos, a nomeação do Cel. Balbino seria indeferida<sup>155</sup>.

Após a Revolta Sertaneja (1919/1920)<sup>156</sup>, que redimensionou o olhar das autoridades estaduais e federais para o sertão baiano, coronéis como Horácio de Matos garantiram “o domínio de amplas regiões da Bahia” (SARMENTO, 2009, p. 121), tornando-se ainda mais poderosos diante da conflitante política baiana. Sendo assim, embora a proposta de Deocleciano a Horácio não tenha se concretizado, não se deve desprezar a importância de tais articulações como estratégias construídas a favor dos seus interesses.

---

<sup>155</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Rogaciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 03, Maço: 01-[1079].

<sup>156</sup> A chamada Revolta ou Levante Sertanejo foi uma reação de coronéis do interior da Bahia contra o domínio *seabrista*. De acordo com SARMENTO (2009, p. 119-120 –grifos da autora), Seabra “havia tentado exercer seu mando no interior da Bahia, onde tinha antigas dificuldades de aceitação. A reforma da Constituição Estadual e a lei de nomeação de intendentes foram estratégias para concentrar o poder nas mãos do governador. Essa iniciativa, no entanto, acabou despertando a ira de muitos chefes, que não aceitavam ter que depender do beneplácito do governo para exercer o poder em *seus próprios* municípios. Além disso, a interferência da polícia estadual a favor dos chefes governistas na gestão de Antônio Muniz, provocou a reação de vários ‘coronéis’, incomodados com a interferência nas lutas locais [...] Os principais chefes guerreiros envolvidos no movimento eram o coronel Horácio de Matos, das Lavras Diamantinas, coronel Anfilóbio Castelo Branco, do São Francisco, e coronel Marcionílio de Sousa, de Maracás”. Sobre esse acontecimento, PANG (1979, p. 134-5), diz ainda que: “Em dezembro de 1919 os coronéis do interior que eram contra o PRD [partido *seabrista*] haviam se tornado adeptos da oposição liderada por Rui Barbosa em Salvador, ameaçando, conseqüentemente, o equilíbrio do poder na Bahia. A vitória política da oposição só foi evitada quando o Presidente Epitácio Pessoa interveio, reconhecendo a legitimidade dos coronéis rebeldes através de ‘tratados’ federais de paz, e evitando que as forças anti-PRD manipulassem revoltas.” Não foram encontrados registros que indicassem a participação de Deocleciano Teixeira nesse levante, nem mesmo documentos em seu acervo pessoal que referenciassem tal acontecimento (o que não exclui a possível existência de indícios em outras fontes).

Foi nesse clima tenso, marcado por uma política enveredada “infallivelmente para o campo pessoal”,<sup>157</sup> que as eleições estaduais ocorreram em dezembro de 1923.

Meu Pae

[...] Vou providenciar para assignatura dos officios **nomeando mesários**. Creio que Vm. fez o mesmo. Escrevi para **Umburanas Gentio Gameleira** nesse sentido.

**Vamos fazer a eleição de governador a bico.**

Seu filho am<sup>o</sup>. Mario (24-12-923)<sup>158</sup>

Em relação às medidas tomadas por Mário, informadas ao pai cinco dias antes da eleição, nota-se a preocupação em nomear os mesários e fazer eleição a bico nos municípios do alto sertão. Lembra-se que essas foram características comuns do sistema eleitoral brasileiro da Primeira República e que, naquele momento, significavam muito para quem almejava “vencer” as eleições. Sobre esse aspecto, Consuelo Sampaio aponta que:

*Ser dono da mesa*, isto é, ter antecipadamente a garantia de que a mesa que presidiria as eleições seria integrada por *cabras* de confiança, era ter assegurada a vitória, porque ainda sob a vigilância da Lei Rosa e Silva (nº 1269, de 15 nov. 1904), a contagem dos votos continuava a ser feita pelas mesas eleitorais. Se o número de eleitores não correspondia ao *compromisso* assumido, o recurso era *emprenhar a urna* – como se precedia nas eleições do Brasil Império – fazendo os ausentes votarem e os mortos ressuscitarem. Também cabia às mesas a feitura das atas. O *bicório* encarregava-se de *fabricá-las*, testemunhando a presença daqueles eleitores-fantasma. (SAMPAIO, 1998. p. 102- grifos da autora).

As diversas mudanças na legislação eleitoral brasileira na Primeira República não atenuaram a possibilidade das fraudes eleitorais, sobretudo porque as mesas continuaram apurando os votos e na “feitura das atas a pena todo-poderosa dos mesários realizava milagres portentosos” (LEAL, 1997, p. 255). Conforme se observou, esse tipo de prática também permeou a política alto-sertaneja. Além da carta de Mário Teixeira, citada acima, a missiva de José Justino, de São João da Gameleira (Pindaí), informou que “o Sr. Cornelio Rocha, como presidente da mesa, tomou votos e assignou por 10 ou 12 eleitores que não se compareceram”<sup>159</sup> nas eleições presidenciais de 1921, e nas eleições de 1909, Propércio Balleiro, de Duas Barras (Urandi), justificou a

<sup>157</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04-[2744]. Carta de Jaime Teixeira em 9. Nov. 1923.

<sup>158</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04-[2815] – grifos meus.

<sup>159</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 02, Maço: 03. 4 de dez. 1922.

Deocleciano o registro em ata de nove votos “distráidos da chapa”: “Fica assim VEx<sup>cia</sup> sidente do motivo do aparecimento desses votos, que aliás em nada influíram na votação da chapa recomendada por VEx<sup>cia</sup> a qual foi votada a risca conforme o desejo de VEx<sup>cia</sup>”<sup>160</sup>.

Outro aspecto que diz respeito às eleições refere-se aos custos que elas geravam para os principais interessados. Nesse sentido, os livros contábeis de Deocleciano Teixeira trazem alguns registros que merecem atenção:

**Tabela 2: Registro das Despesas Eleitorais de Deocleciano Teixeira (1923-1924).**

1923		1924	
Tipo de Despesa	Custo	Tipo de Despesa	Custo
Ao Gumes [jornalista], eleição	54 réis	Fornecim <sup>to</sup> às praças, por intermédio do Sargento Maia	225 réis
A Ovídio [aliado político], despesas c/ eleitores	50 réis	Ao Sargento Maia (deve 5r –troco)	71 réis
Ao escrivão – títulos de eleitores	50 réis	Ao Sarg <sup>to</sup> , adiant <sup>to</sup> de pret.	75 réis
Água e imposto p <sup>a</sup> Eleitorado	18 réis	Conta eleição	20 réis
Ao Ovídio c política	20 réis	As praças	188 réis
Ao Ouvidio, auxílio despesas, política	100 réis	A força publica	160 réis
		Ao Conego Bastos [aliado político], despesa política	350 réis

Fonte: APMC. Acervo Casa de Anísio Teixeira. Série: Registros Contábeis. Grupo: Livro Caixa. Caixa: 01, Maço: 01.

Através desses registros observam-se despesas eleitorais de natureza diversa, como: imprensa, títulos de eleitores, água e impostos, contratação de praças e outros não discriminados. São informações que permitem avaliar as nuances da política local, principalmente as estratégias utilizadas para atingir objetivos previamente traçados. Inserida nesses artifícios esteve a contratação de praças, por exemplo, cuja menção no documento aponta para a necessidade de questionar a suposta neutralidade da família Teixeira diante dos conflitos armados na região.

De acordo com a ata da eleição para governador, que ocorreu em 29 de dezembro de 1923, não há registro de nenhuma anormalidade ou desarmonia. Todavia, apesar de não ter sido localizada outra documentação referente ao dia da eleição, as informações deixadas pela memorialista Helena Santos sobre o “Cercos da Câmara” confirmam o clima tenso prenunciado nas correspondências:

<sup>160</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 02, Maço: 03. [214]. 7 de fev. 1909.

Por ocasião das eleições de 1923, a corrente dominante local, vendo que ia perder, resolveu que não haveria eleição [...].

João Evangelista Tanajura [...] mandou trancar a porta da câmara onde estavam os livros. A porta foi arrombada e a eleição começava quando a força policial cercou o prédio, ninguém podia entrar ou sair, sem uma ordem especial do Delegado de Polícia. Durante todo o dia, as pessoas que lá se encontravam, inclusive o Dr. Deocleciano e todos os próceres oposicionistas, ficaram no pavimento superior. Como o sobrado do prédio junto à câmara era de uma cunhada do Dr. Deocleciano, as refeições foram passadas pelas janelas do fundo que eram contíguas. Acabada a eleição os livros também passaram para o sobrado de D. Haidé. (SANTOS, 1997, p. 254).

As disputas intensas que marcaram aquelas eleições incitam refletir sobre a postura de famílias ditas finas, cultas e bem educadas, lembradas pela memória local como as mais distintas da cidade, cujo renome legou a Caetité títulos como “Corte do Sertão”, “Terra da Cultura”, entre outros. Em contraposição, observa-se que, quando o assunto era o poder político, tais famílias perdiam toda suposta diplomacia, lançando mão de meios diversos para validar os seus próprios interesses.

Ao observar a constituição dos grupos rivais em questão, nota-se a participação de juízes, coletores, médicos, engenheiros, advogados, padre, jornalista e outras pessoas em posições consideradas intelectualizadas, entretanto de comportamento tacanho no que diz respeito às ações no plano político eleitoral. Tais atitudes também não se restringiram ao sertão baiano, refletindo, sobretudo, comportamentos relacionados à problemática formação da cidadania no Brasil, uma nação emergente, formalmente republicana e democrática, porém carregada de vícios seculares de toda sorte. Sendo assim, considera-se a pertinência dos questionamentos de José Murilo de Carvalho (2002, p. 43):

Quem era menos preparado para a democracia, o povo ou o governo e as elites? Quem forçava os eleitores? Quem comprava votos? Quem fazia atas falsas? Quem não admitia derrota nas urnas? (CARVALHO, 2002, p. 43).

A continuidade das disputas em Caetité não demonstrou posturas diferenciadas, nem o fim das eleições e a vitória de Góis Calmon nas urnas locais esfriaram os ânimos dos grupos rivais. Em âmbito estadual as eleições fraudulentas evidenciaram-se pelos discrepantes resultados (PANG, 1979, p. 173). Em Caetité, de acordo com a ata da referida eleição (Anexo 01), a segunda seção eleitoral apurou 153 votos unânimes para Calmon, o maior número de votos registrados desde 1915. Em 5 de janeiro de 1924, o jornal *A Penna* divulgou o resultado referente às 5 seções instaladas em Caetité, 676

votos para Calmon e 3 para Dr. Leoni<sup>161</sup>. Acaso teriam os situacionistas também votado em Calmon?

No intervalo entre a eleição e a oficialização da vitória de Góis Calmon, o clima tenso permaneceu. Ainda na tentativa de assegurar o poder que corria como água entre os dedos, o grupo político ligado à família Tanajura empossou no dia 1 de janeiro de 1924, o Coronel Octacílio Rodrigues Lima como Intendente Municipal. Quatro dias depois, uma matéria foi publicada no jornal *A Penna*, intitulada “Sugestões ao Senhor Coronel Octacílio Rodrigues Lima” e assinada por “um caetiteense”, narrando o acontecimento:

No dia 1º, quando, **guardado pelos soldados**, esse impagável grupo representava no antigo prédio da Camara Municipal, a força de uma posse caricata e burlesca, o que mais estranhava o povo de Caeté, não era o espetáculo, onde o seu bom humor não procurava tanto vê-lo insultado à sua independência e à sua vontade, como uma diversão rara e ruidosa, com o inefável aparato das deliciosas marchas e contra-marchas da polícia, o que o povo estranhava era que se visse envolvido na comédia que atesta tão profundamente a insensibilidade moral dos políticos situacionistas, um velho representante da família Rodrigues Lima, dessa família que o sertão não só prestigia e acata, como estima e quer.

Quando o nome d’essa família, subia no dia 1ª arrastado pelas ruas da cidade, n’uma procissão de caricatura, quando à noite recebia aquela manifestação, que tão penosa deve ter sido para a consciência do manifestado, não houve quem não se lembrasse dos nomes antigos de Joaquim Manoel e José Antônio Raiz Lima.

Era um paralelo que se impunha. Joaquim Manoel fôra o primeiro ocupante, por eleição directa, do cargo de Governador do estado. O Coronel Octacílio, usurpava, por uma eleição publicamente fraudulenta, o cargo de Intendente d’esta Cidade [...].<sup>162</sup>

A serviço dos interesses políticos de Deocleciano Teixeira, o jornal *A Penna* não camuflou seu espírito de partido em meio às disputas travadas pelos grupos locais. Ao contrário, conforme se verá no próximo capítulo, cumpriu o importante papel de propagandista da campanha Góis Calmon, publicando matérias que associavam este candidato à esperança de progresso para o sertão, enquanto Seabra foi responsabilizado pelo atraso sertanejo. Da mesma forma, também se prestou a propagandas pessoais a Deocleciano Teixeira e críticas aos seus políticos rivais. Deve-se lembrar, no entanto, que como homem inteligente, João Gumes, o redator do *A Penna*, certamente guardava seus próprios interesses nessa relação.

<sup>161</sup>ELEIÇÃO Governamental. *A Penna*. 05/01/1924, p. 03.

<sup>162</sup>UM Caetiteense. Sugestões ao Senhor Coronel Octacílio Rodrigues Lima. *A Penna*. 05/01/1924, p. 03.

Conforme se observa na nota de abertura do primeiro capítulo, após a vitória de Calmon, Deocleciano Teixeira foi descrito como o continuador de uma tradição política em Caetité. Em contrapartida, na matéria supracitada, o Cel. Octacílio Rodrigues Lima apareceu como alguém que se desviara dessa tradição, contrastando-se com os antigos familiares, que, aliás, foram aliados de Deocleciano Pires Teixeira. Como uma discussão presente no próximo capítulo, chama-se atenção para a inserção de Deocleciano no rol dos “grandes políticos” enaltecidos pela memória local e para o papel do jornal *A Penna* no forjar dessa memória.

Também conforme a matéria acima, em vista do prestígio que ainda desfrutava o grupo situacionista, capaz de empossar um Intendente Municipal com manifestação pública, é possível afirmar que a cidade estava dividida e a tomada do poder seria realizada à força. O correr dos acontecimentos esclarecem que o Cel. Octacílio não continuou na Intendência de Caetité, posteriormente assumida por Ovídio Teixeira<sup>163</sup>, aliado de Deocleciano. Entretanto, antes disso, os grupos rivais permaneceram em conflito, conforme demonstra a correspondência que Celsina Teixeira enviou ao seu irmão Jayme:

Finalmente foram desmontados os Tanajuras, e o povo já pode respirar! Na última feira correu tudo em paz, pois desde que estão aqui estes soldados, quasi toda a feira ha novidade. Na penultima, então, foi um alarme, os soldados não quizeram obedecer ao nosso comandante, revoltaram-se e quizeram assassiná-lo!

Ainda estando aqui o Othoniel, o povo alarmado correu ao sobrado, onde reuniram-se umas 60 pessoas. Felizmente os soldados ficaram nos quartéis, contidos pelo Othoniel, que no dia seguinte foi cedo à casa do C<sup>el</sup> J<sup>e</sup> Antoninho, e encontrando todos apavorados, tratou de retirar-se.

À noite de domingo, não tendo ainda retirado os soldados, o povo tornou a reunir-se, suspeitando que Othoniel viesse atacar; então mandaram intimal-o a retirar-se com os soldados, mandando elle dizer que ainda não tinha se retirado porque os Tanajuras estavam amedontrados e ainda não tinham deixado; e que elle estava preparando-se para viajar naquella noite, mas queria garantia de vida pois, constava haver trincheiras pelo caminho, responderam que só desejavam a retirada delle com os soldados, e que nada havia no caminho. Neste tempo os Tanajuras foram pedir ao Bispo para interceder a paz, pois receavam serem atacados! [...]

Assim acredito que os Tanajuras serão debandados por uma vez!! Não sei com que coragem elles affrontam esse desprezo do povo, só mesmo a do cynismo.<sup>164</sup>

<sup>163</sup> Apesar do sobrenome, Ovídio Teixeira não mantinha nenhum parentesco com Deocleciano Teixeira, eram apenas aliados políticos.

<sup>164</sup> Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira Grupo: Celsina Teixeira. Série: Correspondências Enviadas. Maço: 01, Caixa: 01 - O sobrado ao qual Celsina se refere era a residência da sua família, onde atualmente funciona o museu Casa Anísio Teixeira, e o Tenente Othoniel Lima era o

Essa correspondência reafirma o quanto a disputa pelo poder foi impositiva, ao passo que também não deixa de instigar questionamentos a respeito da população mais pobre, transeuntes nas ruas, nas feiras e nos demais espaços cotidianos. Embora não sendo o viés principal de análise, são questões inerentes ao manuseio da documentação. Ao observar as “cenas de violência” e “mandonismo” aludidas nas correspondências, ou mesmo ao constatar as elevadas condições de vida desfrutadas por algumas famílias, e a maneira como cobiçavam diversos poderes, é inevitável não pensar nos sujeitos de vida simples, cuja presença é marcante na documentação pesquisada. Saber como eles driblavam as dificuldades do dia a dia; como escapavam dos conflitos mais violentos que, porventura, lhes roubavam a segurança (acaso haveria aconchego para eles no sobrado dos Teixeira?); como criavam suas próprias táticas de proteção ou mesmo de “proveito da situação”, agindo autonomamente frente a tal realidade social, são inquietações que, agora sem resposta, apenas acompanham a pesquisa.

É importante salientar que o cenário descrito na correspondência acima não foi peculiar apenas ao alto sertão baiano. Ao contrário, cenas parecidas foram registradas em diferentes lugares do Brasil no mesmo período. Nesse sentido, Regina Guimarães apontou as representações do poder pelos coronéis do garimpo no leste do Mato Grosso. Eles primavam pela “imagem-espetáculo”, ou seja, a imposição do poder através de uma cena de mandonismo ou mesmo violência na cidade. “O poder de mando, nesse aspecto se expressa de diversas formas, por exemplo, junto à polícia, chegam a determinar prisões e solturas [...] tudo muito alardeado. Fazem questão da palavra como legitimação do poder.” (GUIMARÃES NETO, 2006, p. 160).

Vale lembrar que, em meio à “imagem-espetáculo” associada à violência, existiu também a imagem do coronel benfeitor, aquele que concedia benefícios pessoais ou públicos, que arranjava emprego para os aliados, cuidava dos serviços de melhoramentos urbanos, etc. De acordo com a discussão do próximo capítulo, percebe-se que, especialmente por meio do jornal *A Penna*, Deocleciano Teixeira alcançou esta imagem, tornando-se lembrado muito mais pelos “bons feitos” que realizou, do que pelas cenas conflituosas em que se envolveu no alto sertão baiano.

---

então delegado da cidade, ligado ao grupo deposto. As informações sobre o cargo ocupado pelo Tenente Othoniel foram localizadas em documentos não identificados do APMC em Fundo: Casa Anísio Teixeira. Grupo: Livro Caixa. Série: Registros Contábeis. Maço: 3.

Depois de uma longa contenda entre as famílias caetiteenses, o reconhecimento de Góis Calmon, através da intervenção federal, não finalizou as contendas no sertão. Ao contrário, um novo episódio marcou a “debandada” dos Tanajura e a “reascensão” dos Teixeira em Caetité.

O “Cercos da Rua Barão”, como ficou designado pela memorialista Helena Santos, ocorreu no dia da comemoração da posse de Góis Calmon. Conforme relata, o grupo ligado à família Teixeira organizou uma passeata que saiu da “Casa da Chácara”, residência do Sr. Antônio Vilasboas, nas imediações da cidade. Foi organizada como uma espécie de “bota-fora” da família Tanajura, então rechaçada politicamente. Sabendo da notícia, os Tanajuras, que residiam ao final da Rua Barão, próximo à Praça da Catedral, “entrincheiraram-se nos pontos estratégicos, esperando os insultos e ameaças e talvez agressão do grupo que com grande algazarra descia a rua Barão” (SANTOS, 1997, p. 255). Por motivos desconhecidos, o cortejo tomou outro rumo, entrou pelo beco da Igreja de São Benedito, desceu a Rua São João, percorreu o Largo do Alegre e desembocou em frente à residência de Deocleciano Teixeira.

Esse episódio, que se estendeu por mais alguns dias, foi crucial para a saída definitiva da família Tanajura de Caetité, narrada na seguinte correspondência:

Caetité 3 de Abril de 1924

Rogaciano. [...] Eu tenho estado acumulado de trabalhos superiores às m<sup>as</sup> forças, com séria perturbação da ordem n’esta cidade, promovida pelos Tanajuras e Araújo Cahybas – ex seabristas que á força, querem ser concentrista. A população indignada levantou-se em pego e forçou a retirada dos poucos jagunços – uns 10 a 15, que com dificuldade conseguiram reunir – ficaram mais do que estavam, completamente abandonados e desprestigiados. Resolveram mudarem-se da cidade. O João Tanajura foi hontem com toda família para Villa-Velha, o J<sup>o</sup> Antoninho segue breve para Pintada e o Clemente seguiu, dizem uns para a Bahia, e outros para Jequié. Ficamos livres de gente bem ruim: prepotentes, caprichosos, autoritários, inimigos da justiça e etc.[...]

Deocleciano<sup>165</sup>

Com o barco *seabrista* naufragando, a família Tanajura tomou um posicionamento emergencial para tentar manter-se no poder, o mesmo de vários grupos ex-seabristas na Bahia, tornando-se *concentristas* de véspera e talvez isso explique o diminuto número de votos apurados a favor do Dr. Leoni em Caetité. Entretanto, a virada de opinião que deveria supostamente unir os grupos rivais em torno da mesma

<sup>165</sup> Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira Grupo: Rogociano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Carta de nº 235. Em processo de recatologação.



defesa política, não serviu de paliativo para os conflitos caetiteenses. Longe disso, Caetité tornou-se pequena demais para abrigar duas famílias disputando o mesmo poder.

A saída dos principais membros da família Tanajura de Caetité selou o poderio da família Teixeira e do seu grupo político. Assim, como em âmbito estadual a vitória de Calmon representava o “soerguimento da Bahia”, em âmbito regional, a vitória de Deocleciano Teixeira também representou o “soerguimento do alto sertão”; em outras palavras, significou a dominação do “nosso sertão” como costumavam chamar aquela região, mais especialmente do “nosso Caetité”, a partir dos interesses desse grupo político hegemônico.

Como se deu tal “soerguimento”? Depois do “bota-fora” dos adversários, o próximo passo foi remover ou demitir os velhos funcionários e redistribuir os cargos entre os “nossos amigos” e familiares, ou seja, montar um novo corpo político que favorecesse o continuísmo desse grupo no poder e o futuro alargamento das suas influências. Nessa perspectiva, a correspondência de Anísio Teixeira revela um pouco desse momento:

Victória, 19

Papae,

[...] **Ficam sob a nossa immediata direcção Caiteté, Ganamby, Monte Alto e Urandy.** Em Caculé o dr Calmon fez ver ao Juvêncio Guimarães que **só lhe caberia entender-se com o governo através de mim.** De sorte que pelo menos elle não hostilizará os nossos amigos, certo como está de que tal proceder creará dificuldades para a sua política junto ao dr. Calmon. **Ituassú, Jacaracy, Paramirim ficam com o Homero Pires, quer dizer, connosco.** Homero fica com vários outros, ao todo creio que 8.

**Creio com certa segurança que dirigiremos mais dia, menos dia a política desta zona.**

No momento só no resta ter paciência com o terrível império das circunstâncias...

**Ahí em Caiteté, ficamos com as auctoridades, o hitendente, três Conselheiros e quatro supplentes. Afinal penso não tem significação o que foi dado aos Tanajuras. Lagoa Real tem sua subdelegacia sujeita a Caiteté. Que pode fazer?**

Agora, é esquecer o partidarismo que a lucta fez nascer e voltar Caiteté aos bons tempos de uma só família [grifos do autor].

**O João Tanajura o governo vae nomeál-o para uma zona mais distante dahí que fôr possível. Conhece-lhe a chronica...**

\_Para as duas vagas de Conselheiros devem marcar logo as eleições e **eleger os nossos amigos** que não foram reconhecidos.

[...] **Vai ficar satisfeito com o novo promotor**, rapaz inteligente, de preparo e ótimo caracter. Tanto o dr. Mascarenhas como o dr Alibert **irão honrar o nosso Caeté.**

[...] O Dr. Calmon quer **refazer as nomeações** policiaes do Seabra, inclusive as daí. Telegrapharei sobre isso. Abraços. Pede a benção o Anísio.<sup>166</sup>

A partir dessa correspondência se observa como o novo Governo Estadual favoreceu os interesses da família Teixeira no alto sertão. Embora tenha distribuído alguns cargos entre políticos *ex- seabristas*, o maior quinhão concentrou-se nas mãos de Deocleciano Teixeira, especialmente em virtude da atuação do seu filho Anísio Teixeira no governo Calmon, como representante direto dos interesses do pai. Conforme será analisado no capítulo seguinte, essa vitória política favoreceu sobremaneira a colocação dos filhos de Deocleciano em posições de destaque na sociedade baiana. Além de Anísio, que se tornou Inspetor Geral de Ensino da Bahia, Oscar Teixeira foi eleito deputado estadual e os demais também se destacaram em outras funções.

Em vista da discussão traçada neste capítulo, é possível entender como a família Teixeira alcançou grande prestígio na década de 1920. Foi um poder almejado e estrategicamente conquistado, facilitado por seu *status* socioeconômico e pelas redes de sociabilidade sabiamente construídas ao longo dos anos, que permitiram a Deocleciano Teixeira manter influências entre membros de elites políticas de diferentes lugares, as quais serviram, antes de tudo, aos interesses de familiares e amigos a ele relacionados.

Entendendo as emaranhadas situações que consolidaram o prestígio político da referida família, é possível refletir sobre determinados discursos que escamoteiam a existência de conflitos sociais em Caeté. Sobre esse aspecto, observam-se as seguintes afirmações da memorialista Marieta Gumes:

“Caeté exhibia traços vivos da terra civilizada na **pacífica convivência de todas as camadas sociais**, independentemente de qualquer filiação política ou religiosa.” (LOBÃO, 1975, p. 24).

“Em Caeté uma **sociedade tranqüila, em que os adversários se respeitavam, e admiravam** pela cultura era uma constante.” (GUMES, 1975, p. 46).

Os conflitos desvelados na documentação pesquisada permitem questionar algumas memórias construídas em torno da cidade de Caeté. Em primeira instância, vale refletir sobre a subserviência desses discursos aos interesses de grupos

---

<sup>166</sup> Fundação Getúlio Vargas (FGV). Arquivo: Anísio Teixeira Classificação: AT c 1922.03.06 Data: 06/02/1922 a 18/08/1930 Qtd de documentos 48 (199 fl) – grifos meus.

hegemônicos de momentos diferenciados. Nesse sentido, Peter Burke (2000, p. 74) advertiu que é preciso lembrar que os relatos “não são atos inocentes de memória, mas antes tentativas de convencer, formar a memória de outrem”, ou mesmo um artifício capaz de provocar uma “amnésia social”, levando ao esquecimento aquilo que não se quer perpetuar.

Como parte da disputa pelo poder, os conflitos em questão legitimaram a consolidação do poderio político da família Teixeira a partir de 1924, quando seus membros e aliados passaram também a exercer maior domínio sobre os processos de construção da memória cidadina. Como salientou Anísio Teixeira, na correspondência anterior, a partir de então Caetité deveria voltar aos “bons tempos de uma só família”. Aquele era o momento de garantir que o nome da sua família não mais fosse ameaçado pelo “ostracismo” político. Para tanto, era preciso garantir a permanência do seu grupo no poder pelos anos vindouros.

Dessa forma, o capítulo seguinte trata de “outras estratégias” políticas engendradas pela família Teixeira a fim de consolidar-se politicamente no alto sertão baiano.

#### 4. “QUANDO TUDO ESTIVER EM SEUS EIXOS, RECOLHO-ME AO LAR PARA DESCANÇAR”: A FAMÍLIA TEIXEIRA E OUTRAS ESTRATÉGIAS POLÍTICAS

O dia 9 do p.p. mez, marcou na ampulheita do tempo o primeiro anniversario da morte do Dr. Deocleciano Pires Teixeira.

Um anno já se escoou da sua morte e mesmo assim o seu nome inconfundível é pronunciado com o maximo respeito e consideração por todos os que o conheceram e estimaram [...].

Durante muitos annos que residiu entre nós, considerando a nossa terra como a do seu berço, o Dr. Deocleciano sempre se mostrou o mais digno e distincto cavalheiro.

Occupou muitos annos elevados postos por eleição popular, ora como Senador estadual, ora no Municipio, como Intendente e Presidente da Camara, conservando-se sempre o mesmo, bondoso e affavel.

Quem teve a ventura de com elle privar e conhecer as suas bellas qualidades de amigo leal, é que pode avaliar a falta que o seu desaparecimento nos trouxe [...].

Nunca abusou do grande prestigio que gosava merecidamente. Antes relevava com estoicismo as faltas e ingratidões daquelles que, militando em campo oposito, procuravam maltratar-o injusta e grosseiramente. Tolerava benignamente os baldões que adversários pouco escrupulosos lhe atiravam.

Assim, sempre viveu em nosso meio, acatado, estimado, gozando do maximo respeito e consideração, não só de Caitité, como de todo o Sertão que o idolatrava.

Decorrido o primeiro anniversario da sua morte, os seus amigos e admiradores, em um preito de profundo reconhecimento e Saudade, mandaram rezar missa de suffragio por sua alma, e foram em romaria ao Cemiterio em visita ao seu tumulo.

Nós, embora já haja decorrido tanto tempo, desfolhamos sobre o tumulo do inolvidavel Dr. Deocleciano as roxas pétalas de Saudade.<sup>167</sup>

Com a posse de Góis Calmon para governador da Bahia em 1924, a família Teixeira viveu o momento de maior prestígio no alto sertão da Bahia. A vitória política brindada com o domínio sobre os cargos públicos da região, a colocação de familiares e aliados em posições privilegiadas, a reabertura da Escola Normal em Caetité, a construção de estradas de rodagem que beneficiassem aquele município e ainda, a visita de Góis Calmon a Deocleciano Teixeira em 1928, ano eleitoral, concorreram para a continuidade do seu grupo no poder, o que se estendeu até o final daquela década.

Nesse interstício, as correspondências indicam um crescente número de pedidos feitos a Deocleciano, mesmo às vésperas do seu falecimento, em dezembro de 1930, confirmando sua evidência como figura influente naquela região anos após a conquista

<sup>167</sup> HOMENAGEM a um Illustre Morto. *A Penna*, 07/01/1932. p.1

ênfatisada. Além disso, mesmo depois de conflagrado o movimento de 1930, foi o seu sucessor e aliado, Ovídio Teixeira, quem permaneceu na Intendência (Prefeitura) Municipal de Caetité. Fato que, certamente, se repetiu em outros lugares do Brasil.

A emblemática vitória de 1924 não foi, entretanto, uma conquista individual. Ao contrário, os espaços que captou resultaram da sua capacidade e sagacidade em articular apoios. Braços políticos como seu irmão Rogociano Teixeira, as amizades influentes e os próprios filhos, foram imprescindíveis para que o chefe sertanejo se erigisse novamente no cenário político estadual. Em âmbito regional, alianças firmadas com o jornalista e redator João Gumes e com o padre Luís Bastos estiveram entre as mais articuladas e recíprocas estratégias.

Nessa perspectiva, serão discutidas no presente capítulo, as minúcias dos papéis desempenhados por alguns dos filhos de Deocleciano Teixeira e Anna Spínola, bem como a importância das alianças mantidas com a imprensa local e com o referido padre, para a concretização dos interesses do “velho chefe” caetiteense. Tal discussão, ao passo que retoma questões levantadas no capítulo anterior, elenca outras referentes aos usos do poder para fins de uma política personalista e em benefício da construção de uma memória cidadina centrada na família Teixeira e seus aliados políticos.

## **1 Como flechas na mão do arqueiro: a projeção dos filhos de Deocleciano Teixeira e suas influências no alto sertão da Bahia**

Nas primeiras décadas do século XX, o alto sertão da Bahia oferecia algumas oportunidades no que diz respeito à educação primária, tanto através de escolas públicas municipais, quanto de escolas particulares. Além dessas instituições havia ainda aqueles professores particulares, mestres-escola, que ensinavam na cidade e nas fazendas espalhadas pela região<sup>168</sup>. Diferente dessa realidade, em relação à educação secundária, ou seja, àquela que antecedia o ingresso universitário, as possibilidades inexistiam, uma vez que o fechamento da primeira Escola Normal em Caetité (1903), em virtude do

---

<sup>168</sup> Através dos livros de memorialistas e das informações de SILVA (1932), elencam-se referências das seguintes escolas primárias: Colégio São Luiz Gonzaga (“colégio dos jesuítas” 1912-1924); Colégio Imaculada Conceição (“colégio das freiras” 1915-1925) Escola Americana (“Escola Protestante” 1912-1925); Primeira Escola Normal (1898-1903); Escola Particular de D. Jovina, “professora da elite feminina”; Escola Particular de D. Anna Carvalho; Escola Primária; Ateneu Caetiteense (1907); Escola Complementar; Escola feminina da professora Jovina Novais e Escola Masculina do professor Camilo Prisco. Vale lembrar a necessidade de estudos específicos sobre os objetivos da primeira Escola Normal em Caetité (1898), na formação de jovens, filhas das elites regionais, para atuarem no ensino sertanejo.

desacordo político entre Deocleciano Teixeira e o então governador Severino Vieira, esvaiu a única opção existente para os jovens, especialmente as moças, concluírem seus estudos no alto sertão baiano.

Como homem instruído, Deocleciano Teixeira sabia a importância das ações dos filhos para a continuidade dos seus interesses, bem como a necessidade de proporcionar-lhes condições favoráveis que os diferenciariam futuramente na ocupação de destacadas posições sociais, quer através do bom casamento para as filhas, quer na profissão qualificada para os filhos<sup>169</sup>. Tal preocupação, ao passo que refletiu comportamentos inerentes à posição social que ocupava, também carregava fortes influências relacionadas à sua trajetória intelectual e acadêmica, bem como familiar. Nesse sentido, vale ressaltar um dos pedidos feitos pelo Major Antônio José Teixeira (pai de Deocleciano Teixeira) no seu testamento, direcionado aos filhos: “espero e peço que [...] jamais se descuidem da educação doméstica e instructiva de seus filhos, de preferência a ideia, aliás muito nobre e bem entendida, de lhes deixarem grande fortuna pecuniária”<sup>170</sup>. Sobre esse aspecto, Jonis Freire (2009, p. 40) chama atenção para o conceito de herança, que “ultrapassava a transmissão de bens doados ou legados aos herdeiros. Os herdeiros recebiam também a ‘visão de mundo’, os valores de seus familiares que carregavam consigo”.

A partir desse autor, entende-se que Deocleciano Teixeira, herdeiro de uma cultura letrada, não se descuidou dos pedidos do seu pai. Através da relação remetente/destinatário, presente no catálogo de correspondências do seu acervo familiar, é possível observar a trajetória individual de cada um dos filhos. Esses dados, atrelados ao conteúdo das missivas, informam que, movidos principalmente pela necessidade de complementarem os estudos, todos os filhos de Deocleciano Teixeira viveram, em algum momento, distantes de Caetité, especialmente em Salvador e no Rio de Janeiro. Em diversos momentos de suas trajetórias individuais, foram alvos dos investimentos do pai, mesmo quando isso significou a absorvência de consideráveis quantias e a impossibilidade de aplicá-las em outras áreas, conforme esclarece a correspondência abaixo:

---

<sup>169</sup> Tal fato, contudo, não eliminou a autonomia dos filhos frente aos próprios destinos. Como exemplo, destaca-se Hersília (Tilinha), uma das filhas mais velhas do casal, que, apesar dos desacordos familiares, manteve sua determinação em ser freira, mudando-se para um convento em São Paulo em 1926. Cf. RIBEIRO (2009).

<sup>170</sup> APEB. Sessão: Judiciário. Série: Inventários. ID: Antônio José Teixeira. Est. 05, cx. 2150, maço: 2619, doc. 04. 1886. Auto com 120 fls.

Caetité, 10 de março 1925

Rogaciano:

[...] Ha annos não tenho podido empregar economias em apolices. As despezas c/a educação dos meninos absorverão as economias.

Este anno terminarão os 2 ultimos os estudos, ficando apennas a Carmita na B<sup>a</sup>[...]

Deocleciano.<sup>171</sup>

As filhas mais velhas, Evangelina e Celsina, concluíram seus estudos ainda na primeira Escola Normal de Caetité, entretanto, assim como a irmã Tilinha (Hersília), deixaram o sertão por outras razões. Tendo em vista que, naquela época, a carta era um dos principais meios de comunicação, através do catálogo de correspondências da família, observa-se que Evangelina, em virtude de seu casamento, passou a residir em Gurutuba (BA) após 1922, não deixando de realizar esporádicas viagens a Salvador e ao Rio de Janeiro.

Celsina morou em Caetité até o início de 1908, quando, aos 20 anos, mudou-se para Salvador, onde permaneceu até o seu casamento em 1909<sup>172</sup>. Nesse período, a correspondência enviada pela irmã Tilinha (Hersília) traduziu as expectativas existentes em torno da vida na capital: “que tal acharam a Capital? As primas são agradáveis? [...] Já empregam a palavra colossal? E a Estrada de ferro? Os bonds electricos? Mande-me todas estas noticias que estou perguntando.”<sup>173</sup> Alguns anos depois, em 1917, movida pela necessidade de tratamento de saúde para seu marido, Celsina mudou-se novamente para Salvador e, conforme relatou à sua mãe, o esposo Juca “passa[va] a maior parte do tempo na janela, apreciando **o movimento**”<sup>174</sup>.

Os anos em que Celsina Teixeira residiu em Salvador coincidiram com aqueles de grande transformação na capital baiana. Conforme discute Rinaldo Leite (1996), apesar do aumento populacional e das condições insalubres que afligiram os soteropolitanos, as reformas urbanísticas e de cunho modernizador traziam para a ordem do dia expressões caras àquele momento, como civilização, modernidade e progresso. Em contato com o ritmo mais intenso da capital, o reflexo dos anos ali vividos

<sup>171</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Rogaciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 03, Maço: 02 - [1172].

<sup>172</sup> Cf. RIBEIRO, 2009, p. 59

<sup>173</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Spínola Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 01, Maço: 01- [25]. De Tilinha para Celsina. Caetité, 21 de fevereiro de 1908.

<sup>174</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Anna Spínola Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 01, Maço: 02 - grifo meu.

contribuiu, dentre outros aspectos, para o ativismo de Celsina frente à gerência da Associação das Senhoras de Caridade em Caetité.

Com o fechamento da primeira Escola Normal de Caetité, as filhas mais novas foram enviadas a Salvador<sup>175</sup>. Carmem, a caçula, assim como Celsina, ao retornar para Caetité, dotada das experiências adquiridas em Salvador e do diploma de professora, não se restringiu às atividades domiciliares e ocupou uma posição influente na sociedade caetiteense, lecionando na Escola Normal, reinaugurada em 1926.

Os filhos, além da formação secundária, receberam a instrução superior, permanecendo mais tempo distantes de Caetité, porém aproximando ainda mais os seus familiares das novidades próprias de uma época em transformação. Suas correspondências, cartões postais e fotografias, provenientes de diversos lugares, compartilharam vivências comuns às capitais, capazes de serem experimentadas indiretamente, por aqueles que permaneceram no sertão. Conforme salientou Paulo Feudhues:

Em alguns centros urbanos do Brasil, a passagem do século XIX ao XX intensificou as transformações urbanas. Industrialização, urbanismo e modernização formaram o trinômio ideal dos novos tempos [...] Modernidade e progresso fundiram-se num único ideal, tendo a cidade como principal palco. (FEUDHUES, 2008, p. 04)

De alguma forma, as experiências vivenciadas pelos sujeitos em questão, relacionadas a esse momento de transformações nas capitais brasileiras, foram ressignificadas em Caetité, sobretudo a partir da década de 1920, quando o discurso progressista e modernizador em voga no Brasil, impulsionou algumas mudanças naquela cidade, parte delas diretamente ligadas às ações da família Teixeira<sup>176</sup>.

Mário, Oscar, Jayme e Nelson tornaram-se Engenheiros Civis, Anísio fez o bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais. Nas correspondências não foram encontrados indícios da formação do filho Celso, entretanto é possível afirmar que todos eles tiveram a Bahia e o Rio de Janeiro como itinerário principal. Como filho mais velho, Mário retornou mais cedo para o sertão, envolveu-se com o cultivo de algodão em Bella Flor (Guanambi), tornando-se grande aliado político de seu pai durante as primeiras décadas do século XX, conforme se discutiu no capítulo anterior. Contudo,

---

<sup>175</sup> Conforme informou a carta citada na nota anterior, referindo-se à filha caçula, Carmem (Carmita), que estava concluindo o curso normal na capital baiana.

<sup>176</sup> Dentre essas transformações destaca-se a reforma da Catedral, a instalação da energia elétrica, a abertura de estradas de rodagem, a chegada dos primeiros automóveis, a reinauguração da escola normal, entre outras.



isso não significou uma fixação definitiva naquela região, ao contrário, suas correspondências indicam recorrentes visitas às capitais anteriormente citadas.

Os irmãos Jayme, Anísio e Nelson, após concluírem o ensino secundário na Bahia, não retornaram para o sertão; seguiram para o Rio de Janeiro a fim de completarem as respectivas formações, sem contudo, perderem de vista o retorno para Caetité, como relatou Jayme na missiva abaixo:

Rio – 20/11/922

Papae:

[...] Ha poucos dias escrevi a Vm<sup>ce</sup> uma carta em que tratava justamente do que Papae manda-me dizer n'esta ultima quando referindo-se **a nós tres**, diz: “É tempo de vocês tres irem cuidando de uma profissão de trabalho, procurando se collocarem na sociedade” – e mais adiante: “Espero vê-los collocados conforme a aptidão e a vocação de cada um e satisfeitos” – A minha carta quase que parece uma resposta a estes topicos – Adiante ainda Papae está de inteiro accôrdo comigo no que concerne as fazendas, dizendo que “estão quasi abandonadas, so nos dando de lucro o numero de bois, quando melhor tratados e aproveitados darão o triplo senão mais lucro.”

**Como na minha carta ultima eu repito e creio, que terei mais prazer em viver ahi que em qualquer outra cidade, do que aqui no Rio e parece-me que será muito mais facil a mim, poder acumular alguma cousa para ter uma velhice folgada ahi, n'aquelles ramos que falei, do que onde a única cousa que poderei ser é empregado publico[...].**

Abençoe o f<sup>o</sup> m<sup>to</sup> am<sup>o</sup>

Jayme<sup>177</sup>

Apesar de os três filhos de Deocleciano morarem com o tio, Rogaciano Teixeira, que também desfrutava de certa influência no meio social e político da capital brasileira, Jayme demonstrou a diferença entre viver no sertão, onde sua família usufruía de amplos prestígios, e no Rio de Janeiro, “anônimo” e distante dos meios mais “fáceis” de acúmulo de bens para uma “velhice folgada”, onde lhe restava o emprego público. Esse reconhecimento que o parentesco com uma família de posses propiciava, era, segundo Marisa Teruya (2000, p. 04), “a forma pela qual os indivíduos se reconheciam no mundo [e que] conferia os limites e possibilidades para cada indivíduo”. Assim, o desinteresse pelo emprego público também foi notado numa correspondência de Oscar, escrita ao pai em maio do mesmo ano, em que se referia às posses do tio Rogaciano:

<sup>177</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04 - [2735] – grifos meus.

“algumas apólices”, “títulos desvalorizados presentemente” e a “pequena pensão”. “É um caso que realmente faz temer o ser empregado público.”<sup>178</sup>

Na data dessa correspondência, 1922, Deocleciano Teixeira já se rearticulava politicamente, visando a uma futura vitória. Sendo assim, as possibilidades de ascensão que o sertão representava para os filhos de Deocleciano, atreladas às atividades econômicas exercidas pela família, como, por exemplo, a lucrativa criação de gados, tornaram-se, naquele momento, mais interessantes que a vida na capital.

Através da listagem de correspondências da família Teixeira, nota-se que todos os filhos voltaram ao sertão, especialmente após o fortalecimento político de Deocleciano. Esse retorno, contudo, não significou a permanência definitiva naquela cidade, mas, em alguns casos, antecedeu a “colocação na sociedade” almejada pelo pai. Sobre esse aspecto, vale ressaltar a trajetória dos filhos Oscar e Anísio.

Em 1909 Oscar deixou Caetité e foi estudar em Salvador. Assim como os demais irmãos, suas correspondências mantinham os familiares informados sobre acontecimentos de última hora, como exemplificou a missiva de 03/04/ 1911, contando sobre “os barulhos” de ordem política que houve em Salvador, “para auxiliar o exército, chegou a vir do Rio o scout Bahia”<sup>179</sup>; ou a de 09/03/1921, em que compartilhou sobre a comédia de grande sucesso que assistiu no Rio, “*Nossa Terra*”, também prestigiada pelo Presidente Epitácio Pessoa<sup>180</sup>.

Seguindo a trilha de suas cartas, percebe-se que, no ano de 1912, ele se mudou para São Paulo, onde fez o curso de engenharia civil e de onde se correspondeu até 1918. Em 1920, desembarcou em Nova York (EUA), a fim de estudar e trabalhar. Sua ida para os Estados Unidos, contudo, foi custeada pelo Governo Federal, como aponta a seguinte correspondência:

Hotel Laclede  
New York, 21 de julho de 1920.

Papae.

[...] Sahimos do Rio trazendo um offício em que o Ministro da Agricultura declarava estar providenciando para enviar por

<sup>178</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04 - [2630]

<sup>179</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04 - [2627]

<sup>180</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04 - [2630]

telegramma a quantia correspondente a mensalidade minha e dos meus colegas até o final do anno<sup>181</sup>.

Nesse período do governo Epitácio Pessoa, o Ministro da Agricultura era Ildefonso Simões Lopes e certamente a viagem de Oscar foi resultado de influências mantidas pelo pai e pelo tio, tendo em vista que, no montante das experiências, os estudos nos EUA facilitariam sua ascensão quando ele retornasse ao Brasil, proporcionando-lhe maiores chances de se colocar bem na sociedade. Além disso, concorreria positivamente para um aspecto analisado por LOVE e BARICKMAN (2006, p. 84) acerca das lideranças políticas da primeira república: “aqueles que dispõem de conexões com o estrangeiro tendem a ser políticos mais proeminentes.”

Ao chegar aos EUA, Oscar foi designado para um Instituto de Eletricidade, em Troy. Em 1921, mudou-se para Wilksburg e em 1922 já estava de volta ao Brasil. Nesse intervalo, algumas correspondências, fotografias e cartões postais fizeram com que fragmentos de suas experiências chegassem ao sertão.

Através dos meios de comunicação disponíveis, a família tomou conhecimento não só de “como era visto, em 19-9-21 o primeiro caetiteense que apareceu em Wilksburg, Pa. U.S.A.”<sup>182</sup>, mas também de algumas peculiaridades norte-americanas, como a facilidade de uma consulta médica: “em qualquer rua de uma pequena cidade há três ou quatro, e, elles são muito baratos (1 dólar ou sejam cerca de 4\$ por consulta)”<sup>183</sup>; o custo de vida alto: “a vida aqui está muito cara, principalmente aluguel de casa, estamos pagando por appartamento (2 quartos e um banheiro) 30 dollares (132\$) por semana, sem refeições”<sup>184</sup>; o comportamento das mulheres: “Quanto ao receio de Mamãe de que eu volte casado, nada há a temer; as americanas são muito civilizadas e eu ainda sou muito tabaréu. Ao Brasil não agrada essas mulheres que querem em tudo ser iguaes aos homens”<sup>185</sup>; a inovação tecnológica, compartilhada ao relatar sobre o colega paulista que foi “com o fim especial de estudar estradas de ferro

<sup>181</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04 - [2626]

<sup>182</sup> Inscrição no verso da fotografia de Oscar Teixeira em Wilksburg, U.S.A. APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Fotografias Diversas. Não catalogada.

<sup>183</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04 - [2630]

<sup>184</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04 - [2626]

<sup>185</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04 - [2630] – grifos do autor. Essa correspondência indica como as relações de âmbito privado, que não aparecem nas correspondências de cunho político partidário, evidenciam o papel das mulheres da família Teixeira, nesse caso, da esposa Ana Spínola Teixeira, na defesa e tessitura dos interesses familiares.

electricas”<sup>186</sup>, ou, demonstrada através do cartão postal enviado à irmã Celsina, retratando “os modernos meios de transporte” de “New York: the metropolis of the World”, como o aeroplano, o automóvel, a locomotiva e o navio<sup>187</sup>.

Outros aspectos, como a diferença climática, também fizeram parte das novidades divididas pelo sertanejo acostumado ao calor dos trópicos:

Wilkinsburg, Pa.

Em 25 de Fevereiro de 1921

Papae

[...] Luctando contra o frio, agudado pelos xaropes, pastilhas e a emulsão de Scott, vou passando regularmente. Esta semana está sendo das mais frias, a neve que anteriormente só havia chegado a 3 dedos de altura, chegou agora a mais de palmo[...].

Saudades a todos.<sup>188</sup>



Figura 8: Oscar Spínola Teixeira (EUA). Fonte: APMC. Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Fotografias Diversas. Caixa:13.

<sup>186</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04 - [2630].

<sup>187</sup> Fundo: APMC. Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Iconografia. Série: Cartões Postais. Nº 614.

<sup>188</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04 - [2665]

O contato com fotografias, correspondências e cartões postais, provenientes de diversos lugares, tanto do Brasil, quanto do exterior, instiga questionamentos sobre a maneira como os sujeitos residentes no sertão assimilaram as experiências vivenciadas por amigos e familiares que os remeteram; e também como visitaram imageticamente aqueles lugares e engajaram outras realidades à construção de uma visão de mundo refletida em Caetité, especialmente na década de 1920. Sobre tais possibilidades, a historiadora Isnara Ivo (2008, p. 2) aponta que: “os moradores dos sertões forjaram situações de interpretação e de reconstrução de variadas formas de trabalho e de vida, [...] constantemente reinventados e, muitas vezes, reinterpretados.” Na mesma perspectiva, ela afirma ainda que “as culturas múltiplas, estimuladas pela vivência com o inusitado, criaram novos espaços de vida” para os sertanejos.

As correspondências de Oscar também esclareciam que nos EUA ele vivia em um meio muito distante da “classe dos milionários”, estudando, trabalhando e provando uma vida mais difícil, se comparada à de outrora. Em vista disso, Deocleciano Teixeira aconselhou-o a retornar ao Brasil, onde as influências familiares poderiam arranjar-lhe uma melhor colocação social:

Caetité, 20 de Abril de 1921

Rogaciano

[...] No correio passado escrevi aconselhando [Oscar] a regressar, até porque não sei se elle está aproveitando, pois o que ele pratica é trabalho de operário e p<sup>a</sup> operário não vale a pena estar auzente fazendo sacrifício. Vamos arranjar p<sup>a</sup> elle uma collocação na B<sup>a</sup>, ahi no Rio ou em São Paulo. **Para isso V. tem relações. O Calmon pode arranjar qualquer cousa. Um cartão do Ruy é de grande valor. A questão é saber pedir. [...]**

Deocleciano<sup>189</sup>

Como discussão anterior, as relações de influência de Rogociano Teixeira, especialmente com Miguel Calmon e Rui Barbosa, foram chaves importantes para a concretização dos diversos interesses de Deocleciano. Mais uma vez, nota-se a relevância das redes de sociabilidades mantidas pelo político caetiteense, que também propiciaram amplos benefícios aos seus filhos.

Ao retornar para o Brasil, Oscar cogitou ainda a possibilidade de uma viagem à Europa, entretanto o fato de não sentir-se financeiramente amparado fez com que abandonasse a ideia fomentada pelo tio Rogociano:

---

<sup>189</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Rogociano Pires Teixeira. Série: Correspondências. [203] – em processo de recatologiação – grifo meu.

Desde que me pagassem bem iria a China, á Hotentocia, ou, a qualquer outra parte do nosso planeta.

Ir porém ao estrangeiro com minguada quantia, passando pelo que lá há de pior, freqüentando restaurante dos peiores e ainda assim pedindo os pratos pelo lado direito do cardápio, é coisa que não aspiro.<sup>190</sup>

Permanecendo no Brasil, distante das privações que não almejava, Oscar foi colocado como “Inspector de Telegrafos e Iluminação da Noroeste” e passou a residir em Bauru (SP), graças às articulações políticas do seu pai.



Figura 09: Oscar Spínola Teixeira (Bauru/ S.P). Fonte: APMC. Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Fotografias Diversas. Caixa:13. Nº 688.<sup>191</sup>

Em 1925, após a reascensão política da sua família, Oscar retornou ao sertão e, juntamente com o irmão Mário Teixeira, tomou a frente da instalação da energia elétrica em Caetité, planejada desde 1917 através da Empresa de Força e Luz, na qual

<sup>190</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04 - [2629]

<sup>191</sup> No verso da fotografia há a seguinte inscrição: Mamãe: Ahi vae a photographia do Inspector de Telegrapho e Iluminação da Noroeste, na ocasião em que prendia os filhos telegrápicos para vos levar uma mensagem de muitas e muitas felicidades no decorrer de 1923. Oscar. Bauru, 8/12/1922.

Deocleciano Teixeira possuía 43 das 100 ações vendidas a particulares, no valor nominal de cem mil reis cada uma.”<sup>192</sup>

No dia da instalação, além das festividades públicas, houve inauguração do retrato de Mário Teixeira no salão da referida empresa e foram publicadas matérias enaltecidas no jornal *A Penna*, enfatizando que a participação de Oscar Teixeira na instalação da energia elétrica em Caetité foi um “**decreto do Altíssimo**, tão imutável como todos aqueles que vem do Poder Absoluto”.<sup>193</sup> Essas práticas e discursos reforçaram a eminência da família Teixeira, associando seu nome a acontecimentos tidos como importantes para Caetité. Ao veicular tais matérias, o jornal *A Penna* também incentivou o envio de missivas especialmente endereçadas ao “sobrado dos Teixeira”, remetidas por amigos e parentes de diversos lugares, que, ao felicitarem aquela família, reconheciam que a entrada da caldeira em Caetité e conseqüentemente a instalação da energia elétrica foi, antes de tudo, uma conquista particular da família em questão:

Bello Horizonte, 14 de novembro de 1924.

Ex<sup>mo</sup> Am<sup>o</sup> Dr. Deocleciano

[...] Lemos n’ *A Penna* a descrição da entrada da Caldeira e sentimos não estarmos presentes para presenciarmos tão bello espectáculo e abraçar-mos o incansável Dr. Mario[...].

Ovidio <sup>194</sup>

Além das correspondências localizadas no acervo da referida família, no jornal *A Penna* foram publicados diversos telegramas endereçados a Deocleciano Teixeira, que também o parabenizaram pela instalação da energia elétrica em Caetité. Entretanto, deve-se lembrar que tais investimentos não foram desfrutados pela maioria da população. De acordo com as informações de SILVA (1932, p. 195): “era pequeno o número de casas que [tinha] instalações elétricas” e não é difícil supor que o sobrado dos Teixeira era uma delas. Já em 1925, no ano da instalação desse serviço, há registros no livro contábil de Deocleciano Teixeira de pagamentos referentes à “*penna da luz*”, como os 28 réis, relativos a “um mês e dez dias”<sup>195</sup>. Também não se deve perder de vista que os serviços de melhoramentos urbanos, não só eletricidade, como

<sup>192</sup> APEB. Grupo: Judiciário. Série: Inventário. Classificação: 08/3550/02. Período: 193. Interessados: Teixeira, Deocleciano Pires. E/ou partes: Teixeira, Ana Spínola. Folhas: 13-19.

<sup>193</sup> CAETITÉ e sua iluminação electrica. *A Penna*. 26/ 03/ 1925, p. 01- grifo meu.

<sup>194</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 01, Maço: 01 - [509] – grifos meus.

<sup>195</sup> Fundo: Acervo Casa Anísio Teixeira. Grupo: Livro Caixa. Série: Registros Contábeis (Despesas/receitas). Caixa: 01.Maço: 01

abastecimento de água<sup>196</sup>, calçamentos de ruas, dentre outros, continuaram ainda por muito tempo sendo privilégios restritos às elites locais. Sobre essa realidade, o historiador Paulo Henrique Santos (2001, p. 55) aponta que, em 1955, “dos 53 logradouros existentes na cidade, somente 25 tinham iluminação elétrica, 16 eram providos de água encanada e 28 eram pavimentados.”

Mesmo restritas, o significado dessas benfeitorias ganha outros sentidos quando se observam as dificuldades enfrentadas pelos sujeitos residentes em Caetité ainda na década de 1920. Diante de uma conjuntura marcada por mazelas sociais e sofrimentos diversos, propiciar a instalação de energia elétrica, água encanada, a construção de estradas de rodagem, dentre outras medidas de cunho modernizador, fortaleceu a importância desse grupo político naquele contexto, bem como entrelaçou seus nomes à memória hegemônica local.

Em virtude do momento político favorável, a trajetória de Oscar enveredou-se para o campo político, aconselhado principalmente pelo irmão Anísio, que nessa época já desfrutava de um cargo no governo Calmon. Sobre esse aspecto, algumas missivas esclarecem melhor as percepções que impulsionaram sua candidatura:

Bahia, 6 de julho de 1924

Meu caro Oscar

[...] Fica você, assim, instalado no sertão. Acredito e faço votos pela sua prosperidade econômica e pessoal [...]. **O governador disse-me que tinha o maior prazer em saber-o na Bahia e qualquer coisa que deseja para Guanamby manda-me dirigir a Você e a Mario.**

Assim é que, mesmo agora, entregou-me um telegramma, de que falarei logo abaixo, para antes dizer-lhe que ahi no sertão, você, por certo, já sentiu a **absoluta necessidade de ser político**. Assumir a responsabilidade de dirigir e orientar essa população sertaneja primitiva e pobre que ahi viceja, é a primeira inspiração de qualquer homem de cultura e de caráter, que pretende, exercer no sertão a sua actividade. Nesse ponto a abstenção é um crime. Assim eu conto com você para dar afinal aos nossos municípios, o sadio e fácil ambiente de ordem de paz e de justiça [...].

Façamos, pois, algum bem e mostremos afinal como é fácil educar o sertanejo e moralizar o sertão [...] **Superiores de facto, sejamos**

<sup>196</sup> Tanto a memorialista Helena Santos (1997), quanto o Jornal *A Tarde* (1955) ressaltaram que, não tendo Deocleciano Teixeira comparecido às sessões do Senado em 1901 e 1902, e recebendo mesmo assim os subsídios, entregou-os à Intendência Municipal para aplicar no serviço de abastecimento de água da cidade, que foi implantado em 1911. Tal serviço, porém, não se estendeu a toda a cidade, somente a algumas casas. De acordo com SILVA (1932, p. 194), em 1927 foram contados “apenas 53 prédios [com] água encanada, sendo o custo de cada penna 4\$000 mensais”. Nessa época, a cidade possuía 426 prédios, sem contar as “mais de duas centenas de casas disseminadas pelas extremidades da cidade que não acusa o registro do imposto.” (idem. op.cit. p. 193). Dessa forma, nota-se que a grande maioria da população continuou à mercê da água dos rios que cortavam a cidade e, posteriormente, dos chafarizes públicos que foram instalados em lugares estratégicos, os quais, segundo SANTOS (2001), se tornaram motivos corriqueiros de conflitos entre aqueles que dependiam das torneiras públicas para o seu abastecimento.



**também superiores de direito**, pelo espírito, pelo despreendimento, pela coragem de sermos [sic].

Anísio<sup>197</sup>

Jayme

Recebi também carta de Anísio que me pede pensar muito sobre a questão da candidatura [...] Estou certo que **difficilmente teremos outra oportunidade**. Sem prestígio a nossa vida vai se tornar difícil e como ter prestígio sem posição? **Tudo dependerá de Papae que penso estar comnosco** [...].

Abraços do Oscar.<sup>198</sup>

Em ambas as correspondências observa-se a consciência dos irmãos Anísio e Oscar no que diz respeito ao momento favorável para candidatura do último. Da mesma forma, eles compreendiam a importância da “posição” política na legitimação do prestígio ou da superioridade que almejavam. Nesse sentido, a vitória de Deocleciano e a influência desfrutada pela família naquele momento, abriram portas para que os filhos alargassem os domínios do “velho chefe”, colocando-os em posições centrais na sociedade baiana.

Seguindo os conselhos de Anísio, Oscar teve uma candidatura bem sucedida e foi eleito Deputado Estadual em 1925. Atuando como mais um braço político de Deocleciano Teixeira, um de seus projetos foi a abertura de estradas de rodagem no alto sertão da Bahia, que, em virtude dos difíceis meios de acesso, ainda permanecia distante das buzinas dos automóveis<sup>199</sup>. Mais uma vez, tal realização caminhou na esteira do projeto modernizador em voga no Brasil dos anos 20, também almejado pelas elites caetiteenses<sup>200</sup>, ao passo que se tornou, assim como a instalação da energia elétrica e da água encanada em Caetité, um trunfo a favor dos Teixeira.

A vitória política de 1924 também foi um momento fecundo para Anísio Teixeira, que se tornou o mais conhecido dos filhos de Deocleciano e Anna. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais em 1922, depois de concluir os estudos no Rio de Janeiro, retornou para Caetité, envolvendo-se intensamente na oposição *seabrista*, encabeçada por seu pai.

As cartas do acervo em questão demonstram seu envolvimento nos negócios familiares durante a temporada que permaneceu em Caetité, tanto no que diz respeito às

<sup>197</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Filhos de Deocleciano Teixeira. Série: Correspondências Recebidas. Caixa: 01, Maço: 01-[100] – grifo meu.

<sup>198</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Filhos de Deocleciano Teixeira. Série: Correspondências Recebidas. Caixa: 01, Maço: 01-[15] – grifo meu.

<sup>199</sup> ESTRADAS ao Sertão. *A Penna*, 30/07/1925. p.01.

<sup>200</sup> Cf. SANTOS, 2010.

fazendas: “Estamos de viagem marcada para o S. Francisco, onde vou iniciar a demarcada das fazendas Batalha, Rio das Rans e Parateca”<sup>201</sup>, quanto à política: “Anísio seguiu hoje para Guanamby, demorando-se aqui um dia; foi tratar de eleições municipais”<sup>202</sup>; “Não fosse o Anísio q. affim corren<sup>te</sup> me tem auxiliado era impossível dar vazão ao trabalho”<sup>203</sup>.

Além das atividades exercidas no sertão, Anísio encurtou a distância entre Salvador e Caetité, cuidando pessoalmente dos interesses políticos de seu pai na capital do Estado:

Jiquy, 27 de março de 1923

Tio Rogociano

De viagem para a Bahia, onde vou tratar dos interesses políticos locais dos municípios sertanejos da zona **que obedece á orientação de Papae** [...] o sob<sup>o</sup> aff<sup>o</sup>. Anísio<sup>204</sup>

Bahia, 27 de março de 1924

Meu Caro tio Rogociano

Estou na Bahia, onde venho assistir a definitiva ruína do domínio do J.J., com a posse do novo governador e além disto representar perante o Dr. Goes Calmon **os interesses vitais da política sertaneja** [...] <sup>205</sup>

Caetité 3 de Abril de 1924

Rogociano [...] Mandei Anísio à Bahia assistir a posse do Dr. Goes, **representando-me** [...] Deocleciano<sup>206</sup>

Apesar do ativismo na oposição *seabrista* e do “soerguimento político” representado pela posse de Góis Calmon, o “velho chefe” reconhecia a necessidade de nomear sucessores, de colocar à frente de seus interesses pessoas de confiança e com maior vitalidade. Dessa forma, aquele era também o momento de concretizar os objetivos traçados para os filhos e colocá-los em posições influentes na sociedade. Para o filho Anísio, esperava-se do governador Góis Calmon a nomeação para a promotoria

<sup>201</sup> Fundo: Acervo Particular da Família de Dr. Deocleciano Teixeira. Grupo: Rogociano Pires Teixeira. Série: Correspondências recebidas. Caixa: 03. Maço: 02 [1171]. Carta de Anísio Teixeira. Caetité, 2 de agosto.

<sup>202</sup> Fundo: Acervo Particular da Família de Dr. Deocleciano Teixeira. Grupo: Filhos de Deocleciano Teixeira. Série: Correspondências recebidas. Caixa: 01. Maço: 01. Carta de Celsina para Jayme. Caetité, 5 de novembro de 1923.

<sup>203</sup> Fundo: Acervo Particular da Família de Dr. Deocleciano Teixeira. Grupo: Rogociano Pires Teixeira. Série: Correspondências recebidas. Caixa: 03. Maço: 02 [1171]. Carta de Anísio Teixeira. Caetité, 2 de agosto. [1213]. Carta de Deocleciano Teixeira. 22 de fevereiro de 1924.

<sup>204</sup> Fundo: Acervo Particular da Família de Dr. Deocleciano Teixeira. Grupo: Rogociano Pires Teixeira. Série: Correspondências recebidas. Caixa: 01. Maço: único[396]. Em processo de recatologação – grifo meu.

<sup>205</sup> Fundo: Acervo Particular da Família de Dr. Deocleciano Teixeira. Grupo: Rogociano Pires Teixeira. Série: Correspondências recebidas. Caixa 03 [1330]. Em processo de recatologação – grifo meu.

<sup>206</sup> Fundo: Acervo Particular da Família de Dr. Deocleciano Teixeira. Grupo: Rogociano Pires Teixeira. Série: Correspondências recebidas. Caixa 01[235]. Em processo de recatologação – grifo meu.

de Caetité: “Recomendei [Anísio] ao Dr. Góes e demais amigos e ao governador lembrei nomea-lo promotor de Caetité”<sup>207</sup>, bem como que ele assumisse, juntamente com outros familiares e correligionários a direção política local: “Empossado o Góes e feita as Nomeações m<sup>s</sup> urgentes para a n/ Zona, **pretendo afastar-me da política, p<sup>a</sup> descansar**. Ficarão Anísio q. talvez seja nomeado Promotor desta Comarca, o Lima Jr. e outros na direção da politica.[...]”<sup>208</sup>.

Ainda conforme análise anterior, Deocleciano Teixeira buscou cercar-se do domínio de diversos órgãos importantes. Através de alianças estrategicamente traçadas, é possível observar suas intencionalidades no que diz respeito ao telégrafo, à imprensa e ao poder eclesiástico. Com a vitória de 1924, passou a controlar também a Intendência Municipal, ocupada pelo aliado político Ovídio Teixeira, o Conselho Municipal, do qual era membro, e através dos planos traçados para o filho Anísio, se ocuparia ainda do poder judiciário local.

Todavia, os contatos estabelecidos anteriormente entre Anísio e Calmon foram mais profícuos e o “Dr. Góes preferiu convidá-lo para Inspector de Ensino”<sup>209</sup>. Essa nomeação selou a vitória do “velho chefe” e simbolizou a certeza de continuidade dos seus interesses políticos no sertão. Como uma figura diretamente ligada ao governador, Anísio garantiu ao pai: “os seus pedidos para a Directoria da Instrucção vão ser todos attendidos.”<sup>210</sup>

Em relação a esse acontecimento, Deocleciano escreveu ao irmão Rogociano:

Caetité 3 de Abril de 1924

Rogaciano. [...] Ficamos contentes com a alta distincção na pessoa do Anísio, dispensada a nossa família. Todos os amigos da Bahia me telegraphão que o Góes **so prestará os meus amigos n’esta zona**. [...] Tenho recebido alguns telegramas pela nomeação de Anísio, da política d’esta zona, até de Minas e S. Paulo. Isso me conforta no meio das atribulações que tenho soffrido. **Quando tudo estiver em seus eixos, recolho-me ao lar p<sup>a</sup> descansar** [...].

Do irmão, Deocleciano.<sup>211</sup>

<sup>207</sup> Fundo: Acervo Particular da Família de Dr. Deocleciano Teixeira. Grupo: Rogociano Pires Teixeira. Série: Correspondencias recebidas. Caixa 01[235]. Em processo de recatologação.

<sup>208</sup> Fundo: Acervo Particular da Família de Dr. Deocleciano Teixeira. Grupo: Rogociano Pires Teixeira. Série: Correspondencias recebidas. Caixa: 03. Maço: 02 [1213]. Carta de Deocleciano Teixeira. 22 de fevereiro de 1924 – grifo meu.

<sup>209</sup> Fundo: Acervo Particular da Família de Dr. Deocleciano Teixeira. Grupo: Rogociano Pires Teixeira. Série: Correspondencias recebidas. Caixa 01[235]. Em processo de recatologação.

<sup>210</sup> Documentos sem identificação, ainda não classificados. Bahia, 21 de fevereiro de 1930. Carta de Anísio para Deocleciano.

<sup>211</sup> Fundo: Acervo Particular da Família de Dr. Deocleciano Teixeira. Grupo: Rogociano Pires Teixeira. Série: Correspondencias recebidas. Caixa 01[235]. Em processo de recatologação – grifos meus.

A nomeação de Anísio aumentou ainda mais o prestígio outrora desfrutado por seu pai no alto sertão, e deu lugar ao ingresso de alguns familiares na carreira política. Um exemplo já citado foi Oscar Teixeira, que se tornou deputado estadual. Entretanto, vale lembrar que Nelson Teixeira também ocupou, durante o governo Calmon, a Secretaria de Viação e Obras Públicas da Bahia. Nesse cargo, executou o projeto do irmão Oscar, relativo à construção de estradas de rodagem no alto sertão. A representatividade dos filhos de Deocleciano Teixeira no cenário político estadual também foi pontuada pela historiadora Consuelo Sampaio (1998, p. 202), ao relatar que:

A tendência dos velhos chefes políticos, cada vez mais acentuada, era internarem-se nos seus municípios, onde se entregavam aos negócios políticos locais, e confiarem a jovens doutores e legisladores o encaminhamento das questões de seu interesse, no âmbito estadual e federal. O prestígio, por exemplo, do velho Deocleciano Teixeira, chefe político de Caetité, estava bem representado, na Convenção [de fundação do novo PRD], por seus dois filhos doutores, Anísio e Mário Spínola Teixeira.

A fala dessa autora apenas reforça o quanto a cadeia de influências que passou a compor a família Teixeira a partir de 1924 fortaleceu, sobremaneira, a detenção hegemônica de poderes por parte daqueles sujeitos, inaugurando, assim, uma nova fase para aquela família. Entretanto, em virtude da grande quantidade de documentos, as minúcias desse período não serão analisadas neste trabalho.

Contudo, é preciso ressaltar que, dentre os acontecimentos mediados por Anísio Teixeira, esteve a reinauguração, em 1926, da Escola Normal em Caetité, um dos mais sacralizados símbolos da memória caetiteense. Como parte do projeto de soerguimento da família Teixeira, pode-se inferir que a reinauguração da mencionada escola foi movida por um sentimento de reparação de uma antiga desavença política, diretamente ligada a Deocleciano Teixeira, que resultou no fechamento da primeira Escola Normal, em 1903. Ademais, a existência daquela instituição de ensino em Caetité, além de proporcionar, primordialmente, instrução para as meninas ricas da região, estava de acordo com o projeto modernizador defendido pelas elites locais, bem como com uma distinção cidadina almejada pelos seus idealizadores, endossando a posição de Caetité como centro cultural do alto sertão da Bahia.

Como figura marcante na inauguração da Escola Normal, Anísio Teixeira foi laureado em toda a festividade e, de acordo com a correspondência de Celsina Teixeira, além de ter discursado, “recebeu muitas manifestações – do povo, dos professores, dos alunos das diversas escolas... Hontem houve um jantar que Anísio offereceu aos

professores e depois foi a manifestação das escolas reunidas [...] houve baile no sobrado até 2 horas da madrugada.” Essas festividades, assim como as matérias de cunho enaltecedor, divulgadas no *A Penna*, a inauguração de retratos públicos e placas de ruas, observadas em outros momentos, traduziram-se em importantes artifícios para a construção de uma memória cidadina em torno da família Teixeira e dos seus aliados. Não se desconsidera, evidentemente, o uso de estratégias semelhantes por parte de outros grupos elitistas em Caetité, nem mesmo o fato de que a memória local tenha se forjado a partir das ações de grupos hegemônicos nem sempre relacionados à família Teixeira. Entretanto, em vista da documentação analisada, não se pode ignorar os processos que favoreceram a montagem de uma memória centrada na família em questão, oficializada ao longo do tempo como indissociável de Caetité.

Tais processos estiveram relacionados à prática de uma política personalista para legitimação de uma governabilidade em que as obrigações do Governo (estadual ou municipal) serviram à relevância de lideranças individuais. Dessa forma, observa-se que o grande destaque político alcançado pela família Teixeira, não foi em função do partido que apoiava, ou dos ideais políticos que defendia, mas da forte representatividade que obteve a partir de acessibilidades que sempre beneficiaram a troca de favores. Com o governo Calmon, a distribuição de cargos no sertão, a realização de obras públicas e o uso do aparato estatal, de modo geral, facilitaram sua [auto]promoção. Nesse sentido, Consuelo Sampaio (1998, p. 213) esclareceu que, nas relações entre políticos e população, os favorecimentos não se limitavam aos de cunho pessoal:

Para que o chefe político não perca o prestígio do seu município, é necessário que obras públicas, como escolas, estradas, pontes, etc., sejam realizadas, ou pelo menos projetadas, e apontadas às populações locais como benefícios que lhes são concedidos. Neste caso, também é o legislador – na maioria das vezes o deputado estadual ou federal – quem funciona como intermediário entre a elite política municipal e o Executivo.

Comportamentos desse tipo foram comuns entre as lideranças políticas de diferentes épocas. Sobre esse aspecto, Michael Conniff (2006) discutiu as estratégias utilizadas pelas elites políticas do século XX a fim de manterem-se no poder, entre elas estiveram: a formação das “panelinhas”, ou seja, de grupos compostos por políticos e outros amigos de diferentes influências que se protegem através de uma rede especial de articulações; os diversos favorecimentos; os contatos pessoais; os compromissos estabelecidos e os laços familiares [naturais e fictícios] desenvolvidos. Na perspectiva desse autor, no Brasil “a política não era um fórum aberto para o choque de interesses

em competição, onde líderes ponderavam os lados e tomavam decisões baseadas nos méritos de cada caso” (CONNIFF, 2006, p. 113), ao contrário privilegiou-se uma “abordagem interna” da ação política, baseada em corporativismos diversos.

A fim de melhor esclarecer sobre os traços personalistas da política brasileira, esse autor descreveu um perfil do típico político da Primeira República:

[...] Usando os meios não-ortodoxos (os famosos *jeitos*), ele reconciliava opostos e resolvia contradições. Posava de individualista e estadista, embora geralmente fosse **devedor de seus amigos** e estivesse sujeito à autoridade do partido. O político brasileiro tradicional criava **relações pessoais com seus apoiadores**, lembrando nomes, citando laços familiares, **providenciando serviços profissionais** gratuitos (especialmente advogados e médicos) e **simulando um interesse genuíno pelos problemas de seus eleitores**. Deveras, a ilusão de relações pessoais com o número de eleitores é chamada de personalismo tanto no Brasil quanto na América espanhola. (CONNIFF, 2006, p. 113).

Em outras palavras e a partir de uma realidade específica, é possível afirmar que Deocleciano Pires Teixeira e os políticos atuantes da sua família e grupo de aliados mantiveram em certa medida esse perfil. Desta forma, chama-se atenção para esses traços ainda nas discussões desenvolvidas nos tópicos a seguir.

## 2 “Leia sempre A Penna”: a imprensa de João Gumes a serviço da família Teixeira

“Leia sempre A Penna”<sup>212</sup>, esse foi o imperativo de Deocleciano Teixeira numa das cartas enviadas ao irmão Rogociano, em abril de 1924. Em outras correspondências, observa-se o costumeiro envio do referido jornal, juntamente com as missivas e encomendas dos Teixeira, para familiares e amigos residentes em lugares diversos. Exemplo disso encontra-se numa das cartas de Oscar Teixeira, remetida dos EUA, na qual relatou: “Recebi hoje um numero da ‘A Penna’ e um do ‘Jacaracy’”<sup>213</sup>.

As notas de abertura dos capítulos desta dissertação, todas retiradas do jornal *A Penna*, evidenciam o interesse da família Teixeira na difusão do periódico em questão,

<sup>212</sup> Fundo: Acervo Particular da Família de Dr. Deocleciano Teixeira. Grupo: Rogociano Pires Teixeira. Série: Correspondências recebidas. Caixa 01[235]. Em processo de recatologação.

<sup>213</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 04, Maço: 04 - [2665]

uma vez que este se ocupou da divulgação de matérias de cunho partidário e enaltecedor, mostrando-se um grande aliado político de Deocleciano Teixeira.

De acordo com a historiografia pertinente, o jornalismo no Brasil se fez por uma imprensa política, tanto na Independência quanto no Império. Entretanto, tendo em vista a predominância da economia rural e escravista durante o século XIX, “jornais e algumas revistas podiam ser adquiridos apenas nos centros administrativos de maior expressão, cujo quadro burocrático, presumivelmente leitor, consumia impressos.” (MARTINS; LUCA, 2006, p. 23).

No alto sertão da Bahia, o acervo do Barão de Caetité, contendo exemplares do jornal *O Paiz* (Rio de Janeiro), bem como o de Deocleciano Teixeira, contendo edições de outros jornais da época, informam que, apesar das distâncias que separavam o sertão dos “centros administrativos de maior expressão”, as elites caetiteenses também eram consumidoras dos impressos ali produzidos. Todavia, o anseio por uma imprensa local resultou na publicação do primeiro jornal do alto sertão em 1896, intitulado *O Caetiteense* e editado por João Gumes com o fim único de homenagear Joaquim Manoel Rodrigues Lima, pelo seu retorno a Caetité, após o mandato como Governador da Bahia. (SANTOS, 1997, p. 46).

Diante do exposto, percebe-se que os vínculos estabelecidos entre João Gumes e os políticos locais eram mais remotos do que se aparentou. Conforme relata o próprio Gumes no trecho a seguir, retirado da publicação *O Caso Gumes*, tais envolvimento podem ser observados a partir de episódios mais antigos, relacionados ao seu pai:

Já tinha eu um anno na Colletoria [1893], quando meu pae, João Antonio dos Santos Gumes, foi reintegrado nos cargos de Secretario da Camara Municipal e Agente do Correio, este ultimo **graças a intervenção do Dr. Deocleciano Teixeira que se achava na Bahia.** (GUMES, 1923, p. 02. Apud: REIS, 2010, p. 62 – grifo meu).

De acordo com as palavras do próprio jornalista, percebe-se que, desde o início da carreira política de Deocleciano e mesmo antes da existência de uma imprensa em Caetité, as famílias Teixeira e Gumes já se interligavam por interesses comuns.

Na mesma perspectiva, a publicação do jornal *A Penna*, em 1897, também resultou de alianças firmadas entre João Gumes e as elites locais interessadas na existência de um veículo de comunicação que as favorecesse. Sobre isso, Joseni Reis aponta que:

Essa vinculação do jornal *A Penna* com alguns dos líderes políticos da cidade se processa desde a sua criação. Apesar de o seu redator, João Gumes, declarar a não vinculação do jornal a nenhum partido político

local, ele não se exime de reconhecer a “gradidão que deve esta folha a cada uma das distintas e illustres famílias que ora se enlaçam, famílias que são credoras da nossa mais afervorada dedicação [...]”. As famílias às quais o redator de *A Penna* se refere são os Rodrigues Lima e os Spínola Teixeira. (REIS, 2010, p. 92).<sup>214</sup>

Embora a autora ressalte ainda que, “no jornal, Gumes manifesta a sua imparcialidade e a não vinculação a nenhum partido político local, divulgando notícias referentes a ambos os partidos” (REIS, 2010, p. 92), o correr dos anos e o acirramento das querelas locais não deixaram espaços para ambiguidades ou partidarismos sutis, ao contrário, a década de 1920 e o envolvimento direto de Deocleciano Teixeira nas disputas políticas locais exigiram um posicionamento do jornal, que então não camuflou sua propaganda a favor da família Teixeira e dos seus aliados.

É possível observar que as matérias de cunho político partidário foram forjadas ao sabor dos acontecimentos, de modo que, no início da década de 1920, quando Deocleciano Teixeira retomou as atividades políticas, sem tantas certezas em relação ao sucesso da sua empreitada, as matérias publicadas no *A Penna* não demonstraram explícita intencionalidade propagandista. Seus significados revelam-se apenas quando se analisa atentamente o contexto dos acontecimentos.

Conforme discussão do capítulo anterior, dentre as estratégias traçadas pela família Teixeira ainda nos anos de desfavorecimento político, observou-se a preocupação em deter importantes meios de comunicação, dentre os quais estava a imprensa local. Essa intenção pode ser notada a partir da compra de um novo prelo para a “Typografia d’*A Penna*”<sup>215</sup>, ocorrida em 1919. Naquela reforma, João Gumes adquiriu uma máquina rotativa Marinoni, que permitia a impressão de jornais em maiores dimensões (0,56m x 0,37m) e de aparência mais moderna. Entretanto, somente em 1921, o ano em que Deocleciano Teixeira retomou as atividades políticas, foi que João Gumes detalhou aos leitores os pormenores dessa aquisição:

Escrevemos ao illustre bahiano Dr. Joaquim Ignácio Tosta **em Londres**, o qual era **assignante d’*A Penna*** e obtivemos reforço ao nosso pedido, **do nosso prestimoso amigo o Exmo. Sr. Dr. Deocleciano Pires Teixeira**. Infelizmente, devido a que a preocupação d’aquella ephoca era a guerra, embora o interesse do Dr. Tosta, manifesto em cartas que dirigiu nos e ao Exmo. Sr. Dr. Deocleciano, nada podemos conseguir.

<sup>214</sup> A citação da autora é do jornal *A Penna*, 23/10/1898.

<sup>215</sup> A “Typographia d’*A Penna*” localizava-se na Rua 2 de Julho – a rua de entrada da cidade de Caetité. Era de propriedade de “Gumes & Filhos” e a assinatura anual do jornal, na década de 1920 estava de 12\$000, e o número avulso 400 reis. (SILVA, 1932, p. 182).



Voltando as nossas vistas para o Rio de Janeiro, **o illustre e distinto Sr. Major Rogaciano Pires Teixeira**, a quem nos dirigimos, como seu irmão tomou entretanto interesse por nós, obteve informações não só na Capital Federal como em São Paulo, mas eram taes os preços das machinas e taes as dificuldades, que nos foi preciso desistir por algum tempo do que tínhamos em vista.

Afinal, nos fins do anno de 1919, tendo o nosso amigo **Sr. Dr. Mario Spínola Teixeira que também se interessou por nós**, verificado no Rio a existência de um bom prelo Marinoni que se vendia em condições favoráveis, **comprou-o o Illmo. Sr. Major Rogaciano Teixeira, incumbindo-se seu sobrinho Dr. Mario Teixeira de tratar da embalagem e remessa**. Entretanto, conhecendo depois o Sr. Major quanto seriam avultadas as despezas de transporte e encaixotamento de volumes que pesavam 4500 e tantos killos, calculou que elas estavam acima dos nossos recursos e **telegraphou immediatamente ao seu digno irmão que nos fornecesse toda e qualquer quantia de que tivéssemos necessidade** para chegarmos ao fim do nosso empreendimento; que pagássemos quando nos fossemos possível em pequenas prestações.<sup>216</sup>

Em consonância com o que se propunha a relatar, o texto foi intitulado *Nossa Gratidão* e tornou público o envolvimento de alguns membros da família Teixeira na compra do novo prelo. Conforme descreveu o jornalista, Mário encontrou a máquina no Rio de Janeiro (além de ser o responsável pela sua embalagem e remessa), Rogaciano comprou-a e Deocleciano Teixeira custeou o transporte dela até Caetité. A princípio tais custos seriam um empréstimo que João Gumes saldaria em pequenas prestações, entretanto, como salientou na continuação do seu texto, na ocasião do pagamento da primeira parcela da dívida, Deocleciano Teixeira dispensou-o das demais, que, somadas, totalizavam “um conto de réis”. Por conta disso, João Gumes declarou-se “afiançado” àquela família com a seguinte afirmação: “por mais que fizermos, jamais resgataremos a nossa dívida que agora como comprehendemos, tornou-se insolvável.”<sup>217</sup>

Em contrapartida, nos exemplares do *A Penna* pesquisados para este trabalho, não foram observadas queixas, reclamações ou difamação em relação à família Teixeira, somente enaltecimentos, propagandas e defesas constantes, sobretudo, ao longo da década de 1920, quando o compromisso com essa família ganhou feições político partidaristas e o jornal assumiu nitidamente a defesa dos interesses de Deocleciano, contrapondo-se ao grupo situacionista local ao publicar matérias em oposição ao governador Seabra. Sobre esse aspecto, Carla Siqueira (1994, p. 163) salienta que:

Enquanto instituição, a imprensa sempre foi marcada por este espírito que, no geral, não difere muito do próprio caráter da educação, da

<sup>216</sup> GUMES, João. Nossa Gratidão. *A Penna*. 23/ 06/1921, p. 01- grifos meus.

<sup>217</sup> GUMES, João. Nossa Gratidão. *A Penna*. 23/ 06/1921, p. 01.

Igreja, do refinamento intelectual, ou seja, o de criar adeptos para bandeiras e princípios. Foi, como os outros, também, forma de interpretação e, como todas as formas de interpretação, necessariamente, uma forma prática, concreta, de luta pelo poder.

Sendo a imprensa um recurso capaz de “criar adeptos”, defender opiniões, destaca-se a matéria publicada em 1922, com o título “Desenganos”, destinada ao “Dr. Seabra, governador da Bahia”:

S. Excia tem o organismo depauperado pela cobiça [...] chefia uma oposição pessoal que so visa o interesse proprio e que vive em divorcio com a causa do povo e interesses públicos [...] não tem a devida hombridade e energia, quem se estilha em falsos alicerces da immoralidade e esquece os sagrados deveres e compromissos.  
 Nós afundamo-nos num abysmo tenebroso de todas as misérias humanas por seu respeito.  
 Não vê o seu povo com os olhos em lágrimas e o coração sangrando.  
 As nossas noites são de insônia e os nossos dias são luto [...] Infeliz Estado, Infeliz República...<sup>218</sup>

Nota-se que a matéria foi escrita em tom comovente e ofensivo, o que a tornava um tanto peculiar naquele momento de “luta pelo poder”, quando já se aproximavam as eleições estaduais para governador da Bahia. Não se desconsidera, conforme discussão anterior, a fragilidade dos votos no contexto da primeira República, incapazes de definir os destinos políticos de então, entretanto, no jogo de interesses e influências, a função assumida pelos jornais como instrumento de convencimento da opinião pública foi fundamental para se “criar um clima” favorável aos propósitos dos seus idealizadores.

Na mesma perspectiva, MARTINS E LUCA (2006) salientam ainda as mudanças ocorridas no jornalismo brasileiro durante a Primeira República, bem como o potencial da imprensa ante as disputas políticas de então. Conforme as autoras, o periodismo que marcou aquele momento tornou-se “vibrante e decisivo”, entretanto refém de opiniões diariamente compradas. Também foi nesse mesmo período que os investimentos na imprensa facilitaram a ascensão desse meio de comunicação como instrumento de poder, “a serviço de grupos, classes e, sobretudo, partidos políticos”, tornando-se capazes de “tendenciosamente selecionar políticos, fazer governos, decidir eleições.” (MARTINS; LUCA, 2006, p. 40).

Embora as autoras se refiram ao jornalismo dos centros administrativos da época, especialmente da capital brasileira, é possível estabelecer paralelos e, guardadas as devidas proporções, observar, no mesmo período, tanto o fortalecimento do jornal A

<sup>218</sup> DESENGANOS. *A Penna*. 14/09/1922, p. 03.

*Penna* em Caetité, quanto o seu potencial propagandista. Na década de 1920, a Tipografia d'A *Penna* funcionou sem as interrupções notadas, por exemplo, na década de 1910 e 1930. Além disso, naquela mesma década, as edições chegaram a conter dez páginas, sendo que em outros momentos esse número era de apenas quatro.

Nesse contexto, títulos e manchetes de algumas matérias evidenciam o posicionamento do *A Penna* em relação ao governo *seabrista*, sempre responsabilizado pelo “atraso sertanejo”, bem como as propagandas a favor do candidato Góis Calmon, que, apoiado por Deocleciano Teixeira, foi promovido a “solução do problema dos sertões”<sup>219</sup>:

A CAMPANHA POLÍTICA EM CAETITÉ: A renovação dos valores políticos. O regime das competências e da verdade eleitoral. A derrota desnorteia os situacionistas.<sup>220</sup>

VÍCIOS DA POLÍTICA BRASILEIRA E DEFEITOS DA MENTALIDADE DIRIGENTE<sup>221</sup>

Uma campanha exemplar. A coragem cívica do eleitorado caiteense. A réplica do situacionismo: violência e fraude.<sup>222</sup>

Eleição Governamental: Os jornais comentam a grande victoria da Bahia que vae inaugurar sua redempção politica contra seus enxovalhadores de 12 anos.<sup>223</sup>

A CAMPANHA POLÍTICA EM CAETITÉ: Amor a posições oficiais, não! Defesa dos direitos do povo. O situacionismo caiteense: um partido moribundo explorando um cargo policial.<sup>224</sup>;

A QUEDA DOS PREPOTENTES<sup>225</sup>

*A era promissora que se anuncia...* A PLATAFORMA DO SR. GOÉS CALMON. A solução dos problemas dos sertões<sup>226</sup>;

A POSSE DO NOVO GOVERNADOR DA BAHIA: Sagração do Dr. Góes Calmon pelo povo bahiano. Regosijo Geral. Real mudança de situação e libertação da Bahia. Personalidade do novo Governador no qual se concretizam todas as nossas esperanças.<sup>227</sup>

Concomitantemente à publicação dessas matérias, o nome de Deocleciano foi posto em evidência pelos mais diversos motivos, de modo que um rápido manuseio dos

<sup>219</sup> A PLATAFORMA do Sr. Góes Calmon. *A Penna*. 14/02/1924, p. 01.

<sup>220</sup> Cf. *A Penna*. 5/01/1924, p. 01.

<sup>221</sup> Cf. *A Penna*. 20/01/1924, p. 01.

<sup>222</sup> Cf. *A Penna*. 20/01/1924, p. 01.

<sup>223</sup> Cf. *A Penna*. 20/01/1924, p. 2.

<sup>224</sup> Cf. *A Penna*. 20/01/1924, p. 2.

<sup>225</sup> Cf. *A Penna*. 14/02/1924, p. 01.

<sup>226</sup> Cf. *A Penna*. 14/02/1924, p. 01.

<sup>227</sup> Cf. *A Penna*. 3/04/1924, p. 01.

exemplares daquele periódico torna-o comum aos olhos. Além de ser estampado na primeira página do jornal quando acometido por alguma doença<sup>228</sup>, seu nome também ganhou destaque a cada formatura, partida ou chegada de um filho<sup>229</sup>; na data do seu aniversário<sup>230</sup>; pela perda de algum familiar; quando jornais de outras regiões publicavam matérias a seu respeito<sup>231</sup>; ao fazer parte em algum acontecimento público em Caetité; através dos seus telegramas particulares ali publicados<sup>232</sup>; e até em situações mais singulares como no anúncio da morte precoce de João Kardec, um dos filhos de João Gumes, quando, em meio às palavras consternadas, o jornalista fez questão de ressaltar que uma das coroas de flores foi oferecida “pelo nosso prezado e venerado amigo, o Exmo. Sr. Dr. Deocleciano Pires Teixeira e sua Exma. Família.”<sup>233</sup>

Além disso, conforme demonstrou Joseni Reis (2010), em 1923 João Gumes publicou o histórico da sua vida como serventário público, a fim de defender-se de uma acusação que lhe foi feita de desvio de dinheiro. Em *O Caso Gumes*, ele relatou que, “ao assumir a postura liberal, acabara provocando os desafetos políticos, sofrendo retaliações e perseguições por parte do grupo oposicionista quando estava no poder” (REIS, 2010, p. 37), ao passo que também ressaltou a atuação de Anísio Teixeira como seu advogado na capital do Estado (REIS, 2010, p. 65). Nesse mesmo ensaio, citado anteriormente, ele revelou a interferência de Deocleciano Teixeira a seu favor, na concessão de algumas nomeações a cargos públicos na cidade.

A percepção desses vínculos impulsiona reflexões sobre a importância e a diversidade das alianças que cercaram a trajetória política do “velho chefe”, também, autoriza questionamentos concernentes à ideia de imparcialidade do jornal *A Penna*, defendida pelo próprio João Gumes e reforçada pelos memorialistas locais, possibilitando relativizar afirmações do tipo: “[em Caetité] a imprensa movimenta-se altruisticamente”<sup>234</sup>. Sobre esse aspecto Heloísa Cruz e Maria do Rosário Peixoto (2007, p. 258) apontam a importância de “problematizar e superar pela análise a ideologia da objetividade e da neutralidade da imprensa que, construída historicamente, se nos

<sup>228</sup> Cf. *A Penna* de 21/03/1921 e 22/06/1922.

<sup>229</sup> Cf. *A Penna*, 10/01/1923.

<sup>230</sup> Cf. *A Penna*, 25/10/1923 – Nesse dia foram publicados 23 telegramas de felicitações pela passagem do aniversário de Deocleciano Teixeira.

<sup>231</sup> Cf. *A Penna*, 01/05/1924.

<sup>232</sup> Cf. *A Penna*, 16/06/1925, p. 3. Na sessão Telegrammas Particulares, foram publicados dez telegramas endereçados a Deocleciano Pires Teixeira.

<sup>233</sup> Cf. *A Penna*, 20/01/1924, p.1.

<sup>234</sup> DAVID, Mozar. Caetité em Progresso. *A Penna*, 23/04/1925, p. 01.

confronta como um dado de realidade: a imprensa não se situa acima do mundo ao falar dele.”

Ainda é preciso considerar as dificuldades existentes para a manutenção de um jornal em regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos, as quais iam desde a aquisição do papel – motivo pelo qual o jornal *A Penna* deixou de circular algumas vezes – até o reduzido número de consumidores de impressos, ou mesmo as inadimplências nos pagamentos, por vezes registradas no jornal. Sendo assim, é preciso ponderar que as alianças firmadas entre Deocleciano Teixeira e João Gumes foram marcadas por beneficiamentos mútuos e, de alguma forma, possibilitaram ao último viver como jornalista no sertão baiano.

Além da compra do prelo, frisada anteriormente, nos livros contábeis da família Teixeira, registros como os de 50 réis pagos “a João Gumes [sic] **comunicação** p<sup>a</sup> A Penna” ou os de 54 réis pagos “ao Gumes, eleição”<sup>235</sup>, também evidenciam tais reciprocidades. E talvez, dentro daquilo que João Gumes almejava como jornalista e escritor, as concessões que seu envolvimento com Deocleciano Teixeira propiciaram foram tão significativas para ele quanto uma vitória política para o “velho chefe”.

É importante ressaltar que, dentro do contexto político em questão, os laços estabelecidos entre Deocleciano Teixeira, João Gumes e sua imprensa, não foram importantes apenas por se desdobrarem em propagandas pessoais e defesas dos seus interesses políticos, mas também em virtude da difusão de sua “boa imagem” pela região alto-sertaneja e outros lugares mais distantes alcançados pelo *A Penna*. De acordo com Ely Estrela (2003, p. 37), para João Gumes o alto sertão “compreendia uma ampla área que abarca parcela do norte de Minas Gerais e o sudoeste baiano.” A partir dessa definição, nota-se o traçado de uma região imaginária, contudo, de acordo com as fontes pesquisadas e demais estudos sobre o alto sertão, sabe-se que esteve internamente conectada. Todavia, quais os limites reais dessa região, ou seja, a abrangência e veiculação do periódico que se intitulava “ORGAM dos Interesses Comerciais, agrícolas e civilizadores do alto sertão”? De acordo com a mesma autora:

[...] esse jornal cobria uma ampla área – por onde circulava mediante assinaturas – que compreendia [...] toda a Serra Geral e franjas das microrregiões econômicas Médio São Francisco, Chapada Diamantina, Sudoeste e Paraguaçu. (ESTRELA, 2003, p. 39).

---

<sup>235</sup> APMC. Fundo: Acervo Casa de Anísio Teixeira. Série: Registros Contábeis. Grupo: Livro Caixa. Caixa: 01, Maço: 01 – grifo meu.

Vale salientar, mais uma vez, que os exemplares do jornal *A Penna* ultrapassaram esses limites de diversas maneiras, especialmente em virtude dos assinantes que matinha em lugares distintos, como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte e até mesmo em Londres.

Dessa forma, a imprensa caetiteense, por meio de seus artigos e propagandas, realçou de maneira especial os interesses políticos e pessoais relacionados à família Teixeira. Auxiliou de forma muito particular a construção de uma versão enaltecida da atuação política de Deocleciano Teixeira e seus aliados, abafando aquelas experiências políticas – de grupos divergentes inseridos no mesmo contexto – capazes de ameaçar a estabilidade política do “velho chefe”. Difundiu por diversos lugares a imagem de um homem “acatado”, “estimado”, “bondoso” e “affavel”, e, através de um saber especializado, buscou selar seu nome, como “inconfundível” no meio de um “sertão que o idolatrava”.

Ainda de acordo com o perfil do político tradicional da Primeira República, descrito por Michael Conniff, e salientado anteriormente, estavam as seguintes características:

[...] cultivava um estilo suave e evitava a controvérsia. Ele era, nas palavras de Sérgio Buarque, o *homem cordial*, o homem afável que se dava com todos e aparava quaisquer arestas. Quando obrigado, ele era capaz de tomar uma posição e ser eloqüente na defesa de uma ideia, mas evitava instintivamente ações que pudessem oferecer ou indispor seguidores. (CONNIFF, 2006, p. 113)

Nesse sentido, observam-se, através do *A Penna*, linhas da “face pública” de Deocleciano Pires Teixeira que se relacionam ao perfil acima descrito. Desta forma, a ligação entre Deocleciano Teixeira e a imprensa alto-sertaneja, além exercer uma função primordial para a manutenção de uma política personalista, revestiu-se da “tentativa de se construir uma tradição de forte conteúdo simbólico” (SIQUEIRA, 1994, p. 161), assim como fez a imprensa das capitais ao longo da história brasileira, contribuindo para a sacralização de determinados acontecimentos, datas e pessoas.

Conforme a nota de abertura do presente capítulo, nem a morte de Deocleciano Teixeira, nem a do jornalista João Gumes, ocorridas no mesmo ano, puseram fim aos enaltecimentos prestados por aquela imprensa ao referido doutor. Matérias desse cunho podem ser entendidas como “estratégias memorialistas, com suas regras e paradoxos” (SIQUEIRA, 1994, p. 162) e, neste caso, atreladas aos acontecimentos em curso, foram cruciais para que o nome dos Teixeira e dos seus principais aliados políticos se

perpetuassem pela memória local. Como político atuante, certamente seu nome não seria esquecido pela memória hegemônica local, mas, de que forma seria representado? Quais episódios marcariam as lembranças a seu respeito? Que perfil de político seria construído em torno do seu nome? Nesse sentido, as matérias do *A Penna*, com seus adjetivos acertados, tiveram a importante função de esculpir a figura do “político ideal” e propagá-la pela região afora.

Sobre essa “função da memória” que a imprensa é capaz de exercer, Carla Siqueira (1994, p. 162) apontou ainda o sentido que ela assume de “dar coesão ao devir”, oferecendo também “uma compreensão do presente [e] uma ordem que se quer preservar para o futuro”. Nessa perspectiva, destaca-se que, nos livros escritos por memorialistas caetiteenses, publicados a partir da década de 1970, Deocleciano Teixeira foi lembrado como chefe político de maior evidência em Caetité, “homem PADRÃO” daquela sociedade (GUMES, 1975, p.35) e “o mais rico” entre todos da sua época. (NEVES, 1986, p. 45). Dono de uma memória reverenciável, além do reconhecimento político e econômico, em diversos momentos ele foi posto como “exemplo” a ser seguido e admirado.

Dessa forma, entende-se que, dentro dos objetivos traçados pela família Teixeira, as alianças com a imprensa local desdobraram-se em diversos e importantes significados com fins imediatistas e de longo prazo. Essa “mistura de ritmos” é, aliás, uma característica da política, que, segundo René Rémond (2003, p. 34): “se desenrola simultaneamente em registros desiguais: articula o contínuo e o descontínuo, combina o instantâneo e o extremamente lento.”

Como fins imediatistas, a compra do prelo para a “Tipografia d’A Penna” e as diversas relações mantidas com João Gumes, inviabilizaram aos grupos opositores alianças com a imprensa local – nitidamente afiançada por Deocleciano Teixeira. Como única imprensa caetiteense, ela veiculou matérias que desfavoreceram aquele grupo e outras tantas que beneficiaram a política dos Teixeira. No alto sertão e fora dele, tais matérias alcançaram diversos leitores, contribuindo para propagação de uma “boa imagem” do político caetiteense. Com a vitória de 1924, esse trabalho não estava finalizado. A partir de então deveria empreender-se, de forma igualmente eficaz, o trabalho de legitimação do grupo que, de oposição, passou a situação.

A partir de interesses contíguos, visando alcançar grande número de pessoas e preservar ligações com amplos setores da sociedade, Deocleciano Teixeira buscou, através das alianças firmadas com o padre Luiz Bastos, atingir um público diferenciado

daquele para quem era produzido o jornal *A Penna*, conforme será discutido no tópico a seguir.

### 3 “No bulir dos pauzinhos”: as alianças entre Deocleciano Teixeira e o padre Luiz Pinto Bastos

Em 22 de agosto de 1916, o ex-governador da Bahia, Luis Vianna, enviou uma carta para o amigo Deocleciano Teixeira e, ao final dessa correspondência, repetiu a pergunta de costume: “Como vai o nosso bom Cônego Bastos?”<sup>236</sup>

Conforme salientado, uma característica marcante da política de Deocleciano Teixeira foi a influência, que lhe possibilitou, através de extensa rede de contatos e articulações diversas, concretizar muitos dos seus interesses. Não menos importantes que as alianças firmadas com homens influentes da política baiana e federal, estavam aquelas de âmbito regional. Sobre este aspecto, além da atuação dos seus próprios filhos e das relações mantidas com a imprensa de João Gumes, observou-se ainda uma estreita ligação com o padre Luiz Pinto Bastos, a quem o político Luis Vianna se referiu na correspondência acima.

O “padre Luís” era natural da fazenda Parateca, localizada às margens do Rio São Francisco; foi ordenado em Salvador em 1906, e esteve como Vigário durante um ano em Monte Alto, antes de ser empossado em Caetité em 1908 (SANTOS, 1997, 323). Entretanto, as evidências observadas nas fontes levam a crer que Deocleciano Teixeira conheceu o referido clérigo antes que este residisse em Caetité. Conforme o inventário de Deocleciano Teixeira, entre os bens herdados pelo falecimento das primeiras esposas, estavam “duas partes de terra na fazenda “Parateca”<sup>237</sup>, a mesma onde nasceu Luiz Pinto Bastos em 1883. Além disso, um dos irmãos de Deocleciano, o Major José Antônio Pires Teixeira, residia em Monte Alto, onde o Padre Luiz exerceu seu primeiro ano de sacerdócio. Não se desconsidera ainda, o episódio narrado por Francisco Lima, o qual sugere que a ida do padre Luiz Bastos para Caetité resultou de mais uma artimanha do referido doutor:

<sup>236</sup> Fundo: Acervo Particular da Família de Dr. Deocleciano Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências recebidas. Caixa: 03. Maço: 02 [1822].

<sup>237</sup> APEB. Sessão: Judiciário, Série: inventário, Classificação: 08/3550/02, Período: 1931, Interessados: Teixeira, Deocleciano Pires E/ou partes: Teixeira, Ana Spínola, Folhas: 229.



Por motivos sem importância, o vigário – padre Manoel Benvindo Sales – afeiçoadíssimo ao povo baldio de recursos – caiu no desagrado do hipocondríaco Lima Júnior [ genro de Deocleciano], lastrando o desagrado a toda família Rodrigues Lima. Era a demonstração da incubada prepotência dos graúdos [...] pediram a expulsão do vigário da sua estimada freguesia. (LIMA, 1920, p. 14).

Achando-se vaga a paróquia, [Deocleciano] **buliu com os pauzinhos junto ao palácio do Arcebispo** e fez vir de Carinhanha um sobrinho de José Olegário [...] o façanhudo Padre Luiz Pinto Bastos [...] colocando-o na paróquia. (LIMA, 1920, p. 53 – grifo meu).

De acordo com as informações da memorialista Helena Santos (1997, p. 319), o padre Manuel Sales deixou Caetité em 1897, após vinte anos residindo naquela cidade. Desde então, três outros vigários ocuparam-se da paróquia caetiteense, porém, todos com estada efêmera, até que, em 1908, chegou o padre Luiz Bastos, que ali residiu durante 37 anos, até o final da sua vida. Ainda conforme a mesma autora, algumas características distinguiam aquele vigário: “personalidade forte, foi amado e combatido, mas nunca se omitia; era amigo dos amigos, enérgico e autoritário, sua influência foi grande tanto no meio religioso como social.” (SANTOS, 1997, p. 323).

Poucos anos depois da chegada do padre Luiz a Caetité, esta cidade tornou-se sede de Diocese, desmembrando-se da Arquidiocese de Salvador, em 1913. A partir de então, Caetité tornava-se também o centro religioso regional. Através do mapa a seguir, que demonstra os 35 municípios que atualmente fazem parte da Diocese de Caetité, é possível estabelecer uma noção da abrangência territorial que estava sob a tutela religiosa dos clérigos caetiteenses. Apesar de em 1913 a divisão municipal ter sido menor, o território composto por essa diocese era maior, tendo em vista que somente em 1967 uma área de 23.673km<sup>2</sup>, composta por 20 municípios, foi desmembrada da Diocese caetiteense para formar a Diocese de Livramento de Nossa Senhora. (Agenda Pastoral 2011, p. 03)



Caetité, 1º de novembro de 1918

Rogociano.

Tenho escripto constantemente. Hoje o faço aproveitando a boa oportunidade da viagem para ahi do nosso bom amigo, Sr. Conego Luis Pinto Bastos, que vai em comissão do Bispo para trazer duas irmãs Dorotheias para o Colégio de meninas fundado n'esta cidade, pelo Bispo! **O Conego Bastos deseja muito ser apresentado ao Ruy e ao Dr. Miguel Calmon**, e que V, o Lima e o Antonino Neves farão a apresentação e **assim a outros amigos da Liga contra o nefasto governo da Bahia**. Elle dará notícias da terra, me dispensando desse trabalho. [...]

Deocleciano<sup>238</sup>

A viagem ao Rio de Janeiro tornou-se uma oportunidade para que o então Cônego Bastos conhecesse aliados importantes de Deocleciano Teixeira: Miguel Calmon e Rui Barbosa. Além disso, tendo em vista a crescente oposição *seabrista* nesse período, era de grande relevância que o clérigo também fosse apresentado aos demais amigos que compunham “a Liga contra o nefasto governo da Bahia”. Vale lembrar que o entrelaçamento das diferentes influências mantidas por Deocleciano ampliou as possibilidades de benefícios políticos, não só para ele, mas também para o padre em questão.

Ainda segundo a memorialista Helena Santos (1997, p. 323), o Padre Luiz atuava mais como “orientador”; todavia, foi Conselheiro Municipal, Presidente da Câmara e, um ano após a correspondência acima, 1919, assumiu a Intendência Municipal para um efêmero mandato que durou de agosto do ano em questão a maio de 1920, tendo sua posse relatada no jornal *A Penna*:

#### SOLEMNE POSSE

Deu-se ante-hontem no Paço, com uma solenidade que em tal caso nunca foi presenciada entre nós, a posse do Intendente deste Município, o Exmo. e Rvmo. Sr. Conego Luiz Pinto Bastos, que, tendo exercido o cargo no restante do biennio, por nomeação do Exmo. Sr. Dr. Governador, foi por este nomeado para exercer o alto cargo no biennio que ora começa.<sup>239</sup>

As fontes pesquisadas não esclarecem as razões políticas que facilitaram a nomeação do Cônego Bastos a Intendente Municipal ainda durante o governo de Antônio Muniz, entretanto o fim do seu mandato coincidiu com o retorno de J.J. Seabra

<sup>238</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Rogaciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 03 [1277].- grifos meus.

<sup>239</sup> SOLEMNE Posse. *A Penna*. 3/01/1920, p. 01.

ao Governo da Bahia. Em abril de 1920, o mesmo jornal publicou uma matéria intitulada “Nosso Governo”, onde dizia: “O Dr. Seabra foi empossado no governo do Estado, organizou o seu gabinete e está aparelhando as machinas deterioradas da governança e política bahianas para dirigir os nossos destinos”<sup>240</sup>. No mês seguinte, a Intendência Municipal de Caetité foi assumida pelo Coronel José Antônio de Castro Tanajura, que era ligado ao grupo *seabrista* da cidade e que já ocupava o cargo antes do Cônego Bastos<sup>241</sup>. Vale lembrar que, de acordo com as atas da segunda seção eleitoral de Caetité, o Cônego Bastos ainda se candidatou a Deputado Estadual, obtendo apenas três dos 98 votos apurados naquela seção, em janeiro de 1920 (Anexo 1).

Mesmo distante dos cargos políticos, o referido clérigo manteve-se favorável ao “Dr. Deocleciano”, agindo através de outros domínios e prestígios conferidos por sua posição religiosa. Nesse aspecto, vale retomar uma das características pontuadas pela memorialista Helena Santos: “nunca se omitia”. As leituras do jornal *A Penna* confirmam esse traço ao ressaltar sua participação, através da oratória, nas festividades ou solenidades públicas ocorridas em Caetité, como, por exemplo, na festa de comemoração ao Centenário da Independência<sup>242</sup>, na festa promovida pela entrada dos primeiros automóveis em Caetité,<sup>243</sup> e na passeata de comemoração pelo reconhecimento de Ovídio Teixeira (seu correligionário) como Intendente Municipal: “em diversos pontos orou o Cônego Bastos sendo aplaudido com entusiasmo pela multidão”; “**O povo, à frente o Rvmo. Sr. Cônego**, promove festas pomposas em regosijo por este auspicioso acontecimento”<sup>244</sup>.

Considerando a notoriedade desfrutada por uma liderança eclesiástica, sobretudo, numa cidade conservadora e majoritariamente católica (SILVA, 1932, p. 187), bem como os acessos conferidos por tal posição religiosa, pode-se mensurar a importância do padre Luiz como aliado político de Deocleciano Teixeira. Se a imprensa de João Gumes se ocupava dos letrados daquela região, as andanças do padre Luis iam mais além, alcançando também os iletrados e aqueles que residiam nas zonas rurais.

Nessa perspectiva, é importante destacar algumas despesas registradas pelo político caetiteense em anos estratégicos da sua carreira. Em 1923 observam-se diversas referências à compra de materiais para a construção da “Capella do Bonito”, como as

<sup>240</sup> O NOSSO Governo. *A Penna*. 15/04/1920, p. 01.

<sup>241</sup> *A Penna*. 9/06/1921.

<sup>242</sup> GUMES, João. Centenário da Independência. *A Penna*. 14/09/1922, p.01.

<sup>243</sup> GUMES, João. A Festa dos Automóveis. *A Penna*. 19/11/1925, p. 01.

<sup>244</sup> INTENDÊNCIA Municipal de Caetité. *A Penna*. 30/05/1924, p. 01. – grifo meu.

“30 táboas”<sup>245</sup>. Ainda nesse mesmo ano, foram doados 20 réis ao Colégio Jesuíta de Caetité, “Instituto S. Luis p<sup>a</sup> [sic] do fulteboll” e 100 réis “para a festa de Santana”. Em 1924, foram entregues 350 réis “ao Conego Bastos” referentes à “despesa política”<sup>246</sup>. Entre estes e outros registros de doações à Igreja ou pagamentos feitos ao padre, realçam-se aqueles relativos à construção da capela do Bonito, que era um distrito de Caetité (atual município de Igaporã). Investimentos dessa ordem ratificam as possibilidades de alargamento dos seus interesses através das alianças firmadas com o poder eclesiástico.

Ainda de acordo com esta análise, a correspondência do Sr. Álvaro Bastos, de Lagoa da Espera, enviada a Deocleciano em 1922, indica um dos momentos em que o exercício político do padre Luis foi requisitado e, neste caso, para fora de Caetité: “esta tem o principal fim lembrar vm<sup>ce</sup> p<sup>a</sup> tomar interece na política de S. Anna, e Corrente e principalmente com a falta de Chico Flores, **era util se o Vigario fosse um passeio por lá.**”<sup>247</sup>

Mais uma vez, não se desconsidera a autonomia do padre frente às relações mantidas com Deocleciano Teixeira e, como uma via de mão dupla, notam-se vários benefícios alcançados também por ele, inclusive em relação a sua ascensão religiosa, que coincidiu com os anos de maior influência do político em questão.

Sobre esse aspecto observa-se que, em 1924, após a vitória política do seu grupo, o Cônego Bastos foi nomeado Conselheiro Municipal, ao lado de Deocleciano Teixeira<sup>248</sup>. Meses depois, o jornal *A Penna* publicou sua nomeação a Delegado Escolar pela Inspeção Geral de Ensino do Estado, ou seja, por Anísio Teixeira<sup>249</sup>. No ano seguinte, seu nome apareceu no jornal, não mais como Cônego, mas como “Monsenhor Bastos Vigário Capitular”<sup>250</sup>.

Os indícios das ligações existentes entre sua ascensão religiosa e as influências de Deocleciano Teixeira se evidenciaram ainda mais a partir da correspondência abaixo, enviada pelo referido político ao seu irmão Rogociano Teixeira:

<sup>245</sup> APMC. Fundo: Acervo Casa de Anísio Teixeira. Série: Registros Contábeis. Grupo: Livro Caixa. Caixa: 01, Maço: 01

<sup>246</sup> APMC. Fundo: Acervo Casa de Anísio Teixeira. Série: Registros Contábeis. Grupo: Livro Caixa. Caixa: 01, Maço: 01

<sup>247</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Caixa: 03, Maço: 01-[1864] – grifo meu.

<sup>248</sup> GOVERNO Municipal. *A Penna*. 5/01/1924, p. 01.

<sup>249</sup> DELEGADO Escolar. *A Penna*. 30/05/1924, p. 01.

<sup>250</sup> GUMES, João. A Festa dos Automóveis. *A Penna*. 19/11/1925, p. 01.

### Confidencial

Caetité, 20 de Junho de 1925

Rogociano. Ha motivo para acreditar-se que **o nosso** Conego Luis Pinto Bastos foi indicado para o Bispado da Barra, conforme noticiarão os Jornaes.

Agora nas vagas esta Diocese de Caetité com a renuncia de D. Manuel Raymundo, que seguirá [sic] para Sergipe.

Penso que Cônego Bastos será eleito Vigario Capitular d'esta Diocese. Assim sendo, procura, **com urgencia, o nosso illustre am<sup>o</sup> Dr. Miguel Calmon**, dê-lhe estas noticias pedindo-lhe, **em nome da população de Caetité e de toda esta Diocese** para conjunctamente com o ministro do Exterior, Dr. Felix Pacheco, impunha-se com o Exmo. Sr. Nuncio apostolico **no sentido do mesmo indicar ao Papa o nome do nosso bom Conego Bastos para Bispo de Caetité.**

Tal nomeação seria de **grande vantagem para a Religião e para a Sociedade**, pois o Conego Bastos é **muito conhecido, acatado e estimado** em toda esta Diocese onde foi sempre o braço direito de D. Manoel Raymundo, **fazendo visitas pastoraes** por ordem e em d<sup>o</sup> Bispo e depois é conhecida a dedicação do nosso Conego á Igreja Catholica a sua [sic] e esclarecida intelligencia. Agora mesmo está á frente, como **Presidente, da nossa Casa-rural**, para a qual conconreio logo com dinheiro para os primeiros emprestimos. Está tambem, como **Presidente á frente da Companhia Força e Luz de Caetité**, que é gerida por outro cidadão Competente.

Instituiu na Parochia de Caetité, da qual é Vigario, as Irmandades “Pia União das Almas; a da Sociedade de S. Vicente de Santo á do Apostolado das Orações, á Pia União das Filhas de Maria e etc.

Apresente ao Dr. Miguel Calmon os meus protestos de alta estima e admiração.

Abraça-lhe

Seo irmão am<sup>o</sup>

Deocleciano Teixeira<sup>251</sup>

O receio de que o “nosso Cônego” fosse transferido de Caetité está presente na correspondência acima, de cunho “confidencial”, na qual também se observa o grau de proteção que ele desfrutava ante o “velho chefe”. Nesta missiva, Deocleciano Teixeira demonstrou toda articulação traçada para que o pedido “da população de Caetité e de toda Diocese” chegasse ao Papa, o que deveria ser feito com urgência e secretamente. Para tanto, ressaltou que o referido padre era “muito conhecido, acatado e estimado” e também tinha o costume de fazer “visitas pastorais”. Tais peculiaridades, comuns ao sacerdócio, tomam outras proporções quando se considera sua atividade política, onde facilmente poderiam ser aproveitadas para benefício partidário.

Através da correspondência acima, também se evidencia o intenso envolvimento do padre em diversos cargos na cidade, todos ligados às influências da família Teixeira.

<sup>251</sup> APMC. Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Rociano Pires Teixeira. Série: Correspondências Recebidas. Caixa: 03, Maço: 02-[1193]

Além de Conselheiro Municipal e Delegado Escolar – cargos que assumiu no ano anterior – o Cônego Bastos ocupou em 1925 a presidência da Casa Rural e da Companhia de Força e Luz, cargos que, somados à sua atividade eclesiástica, totalizavam cinco ocupações de natureza diferenciada.

Apesar de não ter alcançado o bispado, o Monsenhor Bastos também não foi transferido de Caetité. Permanecendo ali, desfrutou do prestígio conferido pela estabilidade política do seu grupo, dividindo em algumas ocasiões as homenagens prestadas aos membros da família Teixeira, como descreveu Celsina Teixeira na seguinte correspondência:

Caetité, 2 de Outubro de 1926

Vanvan

[...] No dia 11, projectaram-se grandes festas em manifestação a Papae pelo aniversário.

Já sahio o programma que foi **espalhado pelos municípios vizinhos**.

Consistirá a festa em sessão solemne para **collocação dos retratos de Papae e P<sup>e</sup> Luiz** à 1 hora da tarde e depois **inauguração das ruas com placas, havendo um discurso para cada uma. Á noite Te Deum e depois manifestação a Papae.** [...] <sup>252</sup>

A comemoração acima descrita demonstra a combinação entre momentos religiosos e políticos numa ocasião pública em que se esperava a presença de moradores dos municípios vizinhos. Conforme a programação, primeiro seria realizada a cerimônia católica conhecida por *Te Deum* e posteriormente haveria manifestações ao “velho chefe”. Homenagens públicas com inaugurações de retratos e placas de ruas, além de discursos retóricos ou veiculados na imprensa local, apresentam-se como fortes subsídios que, inevitavelmente, remetem à construção de uma memória. Noutra medida, também representam a preocupação com a manutenção de uma situação vigente passível de alterações, de enfraquecimento e de contestação.

Não se deve pensar que a vitória de 1924 pôs fim à disputa travada entre os divergentes grupos caetiteenses. O momento político que a família Teixeira experimentou após esta vitória foi, antes de tudo, um período categórico para se empreenderem ações que garantissem a sua continuidade no poder. Dessa forma, as alianças mantidas com o referido clérigo preservaram-se sob o mesmo sentido que as constituiu, o de alcançar amplos setores da população, numa região marcada por fortes tradições católicas. Embora a grande maioria da população não votasse, permanecendo

---

<sup>252</sup> APMC: Fundo: Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Filhos de Deocleciano Teixeira. Série: Correspondências Recebidas. Caixa: 01, Maço: 01-[148]

sem oportunidades de participar dos processos de decisão política, Deocleciano Teixeira não podia se descuidar dos não eleitores ou das classes menos favorecidas. A eleição de 1924 estava ganha, mas era preciso “cair na graça” do povo e manter-se como um homem “acatado” e “incontestado”.

Conforme discussão do primeiro capítulo, o viver no alto sertão da Bahia nas primeiras décadas do século XX foi, especialmente para os mais pobres, permeado de dificuldades. Grandes disparidades econômicas, longas estiagens, epidemias, pobreza, emigrações, falta de alimentos, dentre outras situações, refletem a realidade social que rodeava a família Teixeira. Apesar de o jornal *A Penna* isentar-se de publicar, na década de 1920, o mesmo contingente de matérias relativas a tal situação, como fez na década anterior, as dificuldades sertanejas permaneceram, a despeito dos reveses políticos. Entretanto, já não soavam como uma boa propaganda. Ao contrário, era preciso semear a esperança de que “uma nova era se anuncia[va]...” e o governo Calmon, logo, o governo dos Teixeira, era a “solução dos problemas dos sertões”<sup>253</sup>.

Conforme se observa ao longo da discussão, a trajetória política da família, que desembocou na vitória de 1924, foi toda permeada pelas artimanhas de Deocleciano Pires Teixeira, que, além de alcançar estrategicamente o domínio político do alto sertão da Bahia, também favoreceu a projeção de seus filhos no cenário estadual. No sertão, o “velho chefe” alcançou grande influência, administrando a distribuição de cargos, dominando recursos para favorecimentos políticos, desfrutando de grande popularidade. Sob seu domínio estavam a Intendência Municipal, o Conselho, a Escola Normal, a Imprensa e um braço forte do poder eclesiástico. Além disso, sua filha Celsina destacava-se à frente da Associação das Senhoras de Caridade. Na capital da Bahia, estava o seu filho Anísio, na Inspetoria de Ensino, garantindo muitos dos seus interesses, da mesma forma, o seu filho Oscar, na Câmara Estadual, e posteriormente, o filho Nelson, na Secretaria de Viação e Obras Públicas. A partir de então, estaria tudo “em seus eixos”?

Aos questionamentos que ficam, vale lembrar uma fala de João Gumes, publicada em abril de 1920 quando J.J. Seabra assumiu o Governo da Bahia. Cheia de sentido, ela reflete uma das inquietações que marcam o encerramento deste trabalho: “Resta saber se houve mudança da situação com a entrada do novo Governador e essa é a parte que mais interessa no desenlace da tremenda campanha que tanto echoou”<sup>254</sup>.

<sup>253</sup> A PLATAFORMA do Sr. Góes Calmon. *A Penna*. 14/02/1924, p. 01.

<sup>254</sup> GUMES, João. O Novo Governo. *A Penna*, 15/04/1920, p. 01.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Este trabalho buscou analisar a trajetória política da família Teixeira no alto sertão da Bahia, destacando a atuação de Deocleciano Pires Teixeira como chefe político; percorreu o intuito de desvelar aspectos ainda não estudados da história caetiteense, bem como da história política da Bahia na Primeira República. A partir de um diálogo com a historiografia pertinente e da análise de documentos variados, elaborou-se um trabalho que visa também salientar a importância das alianças e estratégias traçadas no sertão frente aos destinos políticos da Bahia no contexto abordado.

Depois do contato de alguns anos com a documentação produzida pela família Teixeira, visitar o sobrado onde residiram foi uma experiência impregnada de novos significados, capazes de traduzirem os aspectos abordados nesta dissertação. Localizado na praça principal da cidade de Caetité, a construção do século XIX denuncia, já no primeiro olhar, a distinção social dos seus antigos moradores. Logo à entrada da casa, passada a anteporta, a cabideira usada para amparar chapéus e bengalas lembrou as visitas recebidas pela família, especialmente aquelas dos amigos políticos, ocasionalmente salientadas nas correspondências e no jornal *A Penna*. Estas denotaram a inserção de Deocleciano Teixeira em redes sociais influentes, mantidas tanto no sertão quanto em outras regiões e que foram imprescindíveis para a concretização de muitos dos seus interesses, facilitando, em diversas ocasiões, a maior eminência desta família.

Na sala de visitas, logo à direita, na parte estendida do sobrado, está a mobília que aparece nos inventários da família, o sofá, as cadeiras... veem-se também os retratos dos pais de Deocleciano Teixeira, pintados em Paris, no ano de 1870, como sinais da época em que o Major Antônio José Teixeira (o pai) comercializava em praças estrangeiras, como Londres e Paris. A partir deste cenário, vem à tona a importância das diversas fontes utilizadas para reconstituir fragmentos da trajetória apresentada. Além disso, destaca-se o prestígio legado pela ascendência familiar, apresentado como um dos aspectos incentivadores do ingresso de Deocleciano Pires Teixeira em grupos de influências e, conseqüentemente, na política. Alguns passos adiante e o elegante quarto de visitas ratifica a importância das diversas sociabilidades na garantia de diferentes interesses. Como exemplo de vínculos sociais influentes, esse espaço fez lembrar um acontecimento ligeiramente apontado neste trabalho: a estratégica visita de Góis Calmon a Caetité, em 1928. Teria sido esse o quarto em que ele se hospedou?

Inevitavelmente o nome de Góis Calmon remete à discussão acerca das estratégias traçadas por Deocleciano Pires Teixeira a fim de superar os anos de “ostracismo” e alcançar amplos domínios políticos do alto sertão da Bahia. Nessa perspectiva, foram discutidos também os conflitos que mediaram a oposição ao *seabrismo* e a campanha pró-Calmon na região em foco. Em Caetité, tais conflitos relacionaram-se diretamente às divergências nascidas entre as famílias Teixeira e Tanajura, as quais disputaram de todas as formas o domínio político local.

Na sala de jantar, mais uma parte da mobília inventariada: mesas e cadeiras... As paredes minuciosamente pintadas escondem os “burburinhos” que chegam aos ouvidos dos funcionários do museu no contato com os visitantes mais velhos, um deles é acerca de um pintor holandês que veio para Caetité trabalhar no teto da Catedral e supostamente foi aproveitado para colorir as paredes do sobrado. Em tom de confissão, outra visitante posicionou a espreguiçadeira num lugar estratégico, informando que, após o almoço, aquele era o lugar sagrado do velho Deocleciano, pois possibilitava uma visão privilegiada de quem passasse em frente ao sobrado, atravessando a praça principal da cidade.

Na “sala de orações” concentram-se os oratórios e imagens dos séculos XIX e XX, denotando o catolicismo da família. Na documentação, esse traço salientou-se de diversas formas, dando lugar a discussões sobre aspectos diversos. Neste trabalho, apontou-se a ligação entre Deocleciano Teixeira e o padre Luís Pinto Bastos, que atuou como importante aliado político, tanto em Caetité quanto nas localidades circunvizinhas. Suas influências religiosas, atreladas ao seu ativismo partidário, propiciaram a Deocleciano Teixeira alcançar públicos diferenciados, nos núcleos urbanos e rurais, entre letrados e analfabetos. Ainda na mesma sala encontra-se o móvel mais curioso da casa: a cômoda papeleira. Trata-se de uma peça em madeira, talhada à mão, que comporta várias gavetas, algumas delas com fundo falso, onde se escondem outros pequenos compartimentos. Uma espécie de cofre, trancado à chave, que certamente serviu de esconderijo para os objetos e papéis mais valiosos; entre eles, estiveram, possivelmente, as jóias localizadas nos inventários da família. Esse móvel fez alusão aos “segredos” escondidos entre os “fundos falsos” da documentação, nem sempre perceptíveis no primeiro olhar. Foi a partir de uma leitura minuciosa de fontes diversas, combinada com o diálogo estabelecido com a historiografia pertinente, que surgiram os questionamentos, os contrastes, a complementação... chaves com as quais se abriram alguns compartimentos da história política caetiteense, reveladores de

importantes articulações mantidas no sertão frente aos caminhos políticos da Bahia na Primeira República.

De forma um tanto maleável, pode-se dizer que o escritório de Deocleciano Teixeira, logo à entrada do sobrado (pelo lado esquerdo), foi um dos seus lugares “de decisões”. Certamente, ali, estratégias se estabeleceram, cartas foram escritas, despesas foram registradas e as atividades econômicas foram administradas. Entre estas, destacaram-se os empréstimos de dinheiro, a representação de firmas comerciais de capitais brasileiras e os negócios com a criação de gado. Tais atividades, somadas aos arranjos matrimoniais que envolveram aquela família, a posse de largas extensões de terras e a influência política, foram imprescindíveis no delinear da eminência dos sujeitos em questão. Nesse espaço, os móveis vazios ganharam funcionalidade quando ocorreu a lembrança da biblioteca, dos livros contábeis e dos diversos papéis administrados por aquela família. Com as janelas voltadas para a Praça da Catedral, foi possível imaginar aquele momento em que os olhos baixos se desviaram dos papéis, para contemplar a vida que se passava além daquelas vidraças. Que visões eram possíveis? Pessoas se dirigindo à missa; aguadeiros (as) com suas latas d’água equilibradas na cabeça; transeuntes de todas as classes e cores atravessando a rua; a chegada ou saída dos viajantes que inevitavelmente passavam por ali; a travessia de uma boiada; a passagem dos bruaqueiros em direção à antiga feira; homens arranchando suas montarias, cangalhas e fardos nos entornos da pracinha; as procissões; desfiles cívicos e festividades públicas; noivas chegando à Igreja; crianças brincando...? Considerando ainda o quadro socioeconômico do alto sertão da Bahia entre fins do XIX e as primeiras décadas do século XX, marcado por longas estiagens, crises econômicas, grandes fluxos emigratórios para o Sul brasileiro, pobreza e mendicância, pode-se afirmar que as vivências registradas nas linhas centrais ou nas franjas da documentação permitiram imaginar outras inúmeras cenas, rastros da travessia de sujeitos diversos.

Subindo alguns degraus, chegou-se à parte mais antiga do sobrado através da sala intitulada “de reuniões” ou “dos homens”. Sem ater-se tanto aos espaços formalmente delimitados, os quais acredita-se terem sido transitados por homens e mulheres, esta sala chamou especial atenção pelas sacadas das janelas, também voltadas à praça central da cidade e utilizada para discursos públicos. De acordo com o jornal *A Penna*, foi de lá que discursou Góis Calmon quando esteve em Caetité na campanha política de 1928. Na ocasião, parafraseando o jornal, o povo aglomerou-se em frente à casa do chefe político, ocupando quase toda a vasta área que ficava entre a catedral e a

Rua 2 de Julho, atraído pelo som da filarmônica caetiteense e o espocar de fogos de artifícios. Inevitavelmente esse espaço remete aos acontecimentos de ordem pública e aos discursos construídos em torno dessa família. Nessa perspectiva, salientou-se a importância das alianças mantidas com a imprensa local. A partir da atuação do jornalista João Gumes e da publicação de matérias que favoreceram os interesses do “velho chefe” e do seu grupo aliado, essa imprensa assumiu a opinião política de Deocleciano Teixeira e no contexto das acirradas disputas de 1923, fez efervescer a oposição a *seabristas*, propagandeando o candidato Góis Calmon como “a solução dos problemas dos sertões”. Da mesma forma, destacou-se o papel da imprensa caetiteense na veiculação de uma “boa imagem” de Deocleciano Teixeira e da sua família pelos destinos alcançados por tais discursos enaltecendores, colaborando ainda para alicerçar uma memória cidadina ligada aos seus membros mais influentes.

Na sala seguinte, a máquina sobre a mesa de costura e o bandolim lembram a importância das mulheres nos arranjos familiares bem como as suas atuações em espaços que estavam além do âmbito doméstico. A vitrola do século XIX, também posicionada na mesma sala, fez lembrar os bailes e reuniões sociais ocorridas no sobrado dos Teixeira, momentos que certamente também serviram para “arranjar” casamentos, estabelecer acordos políticos, comemorar acontecimentos diversos, como a reinauguração da Escola Normal em 1926, entre outras ocasiões que realçaram a eminência dessa família em Caetité. Mas, nem sempre a vitrola, girada a manivela, foi o som predileto. Em ocasiões festivas, também se observou a contratação de músicos e outros trabalhadores.

Mais alguns passos e já se avista o quarto de Deocleciano Teixeira e Anna Spínola. Pendurada na porta de entrada desse quarto, a taca (chicote) de couro lembra que a montaria foi o principal meio de transporte do sertão até as primeiras décadas do século XX. Isso não impediu, entretanto, o contato intenso com regiões distintas. Conforme se discutiu, apesar da precariedade das estradas e da falta de outros meios de transporte mais eficazes, transações comerciais e políticas foram mantidas entre Caetité e algumas capitais, especialmente Salvador e Rio de Janeiro. Tais interações marcaram-se pelo constante ir e vir de pessoas, correspondências e mercadorias e se expressaram pelo contingente de documentos produzidos pela família em questão, nos quais ainda existem tantas articulações a serem exploradas. Fragmentos dessa interação são traduzidos no olhar seguinte, quando se avista, logo adiante, a cabideira do quarto, onde estão expostos o chapéu-coco do “velho chefe”, comprado na Antiga Rua do Ouvidor,

no Rio de Janeiro. No interior desse chapéu encontra-se a assinatura do proprietário, grafada a próprio punho em caneta-tinteiro. Ao lado, uma cartola importada e uma elegante bengala com o nome do político cunhado na parte metálica. Cotejando os objetos e informações presentes ao longo do texto, pode-se dizer que a carreira exitosa de Deocleciano Teixeira só foi possível graças aos apoios e às alianças mantidas com políticos influentes, tanto na Bahia, quanto em outros estados. Estes atuaram como verdadeiras “bengalas” na sua trajetória, favorecendo, por exemplo, o controle de alguns cargos públicos para barganhas ou interesses que lhes convinham, especialmente nos estratégicos anos que antecederam a vitória política de 1924.

Mais alguns quartos de solteiro, fotografias da família, livros, o diploma de engenharia do filho Nelson e os quadros de Rogociano Teixeira, trazem para o cerne as discussões em torno dos caminhos traçados para os filhos de Deocleciano a fim de que estes alcançassem boas colocações na sociedade baiana. Com a vitória de 1924, tal objetivo foi concretizado e a influência de alguns deles favoreceu a consolidação do poderio do grupo político ligado aos Teixeira no alto sertão da Bahia. Como aspecto de grande relevância, destacou-se também a importância das redes de influências mediadas pelo irmão (e aliado) que residia na capital brasileira: Rogociano Teixeira, um personagem à parte, cuja relevância nesse contexto ainda permanece pouco explorada.

Lavatórios, toucadores, cozinha, louças inglesas, talheres de prata entre outros objetos e espaços ainda foram percorridos até que se chegasse ao quintal, onde ficam os porões da casa, uma extensão da cozinha e uma dispensa. Nesse último cômodo, onde a umidade da parede não esconde a necessidade do uso do sal para a conservação de alguns alimentos, foi possível refletir sobre a provisão que vinham das fazendas: requeijão, carnes, milho, feijão, leite, entre outros tantos mantimentos... São traços de uma região em que as fronteiras entre o rural e o urbano eram ainda muito indefinidas, o que se observou em situações diversas. Mais adiante, um pequeno portão de madeira delimita a entrada “pelos fundos da casa”, bem ao lado da chamada “casa dos arreios”. Sem dúvidas, as vivências desses espaços chamaram atenção para os trabalhadores diversos, como os camaradas, os vaqueiros, as cozinheiras, as lavadeiras, entre outros que afirmaram sua importância mesmo numa documentação de cunho elitista. A presença desses homens e mulheres é como um barbante que se amarra no dedo, para lembrar que ainda há muitas histórias a serem contadas...

## **FONTES E BIBLIOGRAFIA**

### **Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC)**

#### **Correspondências Pessoais:**

Acervo Particular da Família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira  
Grupo: Deocleciano Pires Teixeira  
Série: Correspondências pessoais  
Caixas: 1, 2, 3 e 4.

Acervo Particular da Família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira  
Grupo: Edvaldo Teixeira Ladeia  
Série: Correspondências pessoais  
Caixa: 1.

Acervo Particular da Família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira  
Grupo: Filhos de Deocleciano Pires Teixeira  
Série: Correspondências pessoais  
Caixas: 1

Acervo Particular da Família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira  
Grupo: Rogociano Pires Teixeira  
Série: Correspondências pessoais  
Caixas: 1, 2 e 3.

Acervo Particular da Família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira  
Grupo: Celsina Teixeira  
Série: Correspondências pessoais  
Caixas: 1 e 2.

Acervo Particular da Família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira  
Grupo: Anna Spínola Teixeira  
Série: Correspondências pessoais  
Caixas: 1

#### **Livros Contábeis:**

Acervo Casa Anísio Teixeira.  
Grupo: Livro Caixa.  
Série: Registros Contábeis.  
Caixa: 1,2 e 3

#### **Atas da Câmara Municipal de Caetité:**

Acervo da Câmara Municipal.  
Grupo: Secretaria da Câmara. Série: Atas.  
Caixa: 01.

#### **Atas eleitorais:**

Acervo do Cartório de Feitos Cíveis e Criminais.

Série: Autos Cíveis.

Subsérie: Atas das eleições.

Data-limite: 1915-1927.

Nº de ordem: 17.

### **Cartões Postais:**

Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira.

Grupo: Iconografia.

Série: Cartões Postais.

### **Fotografias:**

Acervo Particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira.

Grupo: Fotografias Diversas

Caixa: 13.

### **Jornais:**

Jornal *A Penna*. Exemplares de 1912-1932.

### **Casa do Barão de Caetité (Acervo Particular):**

Acervo Casa do Barão de Caetité.

Grupo: Quincas.

Série: Correspondências Pessoais.

Caixa: 01

Acervo Casa do Barão de Caetité.

Grupo: Não há.

Série: Correspondências Maria Vitória (Yayá).

Caixa: 01.

Acervo Casa do Barão de Caetité.

Grupo: Família Spínola Teixeira.

Série: Correspondências. Caixa: 01.

Acervo Casa do Barão de Caetité.

Grupo: Sem identificação de destinatário.

Série: Correspondências.

Caixa: 01

### **Fundação Getúlio Vargas (FGV):**

Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Arquivo: Anísio Teixeira

Classificação: AT c 1922.03.06

Data: 06/02/1922 a 18/08/1930

Qtd de documentos 48 (199 fl.)

**Fundação Casa Rui Barbosa:**

Base de dados do Arquivo Pessoal de Rui Barbosa

Disponível em [www.casaruibarbosa.gov.br](http://www.casaruibarbosa.gov.br), consultado em 11/02/2011.

**Biblioteca Pública dos Barris:**

Jornal *A Tarde*. Salvador, 16/04/1955

**Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB):**

Sessão: Judiciário.

Série: Inventários.

ID: Mariana de Souza Spínola Teixeira.

Classificação: 05/2083/2554

Sessão: Judiciário.

Série: Inventários.

ID: Antônio José Teixeira.

Classificação: 05/2150/2619

Sessão: Judiciário,

Série: Inventários

ID: Deocleciano Pires Teixeira

Classificação: 08/3550/02

**IBGE:**

Censo Demográfico de 1940

Coleção de Monografias. Série B, nº 24. 3 de novembro de 1962.

**Literatura Regional:**

GUMES, Marieta Lobão. Caetité e o Clã dos Neves, 1975.

LIMA, Francisco Fagundes. Os Expatriados. Romance dos Costumes Sertanejos desenrolado na cidade de Caetité. 1920. p. 3. Museu Regional de Vitória da Conquista.

NEVES, Flávio. Rescaldos de Saudade. Belo Horizonte: Academia Mineira de Medicina, 1986.

SANTOS, Helena Lima. Caetité Pequena e Ilustre, 2 ed. Tribuna do Sertão: Brumado, 1997.

**Documentos avulsos:**

Jornal *A Semana*. nº 15. Vitória da Conquista, 12/03/1926.

VIANA, Anibal Lopes. *Revista Histórica de Conquista*. Composta e impressa na Gráfica do Jornal de Conquista. Vitória da Conquista, 1982.



Agenda Pastoral da Diocese de Caetité, 2011

**Livros, Artigos, Dissertações e Teses:**

BURKE, Peter. A história como memória social. *in*: Variedades de História Cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual. *Revista Scielo*. V. 40. Nº 2. Rio de Janeiro, 1997.

\_\_\_\_\_. Cidadania no Brasil. O longo Caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. 1. Artes de Fazer. Petrópolis, Rj: Vozes, 2008.

CHARLE, Christophe. Como anda a história social das elites e da burguesia? Tentativa de balanço crítico da historiografia contemporânea. *In*: HEINZ, Flávio M. (org.) Por outra história das elites. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 2006.

CONNIFF, Michael L. A Elite Nacional. *In*: HEINZ, Flávio M. (org.) Por outra história das elites. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 2006.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário. Na Oficina do Historiador: Conversas Sobre História e Imprensa. *In*. Revista Projeto História. Nº 35. São Paulo: Educ, Dezembro/2007.

DIAS, Maria Odila Silva. Hermenêutica do Quotidiano na Historiografia Contemporânea. *In*: Revista Projeto História, Nº 17. São Paulo. Nov/1998.

ESTRELA, Ely Souza. Os Sampauleiros: cotidiano e representações. São Paulo: Humanitas /. FFCLC/USP; Fapesp; Educ, 2003.

FELDHUES, Paulo Raphael - Modernidade, Cultura e Poder: Aspectos da cidade do Recife durante o Estado Novo - *Revista Eletrônica História em Reflexão*: Vol. 2, n. 3 – UFGD - Dourados Jan/Jun 2008.

FERREIRA, Elisângela Oliveira. Entre Vazantes, Caatingas e Serras: trajetórias familiares e uso social do espaço no sertão do São Francisco, no século XIX. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2008. 404 p.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? Lisboa: Vega/Passagens, 1992. p.147.

FRAGOSO, João Luis Ribeiro *et al* (org.). Conquistadores e Negociantes. História de Elites no Antigo Regime nos trópicos. América Lusa, Séculos XVI a XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FREIRE, Jonis. Escravidão e Família Escrava na Zona da Mata Mineira Oitocentista. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP. 2009. 346 p.

GOMES. Ângela de Castro. Nas Malhas do Feitiço; o historiador e o encanto dos arquivos privados. In: Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 21, p. 121-127, 1998.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, Escrita da História. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GONTIJO, Rebeca. “Paulo Amigo”: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In: GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, Escrita da História. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Cidades da mineração – memórias e práticas culturais – Mato-Grosso na primeira metade do século XX. Cuiabá. EdUFMT, 2006.

HEINZ, Flávio M. (org.) Por outra história das elites. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 2006.

HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (Orgs.). A invenção do Brasil moderno. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HORTA, Cid Rebelo. Famílias Governamentais de Minas Gerais. In: Análise & Conjuntura. Belo Horizonte. Maio/Agosto, 1986.

IVO, Isnara Pereira. Babilônia Confusa: sertões em conflito e interligados ao mundo atlântico. Simpósio Internacional de Estudos sobre América Colonial. Anais eletrônico, Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto Editora; Editora PUC Rio, 2006.

LEAL, Vitor Nunes. Coronelismo, Enxada e Voto. 3ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. E a Bahia civiliza-se... Ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana. Salvador 1912-1916. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

LOVE, J. L.; BARICKMAN, B. J. Elites Regionais. In: HEINZ, Flávio M. (org.) Por outra história das elites. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 2006. p. 77-97.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos *periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006.

MACIEL, Laura Antunes. Produzindo Notícias e Histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880-1920. In: Muitas Memórias, Outras Histórias. São Paulo: Olho d'Água, 2005.

MALUF, Marina. Ruídos da Memória. São Paulo: Siciliano, 1995.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. Imprensa e Cidade. São Paulo: Unesp, 2006.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. Bahia, Século XIX: Uma Província no Império. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992.

MAUAD, Ana Maria; MUAZE, Mariana. A escrita da intimidade: história e memória no diário da viscondessa do Arcozelo. In: GOMES, Ângela de Castro (org). Escrita de si, Escrita da história. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

MONTEIRO, Lorena. Estudos de Elites Políticas e Sociais: As contribuições da Sociologia e da História. Revista Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 25-32, jan./jun. 2009.

NEVES, Erivaldo Fagundes. Uma Comunidade Sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (um estudo de história regional e local). Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia; Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 1998.

\_\_\_\_\_. Estrutura Fundiária e Dinâmica Mercantil. Alto Sertão da Bahia, séculos XVIII e XIX. Salvador/Feira de Santana: EDUFBA/UEFS, 2005.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. Negócios de Famílias: mercado, terra e poder na formação da cafeicultura mineira, 1780-1870. Bauru: Edusc; Juiz de Fora: Funalfa, 2005.

PAES, Jurema Mascarenhas Paes. Tropas e Tropeiros na primeira metade do século XIX no Alto Sertão Baiano. Dissertação de Mestrado em História Social (UFBA): 2001. 165p.

PANG, Eul-Soo. Coronelismo e Oligarquias. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1979.

PIRES, Maria de Fátima Novais. O crime na cor: escravos e forros no Alto Sertão da Bahia (1830-1888). São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

\_\_\_\_\_. Fios da Vida: Tráfico interprovincial e alforrias. Escravos e ex-escravos nos sertains de sima. Rio de Contas e Caetité – BA (1860-1920). São Paulo, Annablume, 2009.

\_\_\_\_\_. História, historiografia e historicidade: tempos históricos, tempo presente. In: Caderno de resumos & Anais do 4º. Seminário Nacional de História da Historiografia: tempo presente & usos do passado. Ouro Preto: EdUFOP, 2010.

PROCHASSON, Christophe. "Atenção: Verdade!" Arquivos Privados e Renovação das Práticas Historiográficas. In: Revista de Estudos Históricos. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, n. 21, 1998.

REIS, Joseni Pereira Meira. Instâncias Formativas, Modos e Condições de Participação nas Culturas do Escrito: O Caso de João Gumes (Caetité-Ba, 1897-1928). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2010. 194 p.

REIS, Maria da Conceição Souza. O Sampauleiro: romance de João Gumes. Tese de Doutorado em Letras. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2004. 520 p.

RÉMOND, René (org.). Por uma história política. Rio de Janeiro. FGV, 2003.

RIBEIRO, Marcos Profeta. Mulheres e Poder no Alto Sertão da Bahia: A Escrita Epistolar de Celsina Teixeira Ladeia (1921-1927). Dissertação de Mestrado. PUC São Paulo: 2009. 157 p.

ROCHA, Nádía Maria Dourado *et al.* A Faculdade de Medicina da Bahia no Século XIX: A Preocupação com Aspectos de Saúde Mental. Gazeta Médica da Bahia. Jul-Dez. 2004.

SAMPAIO, Antonio Carlos Jucá de. Famílias e Negócios: a formação da comunidade mercantil carioca na primeira metade do setecentos. In: FRAGOSO, João Luis Ribeiro *et al* (org.). Conquistadores e Negociantes. História de Elites no Antigo Regime nos trópicos. América Lusa, Séculos XVI a XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

SAMPAIO, Consuelo Novais. Os Partidos Políticos da Bahia na Primeira República. Salvador: Edufba, 1998.

SAMPAIO, Teodoro. O rio São Francisco e a Chapada Diamantina. Salvador: Imprensa Gráfica da Bahia, 1998.

SANTOS, Márcio Roberto Alves. Fronteiras do Sertão Baiano: 1640-1750. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2010. 443 p.

SANTOS, Paulo Henrique Duque. Cidade e Memória: dimensões da vida urbana. Caetité, 1940-1960. Rio de Janeiro, 2001. (Mestrado em História Social), UNIRIO. 203p.

\_\_\_\_\_. Manifestações Modernizadoras no alto sertão baiano – Caetité (1910-1920). Anais do VI Simpósio Nacional Estado e Poder: Cultura. Universidade Federal de Sergipe - UFS, Aracaju (SE). 2010.

SARMENTO, Sílvia Noronha. A raposa e a águia: J.J. Seabra e Rui Barbosa na política baiana da Primeira República. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador. 2009.143 f.

SILVA, Pedro Celestino da Silva. Notícias Históricas e Geográficas do Município de Caetité. Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Nº 58, Seção Gráfica da Escola de A. Artífices da Bahia, 1932.

SIQUEIRA, Carla. A Imprensa Comemora a República. *In*: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 7, n. 14, 1994, p. 161-181.

TERUYA, Marisa Tayra. A família na historiografia brasileira, bases e perspectivas de análise. Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Belo Horizonte, 2000.

**ANEXO 1: Tabela dos resultados da segunda seção eleitoral de Caetité (1915-1923)**

<b>Data</b>	<b>Tipo de Eleição</b>	<b>Número de Eleitores Presentes</b>	<b>Número de Eleitores Ausentes</b>	<b>Candidatos</b>	<b>Número de votos por candidato</b>
29/12/1915	Governador da Bahia	118		Antônio Muniz	118
1/03/1918	Presidente, Vice Presidente e Senador			Francisco de Paula Rodrigues Alves (P)	61
				Nilo Peçanha (P)	2
				Delphino Moreira (VP)	64
				Doutor Miguel Calmon (VP)	1
				José Joaquim Seabra (S)	63
				Coronel José Antônio Rodrigues Lima	1
13/04/1919	Presidente (Em virtude do falecimento de Francisco de Paula)	51		Ruy Barbosa	51
29/12/1919	Governador da Bahia	115		José Joaquim Seabra	63
				Doutor Paulo Martins Fontes	52
18/01/1920	Eleição para uma vaga na Câmara dos Deputados Estaduais	98	19	Dr. Antônio [sic] da Silva Borges	95
				Cônego Luis Pinto Bastos – 3 votos	3
13/06/1920	Eleição para uma vaga no senado da Bahia, pela renúncia de J.J. Seabra	67	26	Antônio Muniz	65
				Cel. José Antônio Rodrigues Lima	1
				Dr. Arlindo Baptista Leone	1
22/08/1920	Eleição para Intendente Municipal em Caetité	106	17	José Antônio de Castro Tanajura	105
				Cel. José Antônio Rodrigues Lima	1
05/09/1920	Eleição para Vice – Presidente (Em virtude do falecimento de Delphim Moreira )	36	86	Dr. Francisco Alves Bueno de Paiva	31
				Conselheiro Braulio Xavier	1
20/02/1921	Eleição para Deputado Federal	83	38	Conselheiro Braulio Xavier	106
				Dr. Pomphilo Dutra [sic] de Carvalho	69
				Francisco Xavier Ferreira Marques	59

				Mario Hermes de Franca	58
				Eugenio Gonçalves Tourinho	34
				Pedro Leão Velloso Filho	4
				Dr. Elpídio Pereira Mesquita	2
20/02/1921	Eleição para Senador Federal	83	38	Antônio Moniz	72
				Doutor [sic] Rodrigues Vianna	1
				<b>Cédulas em branco</b>	<b>10</b>
20/06/1921	Eleição para Senador Federal	38	80	Conselheiro Ruy Barbosa	38
13/11/1921	Eleição para Intendente Municipal em Caetité	125	13	José Antônio de Castro Tanajura	120
				Professor Antonyno Soares Publio	5
01/03/1922	Eleição para Presidente e Vice – Presidente	145	31	Nilo Peçanha (P)	103
				Artur Bernardes	38
				José Joaquim Seabra (V.P)	102
				Urbano Santos	35
				Miguel Calmon	1
				Borges de Medeiro	1
20/08/1922	Eleição para Vice – Presidente (Em virtude do falecimento de Urbano Santos)	52	115	Dr. Estácio de Albuquerque Coimbra	51
				Miguel Calmon	1
04/02/1923	Eleição para Deputado da Câmara e Senador	146	19	Dr. Affonso de Castro Tanajura Guimarães (D)	105
				Cel. Armando Sebrão Velloso (D)	92
				Dr. Vitorino da Silva Tosta (D)	83
				Dr. Antônio Pereira de Souza Moacyr	106
				Cons. Bráulio Xavier da Silva Pereira	101
				Dr. José Batista Pereira Marques	91
11/11/1923	Eleição para Intendente Municipal em Caetité e Conselheiros	128		Octacílio Rodrigues Lima (I)	128
				José Antônio de Castro Tanajura (C)	81
29/12/1923	Eleição para Governador da Bahia	153		Francisco Marques de Góis Calmon	153

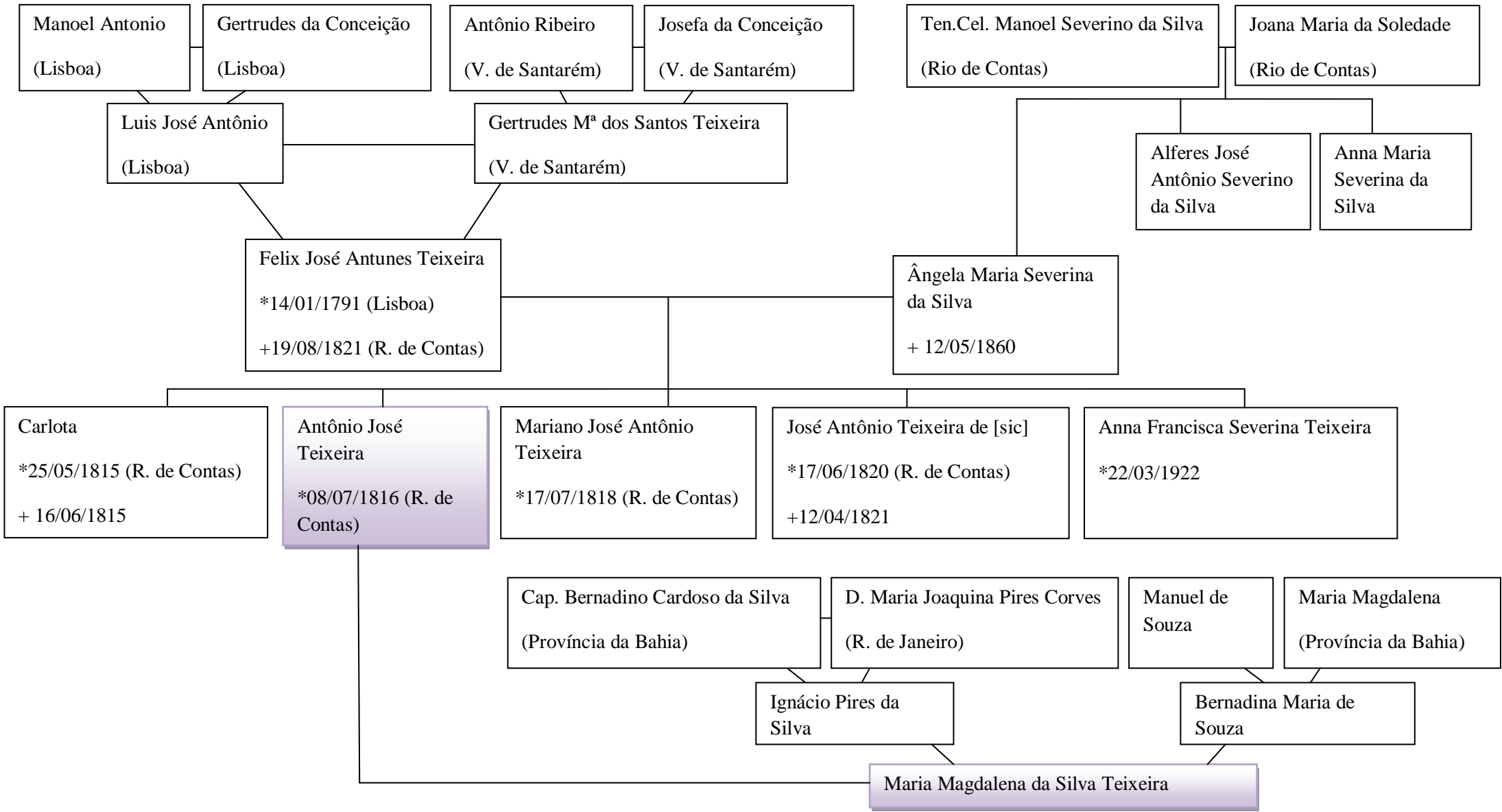
Legenda: (P): Presidente (VP): Vice- Presidente (S) Senador (D): Deputado (I): Intendente (C): Conselheiro

Candidatos apoiados pela oposição (ligados à família Teixeira): Deocleciano Teixeira

Candidatos apoiados pelo grupo situacionistas (ligados à família Tanajura)

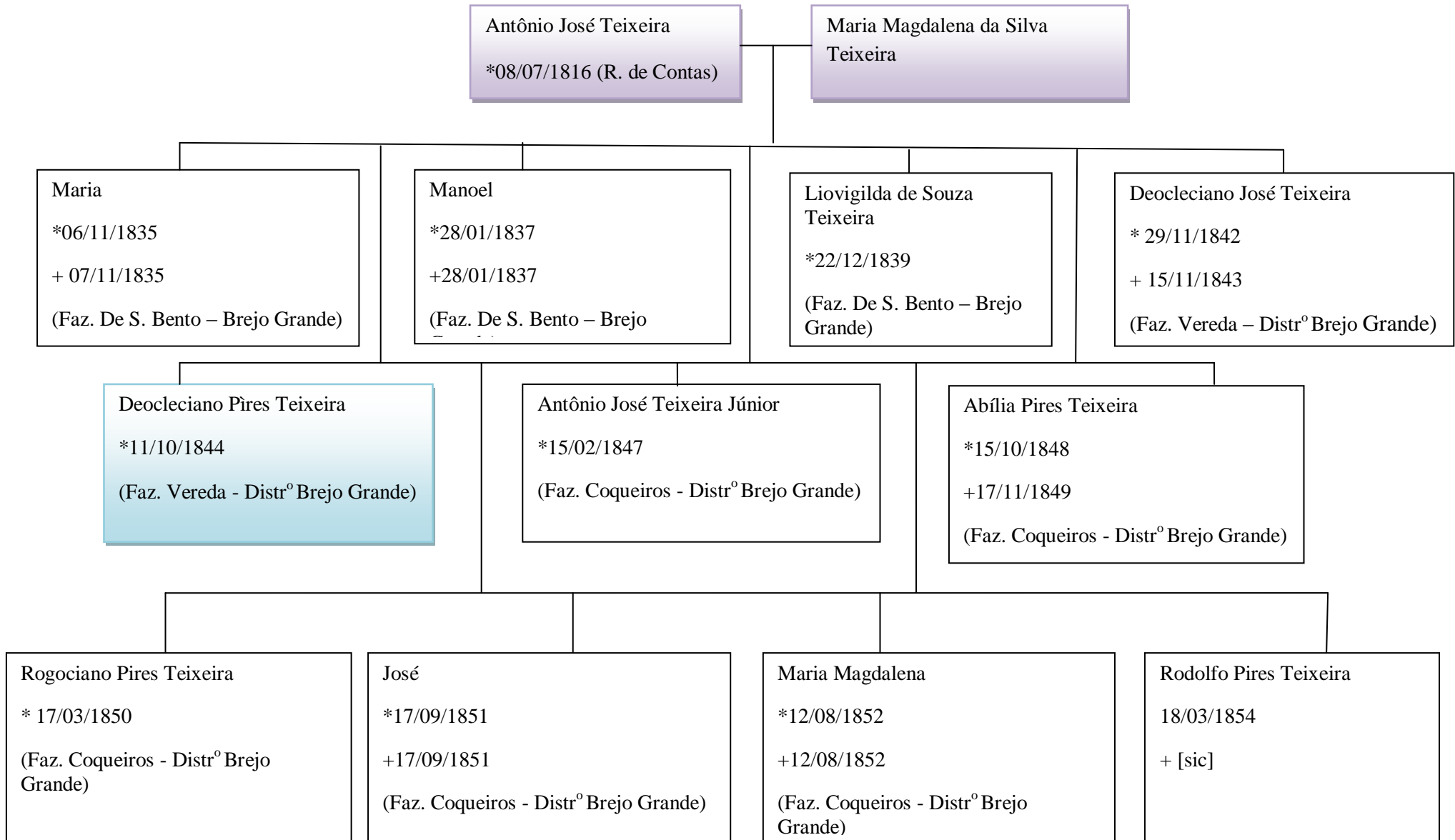
Fonte: Fundo: Cartório de Feitos Cíveis e Criminais. Série: Autos Cíveis. Subsérie: Atas das eleições. Data-limite: 1915-1927. nº de ordem: 17.

**ANEXO 2: Árvore Genealógica da Família Teixeira (parte 01)**





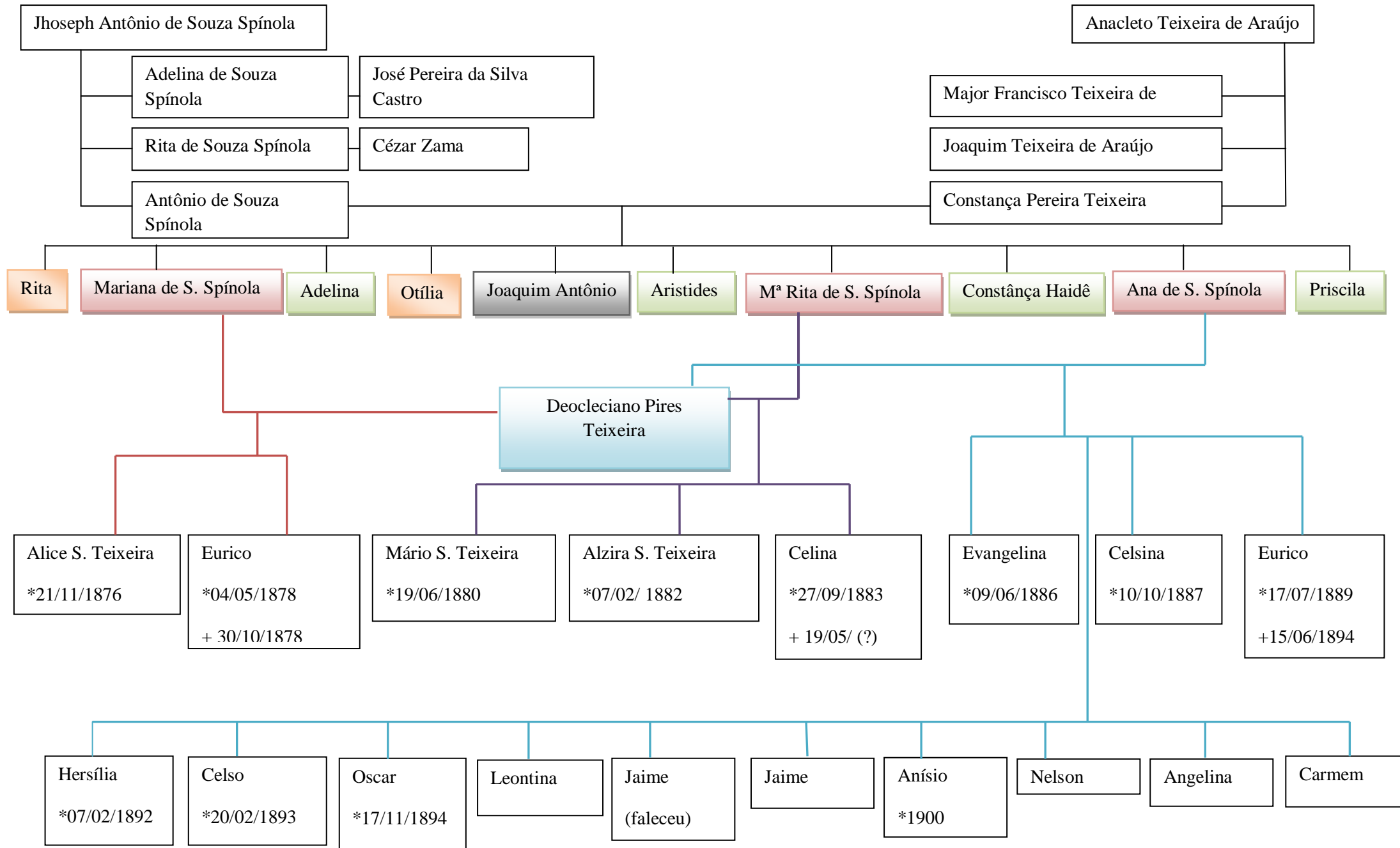
## ANEXO 2: Árvore Genealógica da Família Teixeira (parte 02)



Fonte: APMC: Fundo: Acervo Casa de Anísio Teixeira. Série: Registros Contábeis. Grupo: Livro Caixa. Caixa: 03, Maço: 13.\*

\* A árvore genealógica foi montada a partir de anotações deixadas pelo pai e pelo avô de Deocleciano Teixeira ao final de um caderno de registros contábeis.

### ANEXO 3: Árvore Genealógica da Família Spínola Teixeira



**Legenda:**

Filhas casadas, mas, sem herdeiros (filhos)



Filhas que se casaram com Deocleciano Teixeira



Filhos celibatários



Filho que se casou e deixou outros herdeiros netos



Filhos do primeiro casamento de Deocleciano Teixeira



Filhos do segundo casamento de Deocleciano Teixeira



Filhos do terceiro casamento de Deocleciano Teixeira

Fonte: SANTOS, Helena Lima. Caetité Pequena e Ilustre, 2 ed. Tribuna do Sertão: Brumado, 1997.

APEB. Sessão: Judiciário. Série: Inventários. ID: Mariana de Souza Spínola Teixeira. Est. 05, cx. 2083, maço: 2554, doc. 10. 1878. Auto com 46 fls.

APEB. Sessão: Judiciário. Série: Inventários. ID: Antônio José Teixeira. Est. 05, cx. 2150, maço: 2619, doc. 04. 1886. Auto com 120 fls.